10 anos
revista
Barbante

VOL. X - Nº 52 - 29 DE JANEIRO DE 2023
ISSN 2238-1414

Educação Especial para alunos com superdotação: um breve estudo em contexto sergipano

Página 06

Palavras aos leitores e às leitoras

Iniciamos mais um ano! E que neste ano de 2023 possamos estar juntos fazendo e levando literatura para os quatro cantos do mundo! Sabemos que não é tarefa fácil criarmos o hábito da leitura, mas com textos que nos levam para outros mundos e nos faz criarmos outros mundos dentro e fora da gente quem sabe possamos trazer mais leitores para a nossa querida Barbante!

Esperamos que neste novo ano a Barbante possa crescer mais ainda com a motivação dos nossos colaboradores e dos nossos conselheiros editoriais acreditando que o trabalho em conjunto engrandece o homem e faz parte de um coletivo literário que unido pode fazer das letras instrumento de paz mundial e interior às almas carentes de leituras delicadas.

Há na vida sempre um momento em que nos deparamos com uma boa leitura e que esta seja encontrada aqui nas nossas páginas por algum leitor esquecido num desses lugares em que as horas insistem em adormecerem os relógios.

Neste volume, a Barbante conta com as ilustrações do nosso querido artista plástico Ansilgus com as suas telas sobre o mar e um engenho da zona canavieira norte do estado de Pernambuco seu lugar de nascimento que traz beleza singular nas pinceladas e no seu olhar belo de poeta da imagem.

As seções desta edição estão distribuídas em Artes Visuais, Artigos, Cartas, Crônicas, Contos, Crônicas, Poemas e Resenhas. Temas e olhares variados dão a este número um caráter bem abrangente e especial, em tempos em que se faz tão necessário capturar todas as possíveis esperanças de um mundo melhor.

A Barbantinha cresceu tanto que tornou-se uma revista independente. Agradecemos aos nossos colaboradores mirins que ao longo de dois anos contribuíram e embelezaram as suas páginas. Continuamos recebendo colaborações para a nova revista.

Além da contribuição de diversas pessoas nas seções citadas, contamos com a presença de nossos colunistas fixos: Araceli Otamendi, Márcia Batista Ramos, Rosa Regis e Rosângela Trajano. Nossa gratidão a vocês por caminharem com a Barbante.

Agradecemos aos/às nossos/as colaboradores/as e desejamos uma bela leitura a vocês,

Feliz 2023!

Rosângela Trajano

Monalisa Carrilho de Macedo

Samuel de Mattos

Artes visuais

Assentada nas flores
Acrílico sobre tela
24cm x 30cm
Ana Paula Gomes
2023

Artigos

EDUCAÇÃO ESPECIAL PARA ALUNOS COM SUPERDOTAÇÃO: UM BREVE ESTUDO EM CONTEXTO SERGIPANO

Lucineide Dias Lopes Faria[1]

RESUMO: Este artigo pretende analisar a recepção de alunos com altas habilidades/superdotação (AH/S) no Atendimento Educacional Especializado (AEE) no contexto da escola pública. Isto é, objetiva refletir sobre o processo de inclusão nas práticas pedagógicas ou do atendimento educacional especializado na escola de ensino regular. Nesse sentido, assume a pesquisa de tipo bibliográfico e a abordagem qualitativa, a fim de analisar dados gerados em uma pesquisa envolvendo alunos com superdotação que tiveram acesso ao AEE tanto em núcleos de atividades de AH/S quanto em salas de recursos multifuncionais. *Grosso modo*, a discussão dos resultados aponta que, apesar da defasagem educacional em muitas escolas brasileiras e dos dispositivos legais, há espaços escolares em que a cultura e a realidade educacional das pessoas com superdotação são levadas a sério.

Palavras-chave: Superdotação. Aluno com altas habilidades. Escola inclusiva.

ABSTRACT: This article intends to analyze the reception of students with high skills/giftedness (AH/S) in Specialized Educational Service (AEE) in the context of public schools. That is, it aims to reflect on the process of inclusion in pedagogical practices or specialized educational assistance in regular schools. In this sense, it assumes bibliographic research and a qualitative approach, in order to analyze data generated in a research involving gifted students who had access to ESA both in centers of AH/S activities and in rooms with multifunctional resources. Roughly speaking, the discussion of the results points out that, despite the educational gap in many Brazilian schools and the legal provisions, there are school spaces in which the culture and educational reality of gifted people are taken seriously.

Key words: Giftedness. Student with high skills. Inclusive school.

1. INTRODUÇÃO

No cenário brasileiro de 1971, o tema das altas habilidades ou superdotação de alunos já figurava na lista das necessidades para a criação de políticas públicas educacionais. A Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, fixava algumas bases para o ensino do 1º e 2º graus no tocante a essa problemática. Dentre outras coisas, alguns questionamentos se faziam presentes sobre qual tipo de público era esse, quais eram os seus reais perfis e o que demandavam dos governos em termos de educação formal (METTRAU; REIS, 2007). O interesse por atender a essa demanda educacional parecia pender, inicialmente, para a descrição e caracterização desse

1 Especialista em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade Regional no Centro Sul de Sergipe (FARSUL), Polo de Cristinápolis - SE.

tipo de público, para, em seguida, ser possível realizar um diagnóstico e um plano de ações educacionais adequados.

De acordo com Pérez e Freitas (2011), a existência de discentes com superdotação, apesar de ser conhecida legalmente pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1971, ainda é mal compreendida, quando não raro é desrespeitada por parte dos órgãos educacionais brasileiros e produções científicas diversas. Por isso, muitas vezes, ao contrário do que se pode esperar, esse público não é reconhecido como parte daquele que deve receber Atendimento Educacional Especializado (AEE). Mesmo sendo legalmente consolidado, o direito de alunos/as com superdotação receberem um tratamento educacional inclusivo é taxado como desnecessário porque por ele atravessam vários mitos e crenças populares (PÉREZ; FREITAS, 2011).

Diante desse contexto, consideramos relevante, na atualidade, a persistência na produção de pesquisas que investiguem as múltiplas visões sobre o fenômeno em questão. Quando se fala em educação especial e inclusiva, normalmente, temos um modo muito simplista de concebê-la: uma educação voltada para grupos sociais vulneráveis, compostos por sujeitos de traços geralmente taxados como negativos. Porém, apesar de discentes com superdotação apresentarem características intelectuais e cognitivas reconhecidamente positivas, a sua realidade não deixa de ser um entrave na prática pedagógica de muitas escolas regulares.

Inseridos na realidade acadêmica, temos a missão de promover pesquisas que dialoguem com fatos cotidianos, a fim de entendermos os motivos pelos quais determinados sujeitos sofrem mais rejeição do que outros no ambiente escolar. Nasce daí o nosso trabalho, cuja pergunta norteadora é a seguinte: como se dá a recepção de alunos com altas habilidades/superdotação no Atendimento Educacional Especializado (AEE) no contexto da escola pública de Sergipe, no ano de 2020?

O objetivo geral deste trabalho é, portanto, analisar a recepção de alunos com altas habilidades/superdotação no Atendimento Educacional Especializado (AEE) no contexto da escola pública de Sergipe, no ano de 2020. Dessa forma, nossos objetivos específicos são: i) selecionar artigos publicados em revistas eletrônicas especializadas sobre o tema na realidade educacional sergipana, em 2020; ii) interpretar, positiva ou negativamente, o tratamento educacional oferecido a discentes sergipanos/as com superdotação.

Para realizar o estudo proposto, selecionamos como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica (MARCONI; LAKATOS, 2017) e a abordagem qualitativa (GIL, 2008). Não pretendemos abranger todas as discussões teóricas sobre o assunto, mas consideramos aquelas voltadas às práticas pedagógicas específicas em Sergipe. Também, nosso interesse não recai sobre uma visão quantitativa do processo, pois um comportamento interpretativo compreende uma análise mais ampla acerca do fenômeno estudado. Assim sendo, os critérios de inclusão concernem à busca de artigos na plataforma do Google Acadêmico, publicados no ano de 2020. Em contrapartida, os critérios de exclusão dizem respeito apenas aos materiais que não compreendam a realidade educacional sergipana nem relatem práticas pedagógicas do AEE.

O nosso trabalho está configurado em duas partes principais. Na primeira seção, vamos situar a discussão sobre o fenômeno da superdotação e a realidade educacional de alunos com altas habilidades. Na segunda seção, vamos apresentar os artigos selecionados e discuti-los de um ponto de vista positivo ou negativo, segundo a perspectiva da literatura especializada que reconhece a comunidade superdotada como digna de acesso à educação especial e inclusiva.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Lidar com demandas sociais vinculadas a grupos minoritários sempre foi uma grande dificuldade para o cotidiano e o planejamento escolar. Apesar das leis que regem este país, leis estas que orientam os governos e as comunidades escolares a enfrentarem os desafios da educação, nunca o ambiente escolar parece estar inteiramente preparado para receber e ensinar de forma adequada aqueles sujeitos que possuem necessidades especiais.

No caso de alunos com altas habilidades (AH) ou superdotação (SD), não se sabe exatamente até que ponto as escolas brasileiras dispõem de estrutura, recursos e preparo intelectual para lidar com esse tipo de público. Na maioria das vezes, é o tipo de público que pode passar despercebido aos olhos da equipe pedagógica de qualquer escola, justamente pelo fato de ser diferenciado em relação a outros cujas características são tratadas como negativas ao longo da história.

2.1 O FENÔMENO DA SUPERDOTAÇÃO E SUA REALIDADE EDUCACIONAL

Como, então, descobrir se as escolas brasileiras estão preparadas? Ora, uma pesquisa de grande porte poderia muito bem dar conta dessa instigante curiosidade. No entanto, este trabalho, pelo pouco de espaço e de tempo que dispõe, limitar-se-á ao contexto educacional sergipano. Mas, antes disso, falaremos, de forma breve, sobre o que significa esse fenômeno e seu impacto na educação em geral, com o intuito de compreender melhor os modos de atuação das escolas sergipanas no tocante à recepção de alunos superdotados.

Ao tratar especificamente desse tema e de semelhante abordagem, como a que nos propomos a fazer aqui, Mettrau e Reis (2007) afirmam que, *grosso modo*, o fenômeno da superdotação em crianças e jovens pode ser inicialmente percebido como uma elevação de potencialidades de aptidões, talentos e habilidades, bem como a apresentação de um expressivo nível de desempenho.

2.2 O QUE É A SUPERDOTAÇÃO?

A *Política Nacional de Educação Especial*, divulgada no ano de 1995, define o fenômeno da superdotação como um conjunto de aspectos de alto desempenho em capacidade intelectual geral, aptidão acadêmica específica, pensamento criativo, capacidade de liderança, talento especial para as artes e capacidade psicomotora. Todavia, em um sujeito apenas, esses aspectos podem apresentar-se de forma combinada ou isolada. Segundo Mettrau e Reis (2007), há divergências quanto à nomenclatura mais adequada para denominar o fenômeno. Por exemplo: o que o Conselho Europeu chama de *Altas Habilidades* é, para o Conselho Mundial, conhecido como *Superdotação* ou *Talentos*.

Antipoff e Campos (2010) comentam que Renzulli (1986), engajado na observação das mudanças de concepção sobre a superdotação, aponta que esse fenômeno deve ser concebido a partir da interação entre três fatores: habilidade acima da média (habilidades gerais e específicas), criatividade e motivação (envolvimento com a tarefa). Semelhantemente ao conceito apresentado na *Política Nacional de Educação Especial*, de 1995, essa definição de Renzulli também entende que o sujeito superdotado não necessariamente precisa abranger todas essas características, “mas é fundamental que [elas] interajam em algum grau para que o resultado seja um alto nível de produtividade” (ANTIPOFF; CAMPOS, 2010, p. 302).

Ainda de acordo com essas autoras, fundamentadas em Renzulli (1986), ao contrário do que o senso comum costuma pensar, o fenômeno da superdotação não se manifesta de forma estática ou fixa nas pessoas denominadas de superdotadas. É preciso, sobretudo, observar como se dá a interação entre aspectos individuais e ambientais.

Indo de encontro a conceitos ou definições preestabelecidas do senso comum a respeito do fenômeno da superdotação, com base em estudos científicos realizados, Alencar (2007) comenta:

> O que tem sido apontado por estudiosos das altas habilidades/superdotação é a idéia de que existe um contínuo em termos de habilidades, seja, por exemplo, na área intelectual ou artística, apresentando o superdotado uma ou mais habilidades significativamente superiores quando comparado à população em geral. (ALENCAR, 2007, p. 16).

A proposta de um contínuo para a construção de uma definição do fenômeno parece ser bem mais adequada, visto que indica fluidez e instabilidade, aspectos característicos da superdotação. Se, de acordo com Renzulli (1986 *apud* ANTIPOFF; CAMPOS, 2010), ele não é inato ao ser humano, então, é oportuno pensá-lo como um processo constante de construção de aprendizagens ao longo da vida.

O diferencial de cada sujeito superdotado, nesse sentido, vai se dar por meio dos diferentes tipos de interação vivenciados particularmente. Além disso, os diferentes procedimentos aos quais for submetida a pessoa superdotada, junto aos graus específicos de suas habilidades em potencial, contribuirão para seu desenvolvimento de forma única e original em relação aos seus semelhantes e à população em geral.

2.3 A REALIDADE EDUCACIONAL DAS PESSOAS COM SUPERDOTAÇÃO

O estudo de Pérez e Freitas (2011) vai abordar o tema no contexto da educação básica brasileira, defendendo e apresentando que, com relação aos sujeitos superdotados, há muita desinformação, falta de formação acadêmica e docente nessa área, bem como a ausência de uma representação cultural dessa população. Segundo as autoras, isso se dá porque é significativa a quantidade de mitos (ANTIPOFF; CAMPOS, 2010) e de crenças populares equivocadas sobre este assunto. E, ao observarem que os direitos civis e sociais de tal comunidade são legalmente reconhecidos, as autoras vão analisar quatro aspectos que impossibilitam o atendimento especializado na escola.

De modo geral, os aspectos elencados e analisados pelas estudiosas em tela contemplam questões institucionais e pedagógicas no tocante à invisibilidade. Sim, todos os impasses verificados refletem no processo de apagamento e silenciamento da comunidade de discentes com altas habilidades, prejudicando, assim, seu desenvolvimento. Assim sendo, primeiramente, a desinformação, a inexistência de representação cultural e de formação acadêmica e docente estão implicadas por uma visão de que

> [...] o aluno com AH/SD é **uma pessoa rara**, que **não precisa de nada**, que **se autoeduca**, que **somente existe em classes privilegiadas**, que só pode ser **o aluno nota 10 na sala de aula** e, principalmente, que não é um aluno com necessidades educacionais especiais, pois este termo é equivocadamente reservado aos alunos com deficiência. (PÉREZ; FREITAS, 2011, p. 111, grifos nossos).

Estes são alguns dos grandes mitos a invisibilizarem e silenciarem pessoas com altas habilidades na sociedade brasileira. Landau (1990), citado por Mettrau e Reis (2007), argumenta que o sujeito superdotado, que fica à mercê destas visões equivocadas e não recebe um tratamento educacional adequado, tem suas complexas capacidades adormecidas, fazendo com que sua genialidade não desponte; e, ao contrário do que muitos pensam, o sujeito superdotado não vem ao mundo como tal (ou seja, ninguém nasce superdotado), visto que suas altas habilidades são apenas altas habilidades em potencial, daí a necessidade de serem submetidas a condições educacionais adequadas para o desenvolvimento saudável.

Acerca do mito sobre o inatismo do superdotado, Koshy e Casey (2005, p. 298), citando Clarke, evidenciam:

> Nenhuma criança nasce superdotada – somente com o potencial para superdotação. Embora todas as crianças tenham um potencial surpreendente, apenas aquelas que tiverem a sorte de terem oportunidades para desenvolver seus talentos e singularidades em um ambiente que responda a seus padrões particulares e necessidades, serão capazes de atualizar de forma mais plena suas habilidades.

Ao serem contrários à hipótese ou estereótipo de que o superdotado detém uma herança genética, esses autores, assim como outros que trazemos aqui, só comprovam que ambientes e contextos favoráveis e preparados para a recepção do sujeito com superdotação em potencial são eficazes para o desenvolvimento de suas habilidades diversas. Talvez o melhor lugar seja mesmo a escola, obviamente se forem atendidas as medidas prescritas na lei e nas resoluções aprovadas nacionalmente.

Nesse sentido, uma superdotação em potencial só pode ser aproveitada se houver cuidado e dedicação do campo educacional para o seu florescer. Isso quer dizer que tanto a superdotação quanto uma deficiência auditiva ou condição de surdez, por exemplo, estão no mesmo patamar de necessidades especiais que devem ser respeitadas e atendidas à altura. Caso contrário, em vez de avançar, o cenário educacional só retrocede, dando lugar a mitos e visões infundadas, na ótica da tradição.

De acordo com Antipoff e Campos (2010), um dos fatores que também prejudica o reconhecimento do acompanhamento especializado é falta de consenso sobre se o discente superdotado precisa mesmo desse tipo de atendimento diferenciado. Face a essa problemática, elas comentam:

> Apesar de a proposta da educação inclusiva implicar numa mudança estrutural e cultural nas escolas para que todos os alunos tenham suas especificidades atendidas, a ideia disseminada na prática, de uma forma geral e mais frequente, é a de que se deva incluir aquele indivíduo cujo desenvolvimento ou habilidade seja considerado inferior quando comparado ao desenvolvimento e às habilidades das outras crianças que se encontrem na mesma faixa etária ou nível de desenvolvimento. (ANTIPOFF; CAMPOS, 2010, p. 303).

Essa citação nos leva a refletir sobre o quanto é complexo tentar desmistificar esses pensamentos correntes. Tais pensamentos estão fundados em estereótipos cristalizados culturalmente, em que sujeitos que não apresentam dificuldades de aprendizagem ou desenvolvimento com recorrência são taxados de pessoas

“normais”, para as quais deve ser direcionada pouca atenção, de modo a economizar esforços. E essa economia seria, desta forma, aproveitada para o atendimento àquelas pessoas consideradas anormais ou incomuns (deficientes físicos, cegos, surdos, autistas, etc.).

No desenvolvimento de seu trabalho, Antipoff e Campos (2010) listam cerca de oito mitos que giram em torno do fenômeno da superdotação. São eles: i) a pessoa com altas habilidades destaca-se em todas as áreas do currículo escolar; ii) toda pessoa superdotada tem um quociente de inteligência (QI) elevado; iii) o fenômeno é inato ou é produto do ambiente social; iv) a pessoa superdotada é psicologicamente bem ajustada; v) as crianças superdotadas se tornam adultos eminentes (bem sucedidos); vi) a pessoa superdotada advém de contexto socioeconômico privilegiado; vii) não se deve identificar pessoas superdotadas; viii) a pessoa com altas habilidades não necessita de atendimento educacional especial.

Diante dessas questões, ficamos a pensar que o sujeito superdotado faz parte de um grupo social vulnerável com características bem específicas, visto que os mitos e crenças errôneas acerca dele são dotados de uma visão positiva, mas que se refletem muito negativamente na realidade cotidiana. Essas percepções antecipadas sobre a existência e as condições intelectuais e emocionais da pessoa com altas habilidades criam vários preconceitos e práticas discriminatórias pela via daquilo que é considerado positivo e, por esse motivo, questão de pouco interesse do ponto de vista do investimento das políticas públicas e educacionais.

As reflexões trazidas por Mettrau e Reis (2007), Antipoff e Campos (2010) e Pérez e Freitas (2011) nos ajudam a pensar, também, que são impressionantes as violências sofridas por pessoas superdotadas, especialmente, se analisadas no contexto educacional. Quando se defende, por exemplo, que a pessoa superdotada não é psicologicamente ajustada, ao contrário do senso comum, significa que ela não anda por aí esbanjando saúde física e psicológica. Na verdade, sabe-se que crianças com altas habilidades, por exemplo, podem ter saúde emocional instável pelo fato de não conseguirem ser quem realmente são (NOVAES, 1979 *apud* ANTIPOFF; CAMPOS, 2010), pelo fato de serem discriminadas pelos semelhantes, ou até pelo fato de serem imaturas emocionalmente no trato de questões com as quais não conseguem ainda lidar racionalmente (ANTIPOFF; CAMPOS, 2010).

Todos esses entraves dificultam a realidade educacional das pessoas com altas habilidades. Por isso é que, na continuidade de suas ideias, Pérez e Freitas (2011) dizem que, em segundo lugar, outro fator que atrasa ou prejudica o Atendimento Educacional Especializado do discente superdotado nas escolas diz respeito à invisibilidade estatística, como a que é realizada pelo Censo Escolar. Pelo seu caráter de ampla abrangência, o Censo Escolar, quando divulga os dados obtidos em suas pesquisas, delega autoridade sobre a realidade que descreve. Com base na pesquisa divulgada em 2009, por exemplo, o Censo somente tratou da matrícula de alunos com deficiência (PÉREZ; FREITAS, 2011).

Isso descredencia os esforços político-jurídicos brasileiros presentes na *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*, publicada no ano de 2007 pelo Ministério da Educação. Este documento, que defende o acesso, a participação e a aprendizagem de alunos com necessidades especiais nos espaços escolares, visa cumprir estes sete objetivos: i) Transversalidade da educação especial desde a educação infantil até a educação superior; ii) atendimento educacional especializado (AEE); iii) continuidade da escolarização nos níveis mais elevados do ensino; iv) formação de professores para o AEE e outros profissionais da educação para a inclusão escolar; v) participação da família e da comunidade; vi) acessibilidade urbanística e arquitetônica nos mobiliários, nos equipamentos, nos transportes, na comunicação e na informação; vii) articulação intersetorial na implementação da políticas públicas.

Ainda em conformidade com Pérez e Freitas (2011), também, em terceiro lugar, ações inclusivas e programas de Educação Inclusiva comprometem a operacionalização do AEE com alunos superdotados, a exemplo da Secretaria da Educação Especial do Ministério da Educação, que, em sua plataforma digital, pelo menos até o ano de 2011, não apresentava em sua lista de ações a Implantação dos Núcleos de Atividades em Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S).

Em quarto lugar, cursos de formação docente espalhados pelo Brasil também cooperam, pela via do conhecimento, com a invisibilidade da comunidade de sujeitos superdotados. Por outro lado, também os Núcleos de Atividades em Altas Habilidades/Superdotação costumam invisibilizar discentes com superdotação em suas trajetórias de ação (PÉREZ; FREITAS, 2011).

Diante dessa difícil realidade, alunos superdotados acabam apresentando um baixo nível de desempenho escolar e na vida também, ou seja, sub-rendimento, segundo Alencar (2007). Esta autora defende que, por receber pouca atenção devido à força dos mitos e crenças populares, o discente com altas habilidades, muitas vezes, pode demonstrar "uma discrepância entre o potencial (aquilo que a pessoa é capaz de realizar e aprender) e o desempenho real (aquilo que o indivíduo demonstra conhecer)." (ALENCAR, 2007, p. 17).

Portanto, de acordo com a estudiosa, estes são alguns dos fatores que se associam ao sub-rendimento: a) fatores individuais (baixa autoestima, depressão, perfeccionismo, ansiedade, necessidade de ser aceito pelos colegas); b) fatores familiares (excessiva pressão dos pais em relação ao desempenho escolar, conflitos familiares); c) fatores do sistema educacional (métodos de ensino centrados no professor, excesso de exercícios repetitivos, procedimentos docentes rígidos com padronização de conteúdo e exigência de aprendizagem no mesmo ritmo); d) fatores da sociedade (cultura anti-intelectualista, supervalorização da beleza física em relação à inteligência). Há muitos outros fatores, mas esses são alguns dos quais consideramos mais pertinentes à discussão aqui desenvolvida.

Esperamos que, com este breve percurso teórico, tenha ficado evidente o quanto é essencial o debate sobre o tema em tela, tendo em vista as várias invisibilidades no cenário educacional brasileiro. Em contrapartida, o desejo é que, na atualidade, o contexto educacional apresente uma evolução e uma valorização considerável com relação ao AEE para discentes com superdotação.

3. METODOLOGIA

Para realizar esta investigação, selecionamos como procedimentos metodológicos a pesquisa bibliográfica (MARCONI; LAKATOS, 2017) e a abordagem qualitativa (GIL, 2008). A respeito da pesquisa bibliográfica, Marconi e Lakatos (2017, p. 200) dizem que ela "abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas [...] Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto". Por sua vez, na abordagem qualitativa, de acordo com Gil (2008, p. 175), "não há fórmulas ou receitas predefinidas para orientar os pesquisadores. Assim, a análise dos dados [...] passa a depender muito da capacidade e do estilo do pesquisador".

No que diz respeito ao nosso estudo, a pesquisa bibliográfica aqui apenas compreenderá artigos de revistas e não abrangerá todo o material já publicado sobre altas habilidades (dado que isso seria impossível

para qualquer outro tipo de pesquisa), devido ao nosso recorte espaço-temporal. A assunção da abordagem qualitativa também justifica isso, visto que não nos pautamos por fazer um estudo como se fosse um cálculo, procurando respostas exatas ou soluções prontas.

Não pretendemos abranger todas as discussões teóricas sobre o assunto, mas consideramos aquelas voltadas às práticas pedagógicas específicas em Sergipe. Também, nosso interesse não recai sobre uma visão quantitativa do processo, pois um comportamento interpretativo compreende uma análise mais ampla acerca do fenômeno estudado. Assim sendo, os critérios de inclusão concernem à busca de artigos na plataforma do Google Acadêmico, publicados no ano de 2020. Em contrapartida, os critérios de exclusão dizem respeito apenas aos materiais que não compreendam a realidade educacional sergipana nem relatem práticas pedagógicas do AEE.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após constante busca na plataforma do Google Acadêmico, não encontramos nenhum artigo publicado no ano de 2020 que aborde o tema do presente estudo. Todos os trabalhos encontrados correspondem a datas anteriores de publicação ou abordam o contexto educacional de outros estados brasileiros. Por esse motivo, decidimos mudar o material de análise deste trabalho, mas mantendo o arcabouço teórico e o foco do segundo objetivo específico: interpretar, positiva ou negativamente, o tratamento educacional oferecido a discentes com superdotação.

O *corpus* analisado nesta seção corresponde à coleta de dados da pesquisa intitulada *Resultados obtidos com o atendimento educacional especializado oferecido ao Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/ Superdotação de Mato Grosso do Sul: relatos de alunos* (SANTOS; MATOS; BIFON, 2016). Esse artigo foi publicado na Revista Brasileira de Altas Habilidades/Superdotação, uma publicação semestral do Conselho Brasileiro para Superdotação (ConBraSD). O primeiro critério de escolha utilizado foi trazer à tona os discursos de alunos atendidos pelo AEE e, em segundo lugar, o ano de publicação não é o de 2020 porque não há um novo número dessa revista; como vimos, até agora, a revista só publicou três números, sendo o artigo escolhido aqui para análise pertencente ao terceiro e mais recente número.

Neste sentido, nosso interesse não é o de discutir as perspectivas teóricas dos autores do artigo em questão, mas explorar analiticamente as falas de alguns alunos disponíveis no tópico “Resultados e discussões”. São cinco os subtemas trazidos por Santos, Matos e Bifon (2016): i) problemas no ensino regular; ii) realidade social antes do Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S); iii) realidade social depois do NAAH/S; iv) realidade universitária e profissional; v) alunos atendidos nas salas de recursos multifuncionais.

Vamos considerar apenas quatro subtemas, excluindo o item “realidade universitária e profissional”, pois nosso foco recai sobre o ambiente escolar. Como são vários os relatos apresentados naquele estudo, optamos por analisar somente um depoimento por subtema. Sendo assim, selecionamos aqueles que melhor se aproximam do que discutimos na fundamentação teórica. Vejamos:

(1) Problemas no ensino regular:

> Sempre fui uma boa aluna, mas me inquietava quanto ao ensino regular, por este não me apresentar novidades e nem superações quanto ao conteúdo, às técnicas de aplicá-lo e às oportunidades de potencialização intelectual nas escolas em geral das quais estive estudando anteriormente. (E2)

Nesse primeiro relato (1), vemos que o ritmo do ensino regular é problemático e apresenta entraves no processo de aprendizagem de discentes com superdotação ou altas habilidades. No caso da aluna, em (1), percebemos que ela compreendia que o ritmo das escolas onde estudava era sempre lento e não apresentava aperfeiçoamentos e desdobramentos nos conteúdos e nos métodos de aplicação por parte de docentes das várias disciplinas. Isso significa que todas aquelas escolas não estavam preparadas para um ensino regular adequado para alunos superdotados.

De acordo com Mettrau e Reis (2007), o relato dessa aluna, em (1), evidencia que seu elevado grau de aptidões, talentos e potencialidades era muito superior em relação ao currículo e à rotina pedagógica das escolas onde estudou. No caso dos conteúdos, supomos que eram abordados de forma muito simples, não superando as expectativas e o ritmo acelerado de raciocínio e compreensão dessa aluna. Certamente, para alunos sem altas habilidades, tais conteúdos e sua forma de aplicação estavam em adequado tratamento, havendo mesmo casos de discentes que tinham dificuldades em compreendê-los, o que não era o caso dessa aluna superdotada.

O cuidado e a atenção são critérios a serem observados com rigor pela escola quanto à existência e à recepção de alunos com superdotação, visto que, conforme Antipoff e Campos (2010), a superdotação não é um dom inato ao ser humano, por isso deve ser trabalhada, recebendo um olhar diferenciado em relação aos demais alunos tidos como comuns. Não é o fato de um aluno superdotado ter um pensamento mais acelerado que o faz mais importante ou permite a escola anular todas as possibilidades de elaboração de um trabalho específico voltado para ele; ao contrário, assim como quaisquer outras necessidades especiais (surdos, cegos, autistas, por exemplo), o sujeito superdotado deve, também, ser alvo de bastante apoio educacional. Devido a isso, existem os AEE e as salas de recursos multifuncionais como meios pedagógicos de dar conta dessa demanda.

(2) Realidade social antes do NAAH/S:

> Antes de conhecer o NAAH/S, me sentia uma pessoa um tanto deslocada do meio em que vivia, sempre tendo que me adaptar e me acostumar com a forma de pensamento de outras pessoas a minha volta [...] Apesar de sempre conseguir, no final, me adaptar com as pessoas, costumes e meios em que vivia, me sentia recuado e tendo que escolher muitas das vezes meus pensamentos e minhas ideias. (E4).

Nesse relato (2), observamos uma percepção interessante de um aluno com altas habilidades acerca de suas vivências anteriores à entrada no Núcleo de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S). Eram vivências negativas e infrutíferas que geravam desconforto e baixo desempenho nas atividades escolares e na vida social, tanto por sentir-se "fora do meio" quanto por precisar deixar de "ser quem é" para buscar

uma adaptação social de forma compulsória. Ou seja, o aluno, em (2), relata experiências de vida pelas quais precisou passar para poder se sentir inserido na vida social, deixando, portanto, de expressar suas visões imediatas ou espontâneas sobre o mundo sob pena de ser mal interpretado ou zombado.

O relato desse aluno, em (2), nos faz lembrar da instabilidade emocional de que tratam Antipoff e Campos (2010). Isto é, pessoas com superdotação costumam apresentar uma saúde emocional muito instável porque ao serem silenciadas, direta ou indiretamente, acabam deixando de expressar suas próprias potencialidades e qualidades intelectuais para se sentirem mais incluídas em meio ao círculo de outras pessoas comuns. Tal tipo de comportamento, ao contrário do que possa parecer, prejudica substancialmente seu desenvolvimento cognitivo, intelectual e social. O sujeito deixa de desenvolver suas próprias aptidões e talentos ao procurar seguir o ritmo comum das relações humanas, ficando para trás altíssimas condições de aprender mais consigo mesmo e com o mundo ao seu redor.

Abaixo, vejamos outro relato importante:

(3) Realidade social depois do NAAH/S:

> Nós precisamos de atenção, com o tempo eu pude perceber que aqui no NAAH/S encontramos condições de nos capacitar. [...] Hoje em dia eu me pergunto o que seria de mim se eu não tivesse sido "descoberto". Eu me desenvolvi de um jeito inexplicável e hoje faço coisas que eu não imaginava. [...] achei meu lugar na sociedade. (E8)

Já nesse terceiro relato, notamos o quanto significou para esse discente ter adentrado o NAAH/S, quer dizer, positivamente falando. Esse é um bom exemplo para nos fazer lembrar e ajudar a romper um dos mitos existentes em torno da pessoa com altas habilidades: "o/a aluno/a com superdotação não precisa de nada e se autoeduca" (PÉREZ; FREITAS, 2011). Esse mito se assenta mais ou menos sobre este tipo de raciocínio: um aluno muito inteligente não precisa ser ensinado. Mas, estudos e pesquisas têm demonstrado que essa ideia é totalmente errônea, não à toa existem diversos dispositivos legais e arcabouços teóricos defendendo a pessoa superdotada como digna de atendimento especializado no contexto escolar.

O relato do aluno superdotado, em (3), é bastante promissor da perspectiva teórica que assumimos aqui, isto é, a de que ele alcança sucesso escolar e social quando tratado adequadamente na escola, sendo supridas suas necessidades educacionais específicas. É dessa maneira que esse sujeito se sente incluído no processo de ensino-aprendizagem, encontrando condições de desenvolvimento gradativo e eficaz de suas potencialidades.

(4) Alunos atendidos nas salas de recursos multifuncionais:

> [...] sempre gostei de desenhar é o que sempre fiz de melhor, mas não tinha nenhuma oportunidade para mostrar meu talento, eu sempre quis participar de um projeto de desenho, mas na minha cidade nunca achei nada parecido. [...] Antes de participar dessa da sala eu era muito tímido e retraído, tinha dificuldade em fazer amizades, ou coisa parecida. Eu desenhava, mas não tinha certeza se estavam certas as proporções. [...] professora RC, a qual reconheceu meu talento e me incluiu na Sala de Recursos de Altas Habilidades/superdotação para melhor explorar e enriquecer minhas habilidades

> [...] Isso tudo me tornou mais seguro e mais produtivo, minhas notas e comportamento na escola melhoraram, de aluno indisciplinado e com comprometimento cognitivo, passei a ser elogiado e a ganhar um certificado de bom desempenho escolar. Minha vida mudou por inteiro. (E10)

O caso do aluno, em (4), é bastante ilustrativo do contexto educacional da pessoa superdotada no cenário escolar, além de resumir as percepções dos discentes anteriormente analisados, em (1), (2) e (3). Notamos que, após seu atendimento na sala de recursos multifuncionais, esse alunado conseguiu desenvolver-se tanto social quanto intelectualmente, num processo indissolúvel. De alguém introvertido e com baixo desempenho escolar e social, passou a ser uma pessoa extrovertida com suas potencialidades em franco desenvolvimento.

Vemos que, na área artística, um dos polos do contínuo apresentado por Alencar (2007), esse aluno foi devidamente valorizado ao adentrar e participar do atendimento na sala de recursos multifuncionais, o que possibilitou que seu talento no desenho se desenvolvesse cada vez mais. Nesse tipo de setor escolar (sala de recursos multifuncionais), espera-se que profissionais treinados e formados adequadamente estejam disponíveis para acompanhar alunos com altas habilidades. Nesse caso, certamente, os profissionais que acompanharam E10 estabeleceram um controle das atividades de forma eficaz, com bastante cuidado e atenção.

Além disso, também notamos que E10, após passar pelo atendimento especializado, melhorou significativamente seu desempenho nas notas das avaliações curriculares. Essa é uma das questões muito interessantes a se observar. Geralmente, um discente superdotado pode ser taxado de "burro" por outros sujeitos do espaço escolar (o que lhe conferiria, imediatamente, o *status* de "atrasado intelectual"), todavia, sabemos que não é bem essa a realidade.

Na verdade, por ter um raciocínio bem mais acelerado que o dos demais colegas de turma, o aluno superdotado tende a prestar pouca atenção no ritmo e nos conteúdos expostos e abordados pelos professores das disciplinas curriculares, o que desencadeia negativamente seu desempenho nas notas. Por considerar "maçante" ou "chata" aquela aula que poderia ser mais rápida ou mais aprofundada na exposição dos conteúdos, esse tipo de aluno acaba por ficar desatento e perder até mesmo aquelas informações básicas, as quais, certamente, cairão nas atividades avaliativas. Desta forma, nem sempre é mau caráter o que designa o comportamento de um aluno que costumeiramente não participa ativamente das aulas ou que as atrapalha com conversas paralelas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a trajetória teórica e analítica deste estudo, fica evidente quão complexa é a realidade educacional de sujeitos e alunos com superdotação ou altas habilidades. Tal complexidade se dá porque, apesar dos investimentos governamentais e educacionais, que ainda são muito escassos, fatores socioculturais e mitos diversos influenciam negativamente a formação escolar e o desenvolvimento cognitivo, linguístico, emocional e sociocultural de alunos superdotados.

Apesar da mudança de *corpus*, notamos que nosso empreendimento intelectual, aqui, foi bem mais produtivo: afastamo-nos um pouco das teorias e fomos para a realidade cotidiana. Na discussão dos resultados, vimos discursos interessantes de alunos, relatos estes que nos ajudaram a compreender ainda mais os aspectos teóricos e o marco legal trazidos na fundamentação teórica deste artigo. Os relatos e as análises nos mostraram

o entrelaçamento constante, no cenário escolar, entre crenças equivocadas e atividades especializadas, o qual, no entanto, contribuiu positivamente para o desenvolvimento e o desempenho escolar daqueles/as alunos/as.

Os dados analisados neste artigo são provenientes de uma pesquisa publicada no ano de 2016, no Mato Grosso do Sul, o que nos mostra a escassez de estudos semelhantes no contexto sergipano. Portanto, torna-se necessário que muitos outros estudos sobre essa temática sejam feitos no estado de Sergipe e em outros estados brasileiros, a fim de desmistificar crenças equivocadas sobre o fenômeno da superdotação e de contribuir para o avanço de propostas e atividades pedagógicas que auxiliem o integral desenvolvimento de sujeitos com altas habilidades em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. M. L. S. Indivíduos com altas habilidades/superdotação: clarificando conceitos, desfazendo ideias errôneas. *In*: FLEITH, D. S. (Org.). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação**. Orientação a professores. v. 1. Secretaria de Educação Especial: Brasília, 2007. p. 13-25.

ANTIPOFF, C. A.; CAMPOS, R. H. F. Superdotação e seus mitos. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 14, n. 2, jul./dez., 2010. p. 301-309.

BRASIL, Ministério da Educação. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. **Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 12 ago. 1971.

BRASIL, Ministério da Educação. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

KOSHY, V.; CASEY, R. Actualizing mathematical promise: possible contributing factors. **Gifted Education International**, 20, 2005. p. 293-305.

METTRAU, M. B.; REIS, H. M. M. S. Políticas públicas: altas habilidades/superdotação e a literatura especializada no contexto da educação especial inclusiva. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 57, p. 489-510, out./dez. 2007.

PÉREZ, S. G. P. B.; FREITAS, S. N. Encaminhamentos pedagógicos com alunos com altas habilidades/superdotação na educação básica: o cenário brasileiro. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 41, p. 109-124, jul./set. 2011. Editora UFPR. p. 109-124.

SANTOS, G. C. G. P.; MATOS, B. C.; BIFON, G. F. Resultados obtidos com o atendimento educacional especializado oferecido no núcleo de atividades de altas habilidades/superdotação de Mato Grosso do Sul: relatos de alunos. **Revista Brasileira de Altas Habilidades/Superdotação**, v. 2, n. 3, jan./jun. 2016. p. 82-92. Disponível em: https://www.conbrasd.org/docs/2_PUBLICACAO/REVISTAS/REVISTA_N_3.PDF. Acesso em: 28 mar. 2021.

Nossos Colunistas

Desde Buenos Aires

ARACELI OTAMENDI

Sin palabras
(en Homenaje al Día del Periodista)

Así me sentía, así estaba: sin palabras. El auto pasó a buscarme a las seis. Sí, a las seis. Era un remise alquilado, dispuesto para mi a las seis de la mañana. ¿Qué iba a hacer entre las seis y las once, cuando llegara el avión?
Llevar las revistas a las radios y a los canales de televisión. En eso había quedado con él. Si salía bien, festejaríamos con champagne. Si salía mal, tal vez comeríamos un sándwich en algún lugar.
El avión llegaría a las once, había que ir a Ezeiza. Esperaría una hora, tal vez hora y media antes, aburriéndome en el bar hasta tener la confirmación del horario.
Mientras, camino al aeropuerto el conductor me contaba su drama; su mujer y sus hijos estaban lejos, de vacaciones, en la playa. Cuando ella llegara, porque no la veía hacía dos meses se iba a separar. Para eso había hablado ya con un abogado. Ella no sabía nada, los hijos tampoco. ¿Qué disparate se le había ocurrido? No podìa estar lejos de ella tanto tiempo. ¿Y por eso iba a destruir una familia? Le dije. Me miraba a través del espejo retrovisor. Tal vez tuviera razón, dijo. Piénselo, dije, no haga locuras. Entonces yo era una psicoanalista, lo estaba asesorando, ¿tan fácil había sido escucharlo, decirle eso para que cambiara de opinión? El hombre se quedó callado, seguramente pensando en lo que habìa decidido apenas unas horas antes. Mis palabras lo hacían pensar: no haga locuras, piénselo…
¿Cómo escribir lo que ocurrió antes? Era de noche. El camino asfaltado nos llevaba por la ruta y ahí empecé a ver todo: cada uno que salía de la casa y ataba el caballo a la puerta del garage como si dos épocas transcurrieran juntas; era de noche, y faltaba mucho para hacer el reportaje a ese desconocido que llegaría en un avión, vestido de fama y de honores al que no conocía, al que nunca había visto. Y para eso habíamos arreglado todo: vestirse lo mejor posible, peinarse, estar antes en el aeropuerto y lograr una nota, una buenísima nota porque había que festejar con champagne el éxito de la revista.
Y esto era algo que estaba ocurriendo, íbamos de noche, por la ruta, había visto a varios hombres en las puertas de su casa atando caballos en la puerta de los garajes, seguramente estábamos en la provincia, y también había visto calles inundadas, casas a las que les había subido el agua al techo y los únicos que se salvaban eran los niños, tan niños, tan pequeños,

festejando en los techos, saludando y yo también saludaba porque ellos se habían salvado del agua…
El visitante llegó una hora después, el avión se había retrasado. Al verlo me pareció que tenía una actitud de conquistador que llega a nuevas tierras: Francisco Pizarro pisaba América. Lo saludé, me saludó, eso fue todo. Mis palabras fueron: le voy a hacer una entrevista.
Francisco Pizarro – lo llamaré así – no contestó. Nos dirigimos, yo pensaba, al remise que estaría esperando afuera.
Pero no, todo era tan raro que de golpe se había hecho de noche, afuera del aeropuerto y alrededor todo estaba oscuro, apenas iluminado con algunas estrellas.
Un auto estaba esperando a Pizarro y el remise que debía esperarnos se había ido. Tal vez el conductor iba a buscar a su mujer y a las hijas a la playa lejana.
Pizarro indicó el auto como si yo supiera lo que me decía: dentro del auto estaba una mujer y otra pareja, la radio a todo lo que da tocaba música de tango. La mujer y la pareja comían trozos de sandía y el chofer esperaba que Pizarro y yo nos acomodáramos. No tuve más remedio que pensar que todos eran extranjeros: querían escuchar tangos en Buenos Aires y querían hacérmelo notar, que yo supiera que a ellos les gustaba esa música y que también comían una fruta como la sandía porque era verano y se acomodarían a cualquier cosa que les ofreciera la gran ciudad.
Ya estaba en el baile y había que bailar. El auto disparó por la autopista y me pregunté hacia dónde. Yo tenía otros planes en mente: hacer la entrevista, editarla, llevarla a la revista y de ahí seguir y a otra cosa.
Pero después de unos diez minutos el auto se detuvo en una especie de restaurant. Pizarro seguia mudo, y yo pensaba en las preguntas que iba a hacer para que la entrevista saliera lo mejor posible. En el lugar, todo se había dispuesto como un espectáculo. Parecía más una pulpería antigua, hecha a propòsito para turistas. Nos sentamos, pedimos un cafè, bebidas.
Y entonces apareció el mago y se dedicó a hacer sombras, animales en una pantalla. Eran sombras chinescas y afuera, por la ventana se veía la noche azul, oscura, como en un cuadro.
Y yo me preguntaba qué estaba haciendo ahí, en ese lugar, con una entrevista y mil preguntas en la mente, cómo explicaría lo ocurrido, cómo explicarme a mí misma esa situación…

- ¿Otra vez escribiendo? – preguntó él, varias horas después que Pizarro, la mujer y la otra pareja llegaron a un hotel céntrico y yo me fui tan desconcertada como lo había estado a partir de la llegada del personaje..
- Sí – otra vez
- Me imagino que habrás hecho una buena entrevista, el personaje daba para mucho.
- Sí, tal vez
- Lo decís dudando…
- Es que … no sé, cómo decirlo…
-¿Por qué?
- Es un personaje que no habla.
- ¿Y entonces?
- Nada, entonces, nada. No dijo una sola palabra desde que pisó Buenos Aires.
-¿Qué hizo?
- Escuchó música de tango y comió sandía.
- ¿Y no podés escribir algo sobre eso?

- Lo estoy haciendo
- Quiero leer la nota esta tarde, apuráte.

Era cierto. El personaje no había dicho una sola palabra y yo me había olvidado de relatar algo: durante el viaje desde el aeropuerto hasta el hotel, antes de llegar al restaurant nos encontramos con unas ovejas. No eran ovejas comunes, eran azules, verdes, de color naranja. Algunas estaban esquiladas y envueltas en lanas de colores brillantes, fosforescentes. Pizarro y la mujer se empeñaron en tocarlas. Las ovejas, muy contentas cruzaban el camino de un lado a otro. Y era entonces que nadie tenía palabras para explicar lo que ocurría. Y por eso escribo, por eso escribí esto, para dar testimonio. Porque hacer la nota con ese personaje mudo fue imposible, no dijo una sola palabra. Y tengo que cumplir, entregar la nota como sea, esta tarde es el cierre de la edición, y seguramente no habrá champagne como habíamos planeado, tal vez un sándwich, tal vez, quién sabe

(c) Araceli Otamendi

Araceli Otamendi nació en Quilmes, Provincia de Buenos Aires, Argentina. Desde los 9 años vive en la ciudad de Buenos Aires. Se graduó en Análisis de Sistemas en la Universidad Tecnológica Nacional, profesión que ejerció durante varios años. Es escritora y periodista. En 1994 ganó el Premio Fundación El Libro -Edenor en el marco de la XX Feria Internacional del Libro de Buenos Aires, por su novela policial Pájaros debajo de la piel y cerveza. En 2000 publicó su antología Imágenes de New York, una mirada hispanoamericana, presentada en el Centro Español Rey Juan Carlos I, New York University, en la ciudad de New York. También ha publicado la novela policial Extraños en la noche de Iemanjá, en e.book, en la editorial de la revista Aurora Boreal (Dinamarca).

Ha traducido al español cuentos y ensayos de varias escritoras brasileñas.

Cuentos, ensayos, poemas, crónicas y entrevistas han sido publicadas en diversos periódicos, revistas y sitios web. Fundó, dirige y edita desde el 2002 y en forma ininterrumpida las revistas digitales cultura Archivos del Sur y Barco de papel (infantil).

Astrolabio

Márcia Batista Ramos

Los delirios de Colón

"La línea que separa lo mitológico de lo religioso es difícil de encontrar."

Juan Francisco Maura

Tal vez, cuando Cristóbal Colón zarpó hacia tierras ignotas, sus impulsos no eran solamente comerciales, posiblemente estaba impulsado por la aventura, ya que desde niño escuchó historias de sirenas, unicornios, basiliscos y grifos. No solo él, pero gran parte de los europeos de su época, tenían la imaginación poblada por reinos fantásticos, sede del paraíso terrestre, habitantes monstruosos y otras cosas del género.

En aquél entonces, el planeta no estaba fotografiado por satélites y no existían los paquetes turísticos para conocer aquello que más llamaba la atención. Entonces, el viaje representaba la posibilidad de conocimiento, aventura y de grandes encuentros con hombres de un solo ojo o con hocico de perro.

En la Europa medieval, la existencia de seres sobrenaturales era algo perfectamente aceptado. Algunos eran una herencia del mundo grecorromano, mientras que otros provenían de los pueblos que de a poco fueron introducidos en el mundo cristiano. El resultado fue la compilación de leyendas y de bestiarios especializados que describían estas criaturas, como si de verdaderas enciclopedias se tratase. Eran compilaciones pseudocientíficas que se basaban en leyendas

populares, fuentes clásicas y escritos patrísticos para crear descripciones de animales que además incorporaban la alegoría y la moralización cristianas.

El Bestiario de Aberdeen, que apareció a partir del siglo XII, era una especie de enciclopedia natural que recopilaba tanto seres reales como fantásticos. Tenía en sus páginas a criaturas como los dragones y unicornios en el mismo plano que los venados, las moscas o los conejos; este libro sirvió para reforzar en el imaginario colectivo la creencia en monstruos y seres afines.

En la Europa de la Edad Media, el imaginario cristiano convivía sin problemas con creencias heredadas del paganismo. Muchos creían que, en paralelo a la realidad que podían ver y tocar, existía un mundo poblado por criaturas mágicas y en ocasiones terroríficas. Asimismo, creían que no todas las criaturas mágicas o terroríficas pertenecían al mundo invisible: se creía que algunas podían ser vistas, como el unicornio, representado como un caballo con un cuerno en la frente al que se atribuían poderes curativos. Tanto era así que, que algunos escritores cuentan que los supuestos cuernos de unicornio eran vendidos como producto de lujo por su rareza, los hacían machacar y los mezclaban en su bebida como un supuesto elixir de longevidad o antídoto contra veneno. También existen registros, de que algunos de estos supuestos cuernos, se conservan en colecciones de la realeza de la época y hoy se sabe que, se trata de colmillos de morsa y de narval, animales poco conocidos en Europa por aquel entonces y que eran vendidos por los pueblos escandinavos como siendo cuernos de unicornios, ya que los timadores existen desde los primordios de la humanidad.

Cabe notar que, el imaginario colectivo medieval, era alimentado por relatos orales que más tarde quedaron reflejados en diversos escritos. En los relatos aparecían monstruos inauditos y singulares, bestias capaces de hacer atrocidades. Tal es el caso de Juan de Mandeville, el personaje ficticio de la obra Viajes de Juan de Mandeville, publicada en el siglo XIV, que registró en sus páginas muchas de esas criaturas.

Alixe Bovey explica en su libro “Monsters And Grotesques in Medieval Manuscripts”, que los monstruos que aparecían en la Biblia era pocos, pero muy significativos: El primero es la serpiente que tentó a Adán y a Eva a comer la manzana prohibida por el Creador. Siendo la serpiente el arquetipo de los monstruos medievales. El dragón es una trasposición de esa serpiente, un monstruo que aparece en muchos cuentos medievales. Sobre el dragón medieval, se creía que era el animal más grande de la Tierra, que era parecido a una serpiente, que tenía cresta, una boca pequeña y tubos angostos a través de los cuales aspiraban y sacaban la lengua, el poder del dragón no estaba en sus dientes sino en su cola. No era venenoso, sino que lo mataba por estrangulamiento o por el azote de su fuerte cola.

Por todo ello, seguramente, cuando Cristóbal Colón decidió “encontrar” tierras poco conocidas, cruzando océanos que aún no habían sido atravesados, esperaba encontrarse por lo menos, con un par de la temible mantícora, algunos cinocéfalos o los astoni.

A falta de encuentros con cíclopes, blemios y esciápodos, Colón se refirió en su informe oficial que había «hallado muchas islas pobladas por un sinnúmero de personas»; «y todos los que yo vi eran todos mancebos, que ninguno vide edad de más de treinta años: muy bien hechos, de muy hermosos cuerpos y muy buenas caras...»(Colón p.30). «Entendió también que lejos de ahí había hombres de un ojo y otros con hocicos de perros que comían los hombres y que en tomando uno lo degollaban y le bebían su sangre y le cortaban su natura». (Colón. P.54).

En los delirios por riquezas y grandezas, Colón se olvidó que los monstruos venían en los barcos y llegaban a las américas con armas de fuego, sífilis y maldad a cuestas, destruyendo los pobladores, la cultura y todo que habitaba el nuevo continente.

Casinha de Sapê

Rosa Regis

NESTA INCAPACIDADE DE SONHAR

(Em resposta ao soneto de Fernando Cunha Lima:

ROUBO DOS SONHOS II)

Nesta incapacidade de sonhar,
Sigo contigo não perdendo o tino,
Pois, eu bem sei: tua alma de menino,
Dormindo ou acordada há de encontrar

O sonho que se perdeu ou foi parar
No limbo de que falas, caro amigo!
Pois um dia, tenho fé, por isso digo:
- *O tal sonho perdido há de voltar.*

E aí, dormiremos mansamente,
Planando, juntos e inocentemente,
Num mesmo sonho que nos fará ver

Que a poesia é como fora um elo
Maravilhoso, forte, mas singelo,
Que une dois estranhos num só SER.

RELÓGIO DE PAREDE

Rosângela Trajano

Um estudo comparativo da poesia de Beth Iacomini com a de Álvaro de Campos: é desta dor que deveras falo eu e somente eu sei dela

Rosângela Trajano

NA NOITE TERRÍVEL, SUBSTÂNCIA NATURAL DE TODAS AS NOITES,
Álvaro de Campos

[...]

Mas o que eu não fui, o que eu não fiz, o que nem sequer sonhei;
O que só agora vejo que deveria ter feito,
O que só agora claramente vejo que deveria ter sido —
Isso é que é morto para além de todos os Deuses,
Isso — e foi afinal o melhor de mim — é que nem os Deuses fazem viver...

[...]

TUDO PASSA
Beth Iacomini

deixo versos aflorarem
escondidos nas beirolas do mundo
onde afundo hiatos de dor

Falar da poesia do heterônimo de Fernando Pessoa, o nosso querido engenheiro naval, Álvaro de Campos, não é nada fácil. Ele sangra, chora, grita, silencia relógios, derruba muros e nos leva ao pensamento reflexivo do viver além da existência. Deste viver que não cabe na poesia, que pula fora do papel e que viaja para além da substância criadora do mundo e de todas as coisas que nele existem. Este poeta conta as suas dores de forma que nos leva a pensarmos em quantos de nós choram dentro ou fora deste mundo. É preciso vestir o ser da poesia de Álvaro de Campos para sentir de todas as formas o que é o sofrimento, a dor, a solidão, essas coisas não ditas e ao mesmo tempo sentidas no exercício da simbiose do ser enquanto corpo e alma.

O verso do poema intitulado "Na noite terrível, substância natural de todas as noites", aqui analisado, "Isso é que é morto para além de todos os Deuses" toma a morte como senhora do presente do poeta, do existir, do estar aqui e do não poder ser mais nada além dela. É uma dor tão forte que não há como conceituar, que se aloja na sua alma e está além dos Deuses, como ele mesmo diz. Essa dor que nos mata e nos corrompe o tempo todo, seja da partida de um ente querido ou seja da chegada do fim da vida.

Sentimos diversas dores e estamos mortos mesmo quando ainda os nossos corações batem, quando andamos, enxergamos, conversamos. Estamos mortos para além dos deuses com as dores da ingratidão, das perdas, do medo, das angústias, da hipocrisia, da inveja e do egoísmo; sim, de todos os vícios pelos quais os homens vão se deixando tomar e esquecer de que as virtudes nos levam à felicidade, como já dizia o filósofo Aristóteles e como o seu discípulo, Platão, ratificou nos seus diálogos.

Voltemos ao primeiro verso do poema que nos diz: “Mas o que eu não fui, o que eu não fiz, o que nem sequer sonhei;” Parece um arrependimento, uma ausência, uma lacuna para dar continuidade ao estar morto no verso próximo. E tudo isso que a gente deixa de fazer ou sonhar é uma morte, um tipo de morte que nos mata mais verdadeiramente do que a real. Uma morte que se aloja nos nossos espíritos e vai criando as suas moradas fixas, dizendo-nos que não somos capazes, que nunca seremos capazes de vencê-la e nem mesmo de saber por que sentimos dores. A dor é consequência dos sonhos que não sonhamos, daquilo que nunca fomos, do nada que não fizemos e, no entanto, nos achamos tão grandes e ao mesmo tempo tão pequenos antes do vir-a-ser da morte, esta senhora de sorriso sutil que nos mata todos os dias quando não fazemos nada.

O poeta está morto (pelo menos é assim que se sente no seu poema acima), mas essa dor, esse vazio, esse imenso deserto se traduz na esperança da existência dos deuses, já que eles podem ser uma salvação para além da morte. Muitas vezes, nas dores do corpo e da alma esquecemos de nós, dos nossos sonhos, do que podíamos ter feito por nós e pelo mundo, ficamos deitados numa cama ou no chão esperando que os deuses tenham piedade de nós, quando nem eles sabem como lidar com a dor desconhecida e que machuca o ser antes mesmo de ele vir-a-ser.

O poema de Álvaro de Campos é grande e metafísico. Em seu título, o poeta já nos traz uma pista de que falará de dores, de esquecimentos, de perdas e do nada que ele experimenta em forma de morte nas noites que podem ser dias, horas, minutos, instantes ou pequenos momentos que passam despercebidos pela presença unilateral da dor equivocada que vem de encontro a ele como um soldado inimigo, que o impede de sonhar, de ser, de fazer. Assim, estamos todos nós dentro de casa presos com um soldado inimigo às nossas portas e quase mortos por dentro e por fora nas noites em que não fazer nada é morrer mais um pouco sempre.

Beth Iacomini escreve no estilo minimalista conhecido por Poetrix, criado pelo brasileiro Goulart Gomes. Não é fácil dizer tanta coisa em apenas três versos de trinta sílabas, mas Iacomini sabe bem como fazer isso. O poetrix acima escolhido, intitulado “Tudo passa” e estudado neste pequeno ensaio, foi o que mais me marcou ao ler o seu livro Filigranas (Poetrix), de 2021. O verso que mais chamou a minha atenção foi “onde afundo

hiatos de dor". Sim, tudo passa, menos a dor. Essa dor que Beth traz com hiatos metafóricos que engolem jardins, pássaros, árvores e pedras.
Afundar hiatos de dor e esquecê-los para que não cresçam mais ainda dentro da gente. Parece-me ser este o motivo maior do poetrix de Iacomini: afundá-los nas beirolas do mundo para que nunca mais saiam de lá. E como é lindo este poetrix! Ele fala tanto, ele nos diz tantas coisas em apenas três versos. O que é este hiato que tanto me intriga? E esta dor? Onde encontrar as beirolas do mundo dentro da gente? Por que existem dores? São indagações que faço ao ler Beth Iacomini e o seu poetrix esplêndido, porque todas as coisas que são ditas com poucas palavras se tornam grandes demais nas nossas existências que gozam de gigantes em sua substância mais que perfeita em concordância com o riso, o benquerer, o amor, a ternura, o cuidado.
É para sair do comum que Beth Iacomini fala, em seu poetrix, dos hiatos da sua dor, esses hiatos que intrigam o pensamento, fazendo-nos extrair do poetrix, esse poema minimalista, o movimento do filósofo Heráclito, quando dizia que as coisas são feitas de contrários. É preciso experimentar o devir no hiato da dor de Iacomini. Uma dor que ela divide em vários pedaços, partículas de si ou de alguém que existe, já existiu ou ainda existirá. Um hiato que abre caminhos não para a possibilidade de a dor passar sem ser percebida por nós, mas pela morte que está sempre em vigília.
O que tem de grandeza no poema de Álvaro de Campos, intitulado "Na noite terrível, substância natural de todas as noites", e no poetrix de Beth Iacomini, intitulado "Tudo passa", é a presença de uma dor que os dois poetas sentem e com ela conversam, mesmo um deles estando morto com a chegada da noite. Eles sabem que a dor acomete os homens desde os primórdios das civilizações, os quais sempre buscaram uma cura, um alívio, uma espécie de remédio para aliviá-la.
A dor vai matando aos poucos. Ela surge assim do nada, no meio da noite ou em qualquer hora do dia. Ela nos tira o bem-viver. Os homens mais fortes e até mesmo os deuses já sentiram dores. Cientistas e pesquisadores vivem em busca da cura da dor. E se não as sentíssemos, talvez deixassem de existir hiatos e nos tornássemos imortais.
Álvaro de Campos e Beth Iacomini são poetas sábios que tiraram a máscara da dor e conseguiram pintar no rosto dela a coragem e a esperança dos

deuses e das beirolas do mundo. Seja lá onde eles ou elas se encontrem, que possamos ter a esperança de sentir tudo, demasiadamente tudo, mesmo estando um pouco mortos e mesmo não tendo sonhado na noite que passou rápida e também estando quase nas beirolas de um mundo que não fomos nós quem criamos, mas algum tipo de deus pagão grego ou romano que guarda bem o segredo da dor. E por que dói?

Cartas

Carta para o inesquecível João do Rio (May Poetisa)

São Paulo, 24 de janeiro, de 2023.

Estimado João do Rio,

Nós vivemos em épocas diferentes, já faz mais de um século do seu falecimento e seu legado não foi esquecido, fazendo jus ao seu título de imortal da Academia Brasileira de Letras. Como jornalista e escritora, tenho que te agradecer muito, por toda a sua relevância para os profissionais da nossa área, pois, além de ter sido o pioneiro da crônica reportagem, toda sua intelectualidade nos inspira em demasiado.

Estou escrevendo para contar que no começo de 2020, a pandemia da covid-19 parou o mundo e infelizmente foi um caos no nosso país, não estávamos preparados para uma crise sanitária sem precedentes, foi desesperador e para piorar enfrentamos uma situação política precária, que deixou muito a desejar e que recebeu a pior avaliação mundial no combate ao coronavírus. Até mesmo nosso senso de humanidade foi testado, inúmeros mortos, uma terrível catástrofe, as autoridades competentes precisaram impor isolamento social, países com sistemas de saúde considerados os melhores do planeta, também enfrentaram situações dramáticas. A disseminação foi muito rápida, ocasionando colapsos inimagináveis. As populações mais vulneráveis ao redor do mundo, foram fortemente impactadas.

João, gostaria de te dar somente boas notícias, mas, no jornalismo abordamos a realidade e ela é cruel, em seus relatos, encontramos matérias sobre várias questões relacionadas a saúde, tais como: varíola, febre amarela e gripe espanhola. Novamente as epidemias estão castigando as pessoas.

Em agosto de 1903, você escreveu: “estamos com a varíola a fazer uma ronda assassina pela cidade. A vacinação gratuita aí está: ao alcance de todos, pobres e ricos, porém, tem quem protesta contra a vacinação em nome dos sagrados princípios de 1889 e em nome da liberdade dos cidadãos. E não penseis que esse seja um caso isolado: neste país o desrespeitador

das leis e o contrariador sistemático das medidas sanitárias são legião, e varíola é uma moléstia tão séria".

Seria perfeito poder dizer que não existe mais gente negando a ciência como outrora, todavia, é triste expor que mesmo com todos os avanços e tanta informação a disposição, ainda tem muito negacionista, contestando vacinação, divulgando inverdades e prejudicando todo o coletivo.

O cenário com relação ao preconceito, ainda é sombrio, tenho conhecimento, que por ser negro e gay, você sofreu muito, inclusive numa das suas crônicas narrou sobre, faço parte desta minoria, sou mulher, parda, lésbica e adepta da religiosidade afro-brasileira, logo, faço parte da luta e da resistência, sou grata por todos que batalharam pelos direitos que tenho atualmente, sei que não foi nada fácil, pelo contrário imagino que tenha sido muito árduo.

Quero finalizar essa carta contando que sofri com as perdas, que estou vacinada, com as esperanças renovadas, procurando ser uma pessoa melhor e que apesar de todos os problemas nós estamos retomando a vida.

Com toda a minha admiração e gratidão, May Poetisa.

Instagram: may.poetisa

Celular: (11) 995281313

May Poetisa, jornalista e escritora, em 2015, iniciou suas publicações no Lettera. Em 2017, participou da antologia "Isso também é preconceito" e lançou a obra "Do barro à essência", sobre a religiosidade afro-brasileira. Em 2022, integra as coletâneas "Futurismos", "Eu escritor", "Folclore - Contos Infantis", "Amor Nímio", "Mulheres - a face esquecida da guerra", "Ser diferente é normal" e "Gol de Copa".

À moda antiga (41)

Remetente: Mdc santos

Destinatária: Morena Linda

Depois de semanas de trabalho árduo, decidi tirar um único dia para repousar o corpo e serenar a mente. Confesso que fiquei um tanto vazio no início. Quando cheguei na pousada avistei logo um esplendoroso roseiral. Encantei-me! Pensei em registrar, mas havia deixado o celular na mesa de casa propositalmente. Lembrei imediatamente de você e do quanto se alegraria se pudesse avistar toda essa beleza em que eu estava diante. Adentrei no ambiente e tomando uma bebida relaxei um pouco. Fui ao banheiro, pois sabia que uma ducha demorada me faria bem. Saí do banho, deitei na cama de toalha mesmo. Fechei lentamente meus olhos e me permiti viajar além do que meu corpo poderia alcançar. Um campo imenso, sem fim, nele caminhei. O vento batia em meu rosto e meu coração ansioso seguia cauteloso. Debaixo de uma árvore frondosa havia um banco e ali com um livro na mão, estava você. Me aproximei e nos abraçamos. Naquele abraço havia energia positiva, equilíbrio e muita paz. Olhei nos teus olhos e se pudesse traduzir em poucas palavras diria: Tens o olhar mais verdadeiro que já conheci. Quanto o teu sorriso, esse é capaz de tudo ao redor iluminar. Abri vagarosamente meus olhos voltando à minha realidade. Com todo o aroma floral que estava no quarto confesso à ti Morena Linda, que em todas as horas dos meus dias estás sempre em primeiro lugar. Antes de qualquer sentimento mais extenso, és minha doce amiga que me aceita da forma que sou. Com meus defeitos, acertos, mesmo estando eu bem longe da perfeição. Ainda assim você se permite compartilhar emoções comigo. Sei que tenho teu carinho, teus braços e aconchego, teu colo, tuas palavras, tua presença. O que vier a mais é apenas sequência do que nos tornamos ao longo desses anos. Há muito percebi que você tem marca registrada com suas leves pegadas. Passeia nos meus versos de maneira, por vezes sutil, mas que deixa em registro sua passagem. O dia que tirei para mim foi o mais perto de ti que cheguei. Assim fiquei numa comunhão muito além do que se possa imaginar! No fim do dia, Morena Linda, pude reafirmar convicto que de fato és meu perfeito girassol que estar sempre de frente pra luz!

Pra você muitas flores com cores diversas e essência permanente!

Apenas uma observação de minha parte. Se fui repetitivo em algum momento, e sei que fui, é porque quando se trata de você simplesmente “faltam-me as palavras”

Mdc santos

Cartuns

Danda
Danda
QUANDO A FOME FALA MAIS ALTO. OS YANOMAMIS TÊM FOME E NECESSITAM DE COMIDA, NO MOMENTO. AJUDE, SE PUDER!

Contos

A ILUSÃO DE ANTERO

Em seu pequeno apartamento, Antero sentou-se diante do computador para dar continuidade a um romance que estava em fase de conclusão, mas sentia sua pressão arterial um tanto alterada e isso em nada contribuía para sua, até então, fértil inventividade literária.

Decidiu, então, apenas reler os capítulos já escritos e, aos poucos, foi se acalmando, tendo concluído que, muito possivelmente, aquele romance tenha sido o mais impactante e o melhor de todos os seus trabalhos literários: "Entre flores e abismos".

Apesar do calor intenso que pairava lá fora, imaginou que alguma brisa pudesse vagar pelas ruas arborizadas do sossegado bairro e resolveu sair. Ao virar numa esquina surpreendeu-se ao reencontrar um poeta amigo, pois há muito tempo não se viam. Chamava-se Maxuel. Não era um poeta renomado e nem ganhador de concursos literários, mas possuía admirável criatividade e seus escritos agradavam, principalmente, por trazerem cenários belíssimos e diferenciados.

Há longos anos Antero havia se apaixonado pela irmã desse poeta, cujo romance não teve um final feliz, pois Antero parecia, por vezes, desligar-se da vida e, assim, embora a moça também amasse, resolveu romper com o namoro fazendo com que Antero se tornasse um homem triste, pois nunca conseguiu esquecer a linda jovem.

Após os cumprimentos e de falarem sobre suas respectivas obras, Maxuel, por fim, argumentou:

- Igual a você, Antero, em relação ao seu romance, acredito que o meu novo livro de poemas irá agradar muito mais aos leitores, pois contém poesia pura, do começo ao fim, e os contextos são dos mais tocantes e envolventes. São poesias formuladas com esmero e lembram o requinte da era barroca. Entretanto, não sei por que, ultimamente estou tendo dificuldades para continuar escrevendo. Algo sempre me incomoda. E quando estou me sentindo bem, a inspiração me abandona.

- Acredito que isso seja fruto de circunstâncias passageiras e transitórias – respondeu Antero reconfortando o amigo - e ambos conversaram por mais algum tempo. Caminharam até próximo de uma banca de jornal e, por fim, se despediram com a promessa de novos contatos.

Passou-se apenas uma semana quando Antero soube, por intermédio de outro amigo, que Maxuel havia falecido. Esse acontecimento o deixou extremamente triste. Desde então, sempre que passava próximo daquela banca de jornal onde ambos conversaram pela última vez, Antero se lembrava do velho amigo - irmão do grande amor de sua vida - que partiu sem, no entanto, concluir a sua última e tão sonhada obra.

Antero que desde a juventude vez por outra delirava, como se em certos momentos houvessem breves suspensões do fluir do tempo, adoentou-se e, febril, sentia também náuseas e fortes dores de cabeça. Passou por consulta médica e se refez, mas, a partir de então, os seus delírios se tornaram bem mais agudos. Em desespero, imaginava que o seu fim, tal qual acontecera com Maxuel, também poderia estar próximo e seu romance poderia não ser concluído. A tortura da finitude nunca mais abandonou o seu pensar e isso fazia com que ele sempre voltasse, em vão, à sua escrita interminável.

Certo dia, repentinamente, despontou na sua mente a sensação de que via algo estranho, intrigante, algo que não parecia ser de todo verdadeiro.

Procurando refazer-se, saiu do apartamento com o fito de encontrar serenidade e elevadas palavras para abrilhantar a conclusão do sonhado romance. Entretanto, num átimo inusitado, aquele algo estranho surgiu-lhe à frente e, aos poucos, a imagem foi se transformando na figura de Clara, o único amor de sua vida, irmã do saudoso Maxuel. Concluiu, então, que deveria finalizar o romance o quanto antes, se possível, naquele mesmo dia, pois a proximidade da morte o assombrava implacavelmente. Desejava encontrar-se com Clara em outro plano de vida, com o romance concluído.

Embora sem a inspiração desejada, voltou ao apartamento, sentou-se novamente diante do computador e decidiu por terminar de qualquer forma o livro tão desejado.

Após muita entrega e dedicação, Antero acreditou ter finalizado a obra. Uma ardente e fulgurante alegria o dominou naquele momento. Paulatinamente, foi surgindo em sua mente um incontrolável desejo de sair à rua e mostrar ao maior número possível de pessoas que o seu romance havia sido concluído e que estava certo em considerar tratar-se do seu melhor trabalho. Assim o fez: saiu uma vez mais e, alucinado, atravessava as ruas ligeiramente, em passos largos, sem importar-se com o trânsito. Por vezes, parava e dizia em altos brados:

- Concluí meu romance entre flores e abismos. Vejam!

Na verdade, porém, Antero enlouquecera.

De repente, aconteceu o inevitável: o motorista de um carro de luxo não tendo conseguido frear o veículo em tempo hábil, atropelou o pobre Antero num choque violento causando-lhe morte instantânea.

Uma pessoa que a tudo presenciara perplexa de horror, em vista da figura que jazia no meio da rua, afirmou aos circundantes que, pouco antes do atropelamento fatal, aquele homem falava sozinho e trazia às mãos duas folhas de papel com as quais gesticulava dizendo ser um livro.

Os curiosos recolheram as tais folhas e, para surpresa e espanto de todos, em uma delas estava escrito em letras garrafais apenas o título do pretenso livro “Entre flores e abismos” e, na outra: “Florescem as flores nos cântaros enquanto abismos me alucinam”. E assim, Antero expirou numa tarde cinérea e triste.

Antenor Rosalino

Antônio de Souza Filho

Advogado

A primeira vez de um menino

(Contos/Insólitos)

Se você está pensando que eu vou falar de libidinagem, tire seu cavalinho da chuva, não é nada disso. Mas espere, você já começou a ler, agora continue, tomara que goste.

Trata-se de um menino que vivia louco para crescer e sair da vida difícil que levava. Ele não tinha a melhor das atrações pessoais, era feio, branquelo, sardento, cabelo de espeta caju, vivia escondendo o riso porque seus dentes eram trocados, franzino, mas forte; usava quase sempre a mesma roupa: um calção marrom uma camiseta de regata e um chinelo de alça. O que o tornava diferente era o seu coração, era bondoso e muito prestativo, tudo o que pediam ele fazia com prazer, embora resmungasse por dentro.

Ele tinha uns hábitos estranhos, falava sozinho e até gesticulava, quando estava aflito quase sempre se batia como estivesse espantando mosquitos. Algumas pessoas que passavam por ele sempre comentavam: – Esse menino parece que é doido, fala sozinho; quando era notado ele começava a ri e dizia ter um amigo invisível.

Pelo menos um dia na semana ele acompanhava uma senhora, sua vizinha, até a casa onde ela fazia faxina, pedia-lhe que o fizesse por medo de andar sozinha. Ele a deixava no local depois ia buscá-la e nunca perguntava nada. Vez ou outra ela dava um dinheirinho para ele, embora nunca fosse cobrada. Todas as noites Ele rezava, vivia pedindo um emprego legal e nas suas orações incluía a tal Senhora.

Certo dia perguntou da tal mulher: - O que os seus patrões fazem?! Eles são ricos, não é mesmo?! Ela olhou para Ele, andando com gestos de cansada e falou: Até que enfim você abriu a boca, né?! Agente vem e volta e você é calado o tempo todo e porque você quer saber o que eles fazem?! O menino respondeu: - Por nada não, é que eu ando sondando ver se consigo algum emprego. Ela olhou-o novamente e falou: - É, mas lá na casa deles não tem nada para você fazer, já tem gente demais, depois você é muito pequeno, acho até que eles vão me dispensar; e continuou: - Eles são donos de lojas lá pelo centro da cidade, mas reclamam de tudo. O menino ficou pensando e calou-se. Na outra semana foi como Ela

previa; os patrões a dispensaram.

O menino procurou saber que lojas eram que os ex-patrões de sua amiga tinham, ficou sabendo com os vizinhos deles que eram lojas de confecções e que eram bem movimentadas, soube também que essas lojas admitiam menores como office boys e Ele se animou. No dia seguinte bateu à porta dos tais lojistas; uma mocinha com vestes de doméstica veio atendê-lo: - O que tu quer moleque, aqui ninguém dá nada pra ninguém, vai andando. Ele respondeu: - Eu quero falar com seu patrão é só entre ele e eu; Ela retrucou: - Ah, é? Pensa que eu caio nessa, vai andando vai. Ela já ia entrando quando o menino falou: - Tá bom, mas quando eu falar com Ele vou dizer que você me expulsou daqui. Ela olhou pra trás jogou a saia e entrou rindo. O menino fez a mesma coisa por três dias seguidos, no quarto dia ela cedeu; - tá bom moleque chato vou chamar a mulher dele; Ele disse: - Não, por favor o assunto é só com Ele.

O fato é que a mocinha já tinha falado para a sua patroa da intenção do tal menino e ela já estava enfezada com isso e sempre dizia para o marido: - Tem um moleque que tá todo dia aqui querendo falar com você e diz que o assunto é somente consigo e o marido sempre dizia que não queria falar com ninguém muito menos com um menino, pois sabia que ele ia querer lhe pedir alguma coisa. Passou-se uma semana e meia todo dia aquela ladainha; certo dia o tal Senhor ao chegar para o almoço viu o menino lá perto do portão e sem sair do carro perguntou: - Vem cá peste (hábito de nordestino, chamar os outros de peste, mas sem maldade) o que tanto tu queres falar comigo, vai desembucha!

O menino fez o sinal da cruz ergueu as duas mãos para o céu e se aproximou do homem. Antes que ele falasse alguma coisa o cara começou a ri sem se conter, então mostrou a mão esquerda aberta para o menino, como se pedisse que ele parasse por ali e continuou rindo desenfreado. O moleque parou e ficou olhando para ele rir e também sentiu vontade de rir, coisa que nunca fazia e o homem ao vê-lo rindo riu muito mais por achar que estava diante de uma assombração, terminou dizendo: - Arre égua moleque tu és mais feio rindo do que fazendo o sinal da cruz; então desceu do carro, parecia que ali havia acontecido uma empatia, e pediu desculpas do menino. Pôs a mão na cabeça do moleque e compassadamente falou: - O que você quer de mim?! O menino estremeceu dos pés à cabeça e com o rosto caído para direita em tom de súplica, rapidamente falou: - Um emprego, por favor!

O homem empalideceu e disse: - é por isso que você está aqui todos os dias, não é dinheiro que você está precisando? O menino em voz firme falou: - é emprego que eu preciso o dinheiro vem com ele; quero ser boy lá na sua loja, por favor e repetiu: - por favor. O Homem perguntou: - Quantos anos você tem, ainda é uma criança, não empregamos crianças. Rapidamente o menino falou: - Eu vou fazer quatorze anos, falta pouco. O Homem levou a mão no queixo em seguida ajustou os óculos e falou: - Vamos fazer o seguinte: - assim que você completar quatorze anos eu emprego você, tá bom?! Você tem a minha palavra. O semblante do menino caiu de tristeza, mas logo abriu o rosto e um riso pálido apareceu. O homem notou a frustração do moleque, entrou no carro e antes de ligá-lo olhou-o novamente, já compadecido. O menino falou: - Posso lhe dá um abraço?! O carro já estava ligado, o menino ficou sem saber se ele ouviu ou não.

No dia seguinte o garoto estava novamente na feira vendendo coisas para os outros, mas com um sorriso largo guardado no peito e quando falava com alguém sempre dizia que já estava empregado que em breve eles não o veriam mais por ali. Começou a fazer planos se imaginar bem vestido pensou até que no primeiro salário que recebesse iria comprar uma calça comprida já pronta, sonhava com isso todos os dias. Dia sim dia não ia na casa do futuro patrão e perguntava se queriam que ele fizesse alguma coisa, lavar o carro, fazer alguma

compra, coisas assim. A mocinha empregada vinha atendê-lo e sempre dizia, não.

Num desses dias o homem vinha chegando em casa e viu o moleque próximo ao seu portão, então desceu do carro e lhe disse: - Estou lhe devendo um abraço da nossa última conversa, abraçou-o e perguntou, já completou os quatorze anos?! Novamente o semblante do menino caiu e o homem percebeu; em voz triste o menino falou: - Não, ainda não, tá demorando tanto, deixe eu ir pra lá o senhor não precisa me pagar o mesmo que paga pros outros, quando eu completar a idade ai o senhor ajusta – e com um sorriso singelo completou: - aí eu já vou estar por dentro de tudo; então, o que o senhor acha?! O homem coçou a barba e falou: - não eu não posso fazer isso, também não depende só de mim eu tenho meus irmãos por sócios e não quero confronto com eles.

No dia seguinte bem cedo, o moleque estava na loja bem antes dela abrir ao público. O gerente viu o menino sentado na frente da loja e perguntou: - Você está esperando por alguém daqui? Ele respondeu: - Sim, pelo dono; - Ah, tá – disse o gerente e prosseguiu: - Ele só chega lá pelas oito e meia, melhor vir mais tarde; o menino pensou: - Pelo menos não me xingou e falou: - Eu espero aqui mesmo. O gerente respondeu: - Então entre e fique sentado ali, ainda está muito cedo. E o moleque falou: - Eu posso varrer a loja para o senhor enquanto eu espero, posso passar pano também. O gerente respondeu: - Não, não se preocupe temos pessoas aqui para isso.

A linda manhã estava apenas começando, enquanto o gerente foi verificar outras coisas o menino pegou uma vassoura que estava próxima de si e começou a varrer o salão. O gerente seguiu com seus afazeres e esqueceu do moleque. Instantes depois como nunca fazia, o Homem dono da loja chegou e viu o menino já passando pano no chão; assustou- se e perguntou? – O que você está fazendo aqui? O menino falou: - vim pra cá ajudar, o senhor não precisa me pagar nada não, melhor que eu ficar lá na rua sem fazer nada; O Homem dono da loja passou a mão na cabeça e começou a ri e disse pro moleque: - Você é chato mesmo, tá bom termina aí, depois vai lá no meu escritório, pergunta do pessoal aí, onde é, agora eu estou com pressa.

O moleque vibrou e foi logo se apresentando para todos da loja que chegavam; alguns perguntavam: - quem é esse maluco, outros diziam: - parece que é esperto, mas no começo todos são assim e o menino só ouvindo a conversa, não falava nada.

Nesse interim o gerente voltou a aparecer e perguntou do menino: - o que é que você está fazendo rapaz, eu disse para você ficar esperando sentado ali. O menino respondeu: - Ele já chegou e disse para o senhor me levar depois lá com ele, mas não agora que ele está ocupado. O gerente ficou sem saber o que fazer, mas disse: - tá bom, mas deixe isso aí porque é serviço de outra pessoa. O menino olhou para o pano de chão, segurou no cabo, olhou penosamente para o gerente e disse: - tá bom, mas já falta tão pouco, deixe eu terminar, aí fica tudo bem. O gerente viu a disposição do menino e fez ouvido de mercador e o moleque terminou o serviço.

O menino começou a andar pela loja enquanto esperava ser chamado pelo seu pretenso patrão. Num determinado compartimento funcionava a alfaiataria e nela estava um senhor já de boa idade fazendo as costuras que os fregueses pediam para as suas roupas novas, um ajuste de bainha de calça um acerto de mangas e até confecção de ternos masculinos o que o mestre costureiro dizia ser especialista. O garoto encostou-se na porta e ficou observando o alfaiate trabalhar, com o rabo de olho por baixo dos óculos o tal senhor, também o observava, mas não lhe deu confiança, por fim, já depois de um bom tempo o expert largou a tesoura sobre a mesa, guardou os tubos de linha, virou-se para o menino e perguntou: - vai ficar o

dia todo aí sem falar nada?! O menino que se movia para lá e para cá sempre com olhos para o corredor, respondeu: - Não quero lhe atrapalhar o senhor mexe com agulhas e tesouras pode se machucar se distrair à atenção. Então o alfaiate com voz de vaidoso lhe falou: - Engano seu, se quer saber eu enfio linha na agulha sem óculos e falo no telefone ao mesmo tempo e faço mais coisas que você nem imagina, num tô velho não. O menino ficou calado, mas pensou: - Metido a durinho né velhinho, quase ri, mas se segurou. O mestre olhou pra ele esperando resposta, mas viu semblante de riso no moleque, então ajustou os óculos e balbuciou: - hum! Surgia ali um carinho reciproco.

As horas estavam se passando e nada do patrão chamar o menino como havia prometido, beirava a hora do almoço e o velhinho já gozava do garoto: - ih, ele já se esqueceu de ti, tá lascado vai ficar com fome se for esperar; Ele a essa hora já está almoçando e é o que eu também vou fazer. O menino começou a ficar aflito e a mania de se bater como quem espanta mosquito chegou. Já estavam fechando a loja para o intervalo e todos iam para suas casas e voltavam as duas horas. O menino falou: - Tudo bem vou dar uma volta por ali quando abrir de novo eu volto; já estava saindo quando o alfaiate disse pra Ele: - Não, espere um pouco, eu almoço aqui mesmo e o que eu trouxe dá pra mim e pra você. O menino disse para que ele não se preocupasse, mas não adiantou, terminaram dividindo a marmita, era sem dúvida a celebração de uma amizade que duraria para sempre.

Poucos minutos depois das duas da tarde o gerente da loja avistou o menino e o levou até o seu patrão que se mostrava preocupado, sem saber se ele tinha almoçado ou não, depois de contar sobre o almoço foram ao que realmente interessava. - Muito bem, você venceu; e falou para o gerente que assistia a conversa: - esse menino vai trabalhar aqui com a gente, mas não é para sair da loja, somente serviço interno, nada mais que isso; coisas leves e somente de manhã por que à tarde ele tem que estudar, estamos entendidos?! – Perfeitamente falaram juntos moleque e gerente da loja. Acertaram salário e o menino ficou super feliz.

Podia terminar a história aqui e estava tudo bem, final feliz.

Mas não foi bem assim, como dizem ao antigos “nem tudo são flores”; alguns dias após o dono da loja precisou viajar, coisa que sempre fazia para fazer compras em São Paulo e a loja ficou sob a direção do outro sócio seu irmão. Certa manhã lá pelas dez e meia, alguém estava à procura do outro boy que fazia serviços externos, mas ele não estava na loja e o diretor queria um lanche. Falaram isso pra Ele: - então mandou chamar o menino e deu-lhe uma ordem: - Quero que você vá no lanche lá da esquina e compre para mim, um sanduiche de carne com alface e tomate em pão francês e uma laranjada; não demore!

A manhã estava agitada o movimento de pessoas pelas ruas estava intenso quase na esquina havia uma colisão de veículos e o tumulto estava generalizado, o moleque não sabia andar pelo centro, senão o caminho do ônibus à loja; ficou nervoso, mas arriscou-se a fazer o serviço. No caminho de tão nervoso esqueceu o tipo de sanduiche que o homem queria, tentou em vão se lembrar, pensou em voltar e perguntar novamente, mas temeu ser ralhado, vez que o cara não foi nada amistoso com ele de pronto sentiu sua antipatia.

O menino chegou na lanchonete e havia muita gente no balcão fazendo pedidos e lanchando, era o horário de pico para a lanchonete; preocupou-se com a demora e se meteu por entre os outros até chamar à atenção de um atendente, quando perguntado não soube dizer exatamente qual era o sanduiche, o balconista no afã de ajudar perguntou pra quem era dizendo conhecer todos daquela loja e sabia o que cada um gostava; o moleque falou e sentiu-se aliviado, lanche embalado pra viagem o menino voou de volta; bateu na porta, entrou e entregou o lanche pro então patrão; ele levou o olho pela embalagem e falou: - que diabo que você fez,

não foi isso que eu lhe pedi, e mostrou o que havia no saco: um sanduiche de queijo com ovos alface e tomate num pão de hambúrguer (o famoso X- salada) - já beirava às onze e trinta e a face do homem enrubrou. Em vão o moleque pediu para trocar. - Coma você eu não quero mais, pode ir. O menino baixou a cabeça e foi se lastimar na alfaiataria com o seu velho amigo.

O alfaiate conhecia bem o tal sujeito, meneou a cabeça e mostrou-se pensativo. Naquele instante viu o calvário e a via crucis que o moleque iria passar até chegar no sábado, sabia, o cara não perdoava erros, então começou a se entristecer lembrou dos bolinhos de filhós que todo o dia o menino trazia para merendar e dividia com ele num gesto de bom coração, chegou a ver o menino insistindo para ele aceitar: - tome, coma pelo menos um foi minha avó que fez e com café é tão gostoso; dizia o menino - era uma quinta feira. No dia seguinte o menino parecia ter esquecido o fato ocorrido, mas o costureiro, não; o menino percebeu e perguntou: - porque o senhor está triste? Ele respondeu: - Por nada não, às vezes eu fico assim.

No final da manhã de sexta-feira o gerente chamou o menino e acertou as contas dele. O moleque chorou copiosamente, relutou, mas foi se despedir do seu amigo e ficou ainda mais triste; ele não estava na alfaiataria, sobre a máquina de costura havia um bilhete para o garoto, estava escrito: - Antônio, me perdoe, não queria me despedir de você, os amigos não se despedem, venha me visitar sempre que quiser. Meu abraço!

Esta foi a minha primeira decepção com pessoas, um erro bobo, uma sentença pesada.

Nunca esqueci.

Antônio Souza

(Contos/Insólitos)

Música: https://youtu.be/KtL08d4xfaQ

Tom Jobim, Miucha e Chico - Sei lá (A vida tem sempre razão)

www.antonisouzaescritor.com

CONTO INFANTIL - O PRÍNCIPE E A DONZELA

Na rua do encantamento, do alto de uma janela,
os olhos de uma donzela aguardavam um momento.
O instante tão desejado e mais repleto de encanto,
quando o príncipe encantado surge num cavalo branco.
A donzela radiante desce a longa escadaria,
encontrar-se com o príncipe sorridente de alegria.
Na garupa do cavalo alado e muito belo,
voam juntos pelo espaço em direção ao castelo.
Lá na montanha encantada, o lindo conto de fada
tornou-se realidade.
O príncipe e a donzela viveram a história tão bela
de amor e felicidade.

BRYZZA

QUEM ANDA PRA TRÁS É CARANGUEJO

O namorado enciumado diz pra namorada: Não dá mais, volte para o seu antigo amor.
E ela _ Meu bem, quem vive do passado é museu.

Erivaslucena

NO BRASIL NINGUÉM PASSA FOME

O sol torrava a cabeça, mas as bolas não paravam de subir e descer das mãos calejadas do menino. Era ritmado, uma bola no ar, uma em mãos e outra entre os dois processos, o truque? Nada mais do que uma ilusão de movimento; a plateia branca em seus carros acinzentados lhe fitava, mas *nunca* todos. Por fim, reverencia, respiração pesada, fim do espetáculo.

Apresou-se para capturar algumas moedas. Olhos no sinal vermelho, cabeça balançando impaciente, e movimentos fingidos de que pegariam alguma coisa no porta-moeda, mas sorriso amarelo satisfeito, poxa, amigão, tô sem nada. Conseguiu de uma moça de cabelo curto duas moedas, na diagonal pegou de um sedan uma nota. Cruzou os carros na batida do sinal aberto.

Agachado arrumava a mochila rasgada. Um colega ganhou espaço entre a outra calçada e ele.

— Quanto, Samuca? — Alto, cabelo curto e roupa de garçom; entre as axilas uma bandeja e nas mãos um fardo de água.

— Oiá aqui — mostrou as migalhas —, tá bom não, Osmar.

— Tem que vender água, rapá, já falei pa ti. — Osmar preparava as mercadorias em cima da bandeja.

— Eu sou artista, amigo.

— Menino, no *Brasiles* artista morre de fome. — Correu para o chamado vermelho com um sorriso no rosto e muito suor pelo corpo. Samu desejou sorte para o amigo e correu para o outro lado da rua em direção a Bento.

Seu Bento tossia com a mão enfaixada próxima da boca, os cabelos eram tufos aleatórios, e as roupas fragalhos. Acenou quando viu o menino se aproximar com seu tênis surrado.

— Oia lá, Samuel, que anda fazendo os cabrestos.

Pegou as ferramentas do oficio e olhou na direção mencionada. Distantes serviços eram executados no painel digital no canto direito do viaduto entre o shopping Luxo e a rodoviária do Povo. Dois cabrestos cuidavam de limpar o outdoor enquanto um terceiro, sentado na plataforma, mexia em um computador. Protegendo toda aquela atividade estavam mais quatro em suas fardas azuis, coletes pretos e porretes elétricos.

— Falar que... — forçou os olhos para ler o que se formava no outdoor diante do sol incessante. — Falar que se pa-passa fome no Brasil é uma grande men-mentira.

— Vê se pode, menino, que palhaçada é essa!?

Quem dissera a frase era um homem branco de olhos azuis fundos em um rosto no formato de cão.

— Como a porra do presidente fala isso? — Seu Bento girou na cadeira de rodas indignado, cuspiu na calçada.

— Ele é só o Autoproclamado.

— Porra, e faz diferença? — Com um giro habilidoso o velho voltou de novo ficando paralelo à faixa de pedestre. Apontou pro sinal.

Samuel correu pra plateia. As bolas ganhavam o ar e a ilusão tinha início. Era um efeito visual, ou as pessoas simplesmente esperavam que fosse assim e acabavam *enxergando* assim? Não sabia dizer.

Bento bateu palmas ao retorno do artista.

— Filho da puta.

— Um real, já ganhei mais... — falou baixinho.

— Eu quero saber é desse porra.

— É só mais uma mentira dele, cê sabe. — A mochila deslizou e encaixou-se nas costas do garoto.

— E tu tá indo?

— Pior que tô, seu Bento, é ônibus e morro pra mim.

— E essa merda ali, menino? — Com a mão tremula o velho tocou o pulso do garoto — Luciana morreu ontem, de fome, porra, e eu vou ficar vendo isso.

Todas as marcas da vida foram impressas no idoso, olhos aquosos, marcas fundas no rosto, falta de movimento na perna direita, ferida na esquerda, dedos machucados nas juntas e queimaduras de sol alternando entre queimaduras do pito da infância sofrida.

— Luciana morreu? — Agachou pra olhar no olho de Bento, que concordou amargurado. — Sinto muito.

O garoto apanhou dez reais entre notas e moedas e deu pro moço. — Vai descansar, seu Bento, vai, tá ficando tarde.

Olhando por cima do ombro de Bento, que balançava a cabeça débil e lágrimas escorriam dos olhos, viu que os cabrestos deixavam o outdoor em direção a rodoviária do Povo atropelando qualquer um no caminho.

— Tão até indo embora, alá — apontou.

— Deus lhe pague, menino, cê é muito bom comigo.

— Sou nada, seu Bento — deu dois tapinhas na mão do idoso —, que deus dobre, hein, porque aí eu pego a metade do senhor pra mim.

Sorriram entre o aviso de sinal fechado e o amigo gritando “olha a água, dois reais.” Samuel passou pelo amigo ao qual deu um toque no ombro, depois entranhou para a pista da esquerda e entrou no caminho direto para a rodoviária.

A cacofonia da humanidade lhe agradava. O caos sempre fora um aliado quando precisou fugir. Atravessou por entre as pessoas, adiantando um pé e pedindo desculpas em quem trombava, cumprimentou alguns colegas de rua e de esquina, passou por duas lojas e entrou na fila do 180. Dentro do baú acomodou-se entre as pessoas, segurou na barra e partiu. O ônibus mergulhou em um declive e balançou as sardinhas. Do lado de fora passava-se prédios responsáveis por suas vidas, polos de mensuração, venda, e quando necessário, deportação da vida comum. Na segunda esquina o cansaço pegou viagem e metade dos passageiros cochilaram.

Longe da parada de ônibus Samuel subia a rampa que dava acesso ao Conjunto Habitacional, a comunidade, passando paralelo a igreja da Candelária, que àquela hora da noite, pertinho das 20h, já distribuía sopa para as crianças de rua. Deu um oi para a Eliana no bar Pexoto e dona Marcia que esquentava os espetinhos tocou a mão do garoto, benção. De fato, era um conjunto, percebível pela proximidade dos lotes espaçados por becos estreitos e escadinhas engenhosas interligando ruas, mas habitacional só descrevia o fato de o lugar ser habitado, e não necessariamente habitável.

Com a chave apanhada do esconderijo abriu a porta e entrou em casa. Conferiu as horas no relógio de parede com foto de Cristo, marcava sete e quinze, ainda cedo para a mãe e a irmã estarem em casa. A geladeira lhe recebeu com lâmpada oscilante, maça e fatia de queijo. Devorou com copo de água enquanto assistia as notícias, um modelo usado, mas seu Zé, técnico, conseguiu liberar os canais com uma caixinha preta lá das caçambas de lixo do Lago Sul. O homem branco dentro da TV falava de coisas distantes que lhe afetavam.

Recuperou a consciência entre os gritos e disparos. Mirou o relógio, nove horas. Limpou a baba da boca e começou a procurar em casa, nada de dona Cleusa e Evelyn. Passou pela porta para fora e tentou olhar lá para baixo por entre as luzes fracas dos postes, mas só viu um velho conhecido da rua subindo a ladeira com dificuldade, Gerson.

— Ouvi tiros, homem, cabrestos?

Gerson enxugou o suor da testa com a mão trêmula:

— Sei se é os bitola não, Samuca, mas tão matando gente.

— Como é? — *Mãe? Irmã?*

— Eles chegaram ali na Candelária, menino, onde entregam sopão, sabe...

Samuel passou por ele e desceu por onde o homem veio, erguendo o pescoço e procurando, a parca luz dos postes não lhe ajudavam.

— Aí desceram seis de um caminhão preto, sabe, e olharam assim e atiraram, caiu dois meninos, sabe, aí eu achei que... — Gerson começou a chorar. — Achei que era pra desmaiar, sei lá, mas a dona lá, a branquinha de óculos ela gritou, aí eu...

— Paulo Pezão? Gambazinho? — Passou correndo por Gerson e trepou em um muro próximo para ver melhor.

— Paulo Pezão eu vi morrer, aí os outros correram e eles foram subindo, os seis, tão vindo pra cá, Samuel, vamô embora, avisei Marcinha e Eliana lá no bar.

Gerson subiu tropeçando na chinela suada, balançava a camiseta amarela.

— E minha mãe, Gerson, viu ela lá embaixo? — *Diz que não*.

Um grito assustou o garoto, vindo do conjuntos de casas lá embaixo.

— Vi não.

— Posso ir não, Gerson, e se elas voltam? — O pior já habitava sua cabeça.

— Eles vão matar você, menino, sabe, eles tão matando todo mundo...

— Vai embora avisar o povo, homem, pelo amor de Deus.

Samuel entrou em casa, pegou uma faca na cozinha, a mochila, no guarda-roupa da mãe tomou a foto de nossa senhora da porta e uma foto da irmã e dele, depois fuçou e levou o terço.

O percurso era simples. Iria até o fim da rua de cima e desceria no extremo entre as casas e a mata que cercava o Conjunto. Da rua de cima conseguia ver melhor a movimentação lá embaixo. Notou logo que luzes iam se apagando, como para se esconder, disparos seguiam ordens de vozes graves, e nomeio disso suplicas “corre, menino”, “não mata ele não, moço”. O coração disparava.

Desceu por entre as casas, parando por pontos altos para tentar enxergar algum sinal da mãe ou da irmã. Começou a perceber um padrão, nem todos morriam. Gritos e disparos estavam localizados na região vermelha, lugar conhecido pela precariedade das condições de vida daquelas famílias, pessoas passando fome, praticamente, como a mãe dizia. Caiu em um lote amplo, coberto por grama, as luzes de lanternas penetravam as frestas da casa e se lançavam lá fora. Esgueirou-se pelo mato, e olhou pela janela da casa – que era um pedaço de pano rasgado cobrindo uma fresta quadrada. Dona Neide e seu marido seguravam nos braços o pequeno Caio, estavam sujos de sangue, os homens em preto abandonaram a casa e dirigiram-se para a casa ao lado. Aproveitou para passar pelo lote e sair à rua.

Correu até entrar em um beco, olhando para trás por precaução, mas quando se deu conta um homem em preto apontou para ele.

— Parado, porra, sem gracinha.

Samuel ergueu as mãos em reflexo, e pisou para trás e saltou de novo para a rua. A bala estourou no chão perto da sua perna. Levantou e correu abaixado. Entrou no beco seguinte e disparou sem olhar para trás, no escuro acertou algo com o pé e sentiu uma fisgada. Antes que pudesse verificar o ferimento assustou-se com o disparo correu em diagonal e acertou a cerca de madeira com força. Começou a chorar. Deu um pulo pela cerca e continuou correndo como conseguiu. Mais adiante retornou ao beco e deu de cara com um

senhor segurando um tijolo e um cachorro ladrando.

— Num vai pegar minha comida.

— Vai embora, tão matando todo mundo.

Outro disparo vindo do beco. O morador caiu e o tijolo se espatifou no chão. O cachorro correu em direção ao atirador e Samuel voltou a correr, virando-se para a direita pra sair do Conjunto Habitacional. Entrou no primeiro lugar aberto que encontrou. Ficava de frente ara a principal que dava para a parada de ônibus. Samuel sentou com os joelhos contra o peito e começou a orar. De pouco em pouco os disparos ficaram distantes e uma rua abaixo ele ouvia os carros passando em seus próprios ritmos. Olhou pra cima e viu que estava em uma venda, mas não tinha ninguém.

Levantou, pegou uma água – pediu desculpa – e saiu tomando-a. Deu de cara com a Candelária enquanto os foguetes de aviso estouravam lá em cima no moro. Não reconhecia ninguém aquela distancia, e nem queria, mas haviam corpos perto dos sopões. Sentiu as dores da corrida exagerada. O cansaço. E pensou, diante daquela cena, que realmente ninguém lá embaixo passaria fome de novo.

Guilherme Alaor da Silva

guilherme.alaors@gmail.com

A MENINA E AS ESTRELAS

Eu era uma linda criança que morava na casa dos meus avós. Quase todas as noites meu avô me contava belas e surpreendentes histórias. Geralmente no meio da contação eu o interrompia enchendo-o de perguntas.

_ Vovô, para onde vão as pessoas depois que elas morrem?

_ Ah, minha filha, elas viram estrelas.

Eu olhava para o céu, deslumbrada com a quantidade de estrelas e ficava imaginando a quantidade de pessoas que já havia morrido.

Desta maneira eu fui crescendo e acreditando que as pessoas mortas viravam estrelas.

Quando já era adulta passei esta história para meus filhos que também passaram a acreditar. Meu filho caçula passou a classificar as estrelas pelo tamanho. Ele dizia que as grandes eram as pessoas que morriam velhinhas e as pequenas das pessoas que morriam quando ainda eram crianças.

Assim a mesma história que fez parte da minha infância, foi passada pra meus descendentes e possivelmente será repassada para outras gerações.

Ingrid Mohr

ABRE AS CORTINAS

Abrem-se as cortinas do palco das ilusões, cada qual, representando sua verdade ou mentira...

Cada qual revestidos de suas máscaras, da traição, dos desenganos, das mágoas e até da alegria ou tristeza.

Uns parecem superiores e felizes, outros tristes nas sarjetas das ruas, lamentando seus erros e enganos, seus amores ou desamores.

Uns dominam, outros são dominados, entre risos e choros, tentam parecer senhores de si, mas nada são além de servos de paixões subterrâneas... vivendo comédias ou dramas.

Uns vivem grandes amores, outros passam despercebidos e solitários, entre a bondade e a maldade, sonhos e realidade, deixam refletir em seus rostos um semblante de ator, que vivem representando seres humanos.

Por que a vida nada mais é que um grande palco onde todos sempre estão representando bem ou mal, aplaudidos ou vaiados, continuam sempre a encenar para convencer-se a si próprios que a vida é uma peça!!!...

Maripenna

Traição

Sabe amiga, todas essas pessoas que falam ou falaram de você, elas não têm vida, não tem razão, não tem coração, são eternos espíritos que não evoluirão, que com sua invejável e indesejável vida, sentem necessidade de escapar de seus sonhos, de seus planos.

Sua realidade que parecia ser sua melhor amiga, traiu você, e longe da precisão das rotinas fabricadas, nas idealidades fabricadas na deprimente história, no silêncio que bateu no seu coração, como se fosse uma facada, mataram sua rotina; pensou em fugir, urgir querendo mais que tudo, a esperança do momento querido. Sabe amiga, essas pessoas deturparam a nossa afeição, pensaram coisas de você, logo você que pensava mudar sua vida, viver outra ficção.

Essas pessoas quiseram jogar pedras em você, talvez pensando que fosse Maria Madalena, pedras essas que fariam doer até sua alma já ferida com a traição dos incrédulos que te julgavam.

Somos o que somos já os traidores da injusta causa, jamais serão o que somos; eles talvez sejam criaturas sem nada, sem cor, sem luz, sem dor, sem pudor, seres inferiores vindos do umbral perdido em outra dimensão; e você forte como é, será aquele ser superior que salva e dá vida a todas as coisas.

Sabe amiga, digo talvez como um único e ultimo amigo, você vencerá essa guerra, mesmo tendo que mudar sua rotina de desejos e sonhos que estarão fora de sua realidade.

Walter Cintra de Souza Lima

(TCintra)

Crônicas

Antes tarde do que nunca

Em meu crescimento precisei me replantar algumas vezes porque embora aparentasse ser uma árvore bonita e vistosa minhas raízes não estavam suficientemente fortes e o que me sustentava era uma base superficial na qual me equilibrava, e quando o vento soprava muito forte tombava e como o parabrisa de um carro ficava todo estilhaçado. Porém esses estilhaços caiam dentro de mim e não se espalhavam ao meu redor, fazendo que as feridas que provocavam demorassem a cicatrizar. Depois de tantos tombos, e com cicatrizes que me proporcionaram um dolorido, porém essencial aprendizado, consegui fazer meu replantio como deveria ter sido feito há tempos atrás, mas não lamento, pois assimilei também que tudo tem o tempo certo para vingar e dar fruto. Agora tenho a certeza que colho exatamente o que cuido e sigo com fé confiante na natureza sabendo que ela continuará sendo minha parceira, me ajudando e mostrando cada vez que algum fenômeno natural inesperado acontecer, terei habilidade de contornar com sabedoria as tempestades e esperar o sol resplandecer sobre minha copa para meu sempre crescente desenvolvimento. Aprendi que o tempo foi necessário para corrigir atitudes que não foram as melhores e mais certas de serem tomadas, que seus efeitos eram passageiros, e que nada adianta aparentar ser um fruto bonito e após a primeira mordida perceberem um gosto amargo e até apodrecido. Quero ser sempre um alimento com qualidade aprimorada para que todos possam degustar e admirar, sem nunca perder o sabor que tenho alcançado com a humildade, a gratidão e o conhecimento que hoje faz de mim uma árvore robusta e pomposa. Reconhecer os erros e se disponibilizar a corrigí-los é o mais inteligente compromisso que podemos ter para evoluirmos, cultivando e produzindo com prudência e sensatez para no amanhã sorrir tendo a certeza de uma boa colheita. Como diz um velho ditado; antes tarde do que nunca, pois para progredir temos que caminhar para frente. Para alguns talvez esse caminho seja difícil porque não se preocupam em sair de suas zonas de conforto por ser mais fácil viver num ciclo vicioso que virtuoso.

Antônio de Magalhães

Decifrando caminhos

Tenho muito a melhorar em mim pois aperfeiçoamento é um processo permanente, mas não quero ser perfeito e sim real e justo. Não sou juiz de ninguém, e procuro pautar minhas opiniões no esclarecimento e comprovação de verdades e experiências vividas, e nesse pensamento o que posso e me permito dentro daquilo que hoje tenho conhecimento é tentar corroborar na integração da sociedade, mostrando as pessoas que existem direções diferentes e nelas podem caber anseios, soluções e realizações. Os caminhos são diversos, uns longos, outros curtos e ainda aqueles que existem atalhos, e em todos há curvas, mesmo que disfarçadas que levam a algum lugar ou terminam sem saída. As curvas ensinaram a curvar-me numa atitude de humildade e deferência, na busca de orientação e solicitude para decifrar cada um desses acessos na minha incansável vontade de conduzir melhor e com mais harmonia o relacionamento com aqueles que partilham comigo suas vidas nessa recíproca e fascinante troca entre aprender e ensinar.

Antônio de Magalhães

É pau, é pedra

Acontece que Clarinha e Linda foram diminuindo, diminuindo, diminuindo… Elas não sabiam ao certo se diminuíam ou se foi o mundo inteiro que crescia, agigantando-se. A culpa foi do bichano da Clarinha, o Sisudo. Ele levou as amigas até o parque e lhes mostrou aquela flor, com o pólen alaranjado, que a tudo coloria. Era um lírio cheiroso e matizante. Foi ter contato com o pólen e a magia começou. Começaram a espirrar, por causa da coceira no nariz e na garganta. A cada espirro, alguns centímetros a menos. As amigas se abraçaram por causa do medo que sentiam, depois cada uma pegou uma grande folha de plátano e as fizeram de skate, descendo a rua com toda a velocidade. Mas não contavam com um quebra-molas… esse as arremessou longe. Por sorte, foram parar na grama do jardim que havia mais embaixo. Levantaram-se zonzas e cambaleantes, e continuaram a descer a rua, desengonçadas como dois palhaços. De repente, na rua de baixo o maldito de um hidrante vazava litros e litros de água. Elas foram pegas pela correnteza e arrastadas para o fim da rua, quando conseguiram se agarrar no pneu de um carro abandonado. Estava batido e nele crescia até mato… ele também foi parar ali por causa de um acidente. E foi por isso que nasceu a canção Águas de Março, de Elis Regina. Linda escalou um pequeno cipó até o rádio do fusca e o ligou, apertando os dois braços no dial. «É pau, é pedra, é o fim do caminho, é um resto de toco, é um pouco sozinho. É um caco de vidro, é a vida, é o sol. É a noite, é a morte, é o laço, é o anzol…» Pois não é que o sol, convidado pela canção, brincou no rosto das meninas, que começaram a espirrar de novo. E a cada espirro iam ganhando tamanho até voltarem ao normal. Bateram muitas palminhas e saíram correndo pela rua, que não era tão íngreme como parecia ser, minutos antes. Já era hora do almoço e claro que iam levar uma bronca dos pais. Mas teriam uma história fantástica para contar a eles. Talvez por causa disso, a bronca ficasse pra próxima travessura.

Cassia Caryne

CRÔNICA DE UM DIA COMUM

O dia hoje parecia vazio, mas estava abarrotado de coisas pra fazer. Ontem (domingo) o carro descarregou a bateria e não tinha quem me fizesse colocar ele para funcionar. Daí que desisti e resolvi esperar chegar a segunda-feira (hoje). Seis da manhã: Duas preocupações, não acordar o resto do pessoal com telefonemas que "poderiam esperar o horário comercial" e não deixar de telefonar por isso.

Precisava dar um jeito de ir até Mateus Leme. Pensei, mas antes tinha que ir até o Bairro Caiçara. E o Mercado Novo? Fiz um trato com alguém lá às onze para mexer com uma documentação. Paciência!

Liguei para o 24 horas da bateria e fui esperar lá fora. Na espera vi que a calçada estava cheia de folhas do ipê que nunca deu flores.

Decidido a varrer a calçada peguei vassoura e pá, mas não deu tempo. o motociclista da assistência encostava sua motoca e sem demora passei ele para dentro e mais rápido ainda resolve um problema criando outro. O barulho ainda não era bem vindo para que estava entre as cobertas e insensível ele ainda recomendou que o carro ficasse ligado por quinze minutos. Antes de qualquer briga levei ele lá pra fora e voltei a limpar o pátio. Fui depois comprar pão e testei a bateria que estava boa. Cheguei com o pão e todos estavam de pé. Detonei o café e fui para o centro sem passar no Caiçara.

' Nada de novo cozinhei o galo no serviço até o meio dia fui para o Geraldo joguei um drink goela abaixo e muita conversa fiada no ar até as 17 horas. Caí fora e aí sim passei no Caiçara, comprei umas rações de cachorro para minha madrinha e cheguei em casa com pão e banana. Tomei um chá de mate e que saber? Vim pra cá, iniciei e terminei essa crônica para ir dormir. E se Deus quiser amanhã inicio uma rotina parecida porque agora às 22: 28, vou ali escovar os dentes e ZZZZZZZZZZZZ.

Escrita por **João Cláudio**

FAÇA O QUE QUISER!

Isso mesmo, faça tudo aquilo que acredita ser bom para ti

A única coisa prudente e principalmente coerente, não imponha a ninguém suas preferências e muito menos suas decisões

O que fazer sentido e é bom pra ti nem sempre é para o outro. Então nada de “churumelas”, autoritarismo e vitimismo.

Respeite-se e o seu coleguinha também. O seu direito termina quando começa o do outro, já que é assim que se vive em sociedade.

A clareza nas ações é importante e porque não dizer fundamental.

Ninguém vive em “Nárnia” para acreditar que as utopias possam se tornar realidade sem que haja um “preço real a ser pago”.

Se você realiza ações que são destrutivas, mas por teimosia não quer reconhecer, está tudo bem. Já que a vida é sua e você a “destrói” do jeito que quiser.

Apenas tenha consciência de suas próprias ações.

Você pode se tornar o motorista de sua vida ou continuar colocando a culpa nos outros de seus próprios fracassos.

Isso se chama: escolha.

O que de fato deve acontecer cedo ou tarde, a sanidade gritar desesperadamente para que você abra seus olhos para o que está por vir.

Lembre-se: o passado é uma página já escrita e imutável.

O agora é tudo que tem e ele pode ser implacável já que suas ações determinam SIM o seu futuro.

Procrastinar decisões é permitir que a frustração e sua insatisfação permaneçam por mais tempo.

“Arregace as mangas” e larga mão de ser mais um no meio da multidão.

Não trate com prioridade quem nunca te considerou da mesma forma.

Algumas pessoas ainda insistem em tratar os outros como objetos e uma hora a conta vem.

E nada de reclamar e muito menos procurar culpados, já que o principal culpado é você mesmo.

A vida é um livro a ser escrito a cada dia com coisas boas ou ruins, também é claro que há acontecimentos que fogem ao controle, mas alguns podem ser evitados enquanto outros podem ser contornados.

Como diz a Monja Coen a dor é opcional, então qual é a sua escolha?

Abra os seus olhos antes que seja tarde demais.

Não confunda liberdade com libertinagem.

Silêncio com passividade.

Silêncio é a resposta sábia para perguntas incoerentes e comportamentos que seguem a mesma linha.

Seja a favor da vida.

E nunca em hipótese alguma, ultrapasse seus limites para suprir a vontade do outro contra a sua própria. (KAROL COSTA)

Karol Costa

*BRUNAS SOBRE FOSCAS… (*Marzo de 2003)

Esa noche andaba por los caminitos de aquella pequeña aldea, anclada en un sobresaliente pasado milenario, invariablemente imaginario. Le escoltaban olores portuarios…rastros de la venta de pescado en el mercado de la mañana…lúgubres luces alumbraban las piedras de las casas con grandes portales de madera…carros tirados por jamelgos transitaban el silencio adoquinado y el señor, paseaba a sus perros después de dos jornadas sin cacería…sin zorro.

Trovadores y Juglares hacían sonar las cuatro cuerdas dobles de la mandolina y un extraño clavicordio inspiraba fantasmagóricas inscripciones que somatizaban en la insólita atmósfera naciente…mientras el azor se posaba en metacarpo enguantado.

El viento erraba alrededor con furia cansina, zigzagueante, buscando refugio…calor, desprendía el hedor del día y atraía recuerdos balsámicos y ansiados por los adormecidos olfatos de los hogareños del lugar que reposaban la madrugada en silvestres lechos, contiguos a resoles prendidos escalfando el aura que disiparía el alba… Esa noche se recostaba sobre el único puente que se levantaba en la existencia y miraba las aguas sudorosas de grasas y pútridos cócteles, rúbrica de la sustancia humana que como el mismo océano, fluían a granel para cerciorarse de que se mantenían a flote. Esa idéntica noche un atisbo observaría ocultarse a la sombra tras su figura ¿qué desafío es este, que hallándome sereno, burlarse quiere? ¡Por Dios, quién osa poseer mi sombra!, nada contestó a sus ruegos…encolerizada, la tristeza le arropó y fue compañera de despliego de turbaciones…esa misma noche. Esa noche que se acercaba al plenilunio y su propia estirpe le hacía escarnio, aislándolo como a un infectado…dejándolo solo frente a una suerte inminente de olvidada necesidad de abrazo…de conquista…la paz no reinaría jamás en el bajo instinto criminal de un mundo dado al exterminio. ¡Esta noche alguien me llama!, lo percibo con claridad a pesar de la oscura tez de la tierra ¿Quién sois vos? ¡Responded presto, antes de que la locura se adueñe de mí y la necedad haga estragos alrededor de este pueblo esquivo! ¡Rezad para que el filo cortante de mi espada no desenvaine y se alce contra esta furia desencadenada por la esquizoide presencia de la cruel iniquidad!, Ah…enemigo desleal que os escondéis ¡dad la cara y os salvareis!...esa noche blandían las nubes allá en los altares, brunas sobre foscas, amenazando tormenta, menguando luces estelares… ¿se acercaba un diluvio…?¡El enojo de los omnipotentes evacuaba su arrebato con la manada de los albores en su más puro estado natural contra el frágil y mezquino títere recreado en estiércol de vanidad!...Esa noche, giró despacio a su entorno y percibió que no era denso el espacio…¿De dónde descendía este infinito que calaba sus atavíos?, consciente de la ignorancia, maduró que se hallaba en sacro instante y que se le revelaba, o pretendía, una señal de divina identidad…más él era un guerrero y no un piadoso creyente…pero esa noche, esa noche aleatoria, colmada de contraposiciones y rarezas, montaría raudo en su corcel y cabalgaría alejándose del desafuero hasta que el ciclo le derribara de su montura y se eclipsaran las tinieblas.

© **Kim** Bertran Canut

Barcelona

****

Kim Bertran Canut. (Pont de Suert, Lleida, 1960)

Vive en Barcelona ciudad, cuna del Modernismo.

*En 1993, publica la novela corta: “Imaginación atrapada.”

*En 2002, publica la segunda novela: “El reflejo de los sueños en lunas rotas (Perdido en la eterna oportunidad)”.

*1996 - 2003, funda con otros amigos: La Asociación de difusión Cultural, “Catársis”. Con sede en Barcelona.

Al mismo tiempo se crea: Catársis, revista literaria Iberoamericana (e Internacional)

Colabora en varias revistas literarias.

Proyecta exposiciones de fotografía.

Inscrito en la RED MUNDIAL DE ESCRITORES EN ESPAÑOL: REMES

PEDIDO DE PROTEÇÃO

Sou mais uma mãe, como muitas que vive pedindo proteção a Deus para os seus filhos, que enfrentam o perigo do mundo lá fora!

Pois desde 14 anos de idade, guiados por Deus, e jovens do bem, foram trabalhar.

E hoje me vejo ameaçada de um dia não ver meus filhos chegarem ao aconchego do lar, pois neste país de fome, miséria, abandono e desigualdade, cada dia vemos mais violências, assassinatos bárbaros, drogas e impunidade...Pai matando filho, filho matando pai...

Já tive filho assaltado com revólver, filha com faca no pescoço no sinaleiro em troca de umas moedas, carros roubados e casa assaltada...

Para quem pedimos socorro!!!

Filhos não se compram nas lojas, e se os mutilarem ou quebrar não haverá cola que os recupere para a ressurreição!

E agora, para quem pedimos socorro!!!

Não se assustem, e em breve as janelas de nossos carros tiverem grades de proteção, pois em casa já assustados vivemos como prisioneiros, tendo que nos proteger com armaduras de ferro e o medo nos ronda dia a dia.

Socorro! Pedimos Proteção!

Eu temo por um dia não mais ouvir a maçaneta da porta girar e não se abrir, quando filhos não mais voltarem do trabalho...por um assalto, uma bala perdida, sequestro, etc.

Eu só consigo dobrar os joelhos e pedir a Deus que olhe por estes jovens que nos barbarizam, pois quando adultos, irão governar nosso país! Matando, roubando e barbarizando este mundo.

Socorro! Jesus!

Me vejo pedindo para acreditar em naves espaciais e pedir socorro para ir para outro planeta mais humano e com mais amor, e menos violência, com certeza lá estará Deus no comando.

Maripenna

Vestido esquecido

Daqui a algum tempo você será como um vestido esquecido no fundo do armário. Um vestido de festa, mas esquecido. Vestido daqueles que não lembramos nem da última vez em que foi usado. Mas, agora, não. Agora sinto tristeza, raiva e decepção. Sua partida, sem despedida, foi o que mais me magoou. Você foi covarde. Soube começar o relacionamento com muitos contatos. Todavia, ao partir, nem mesmo uma mensagem por celular. Foi-se, ou melhor, evaporou-se.

Acredito que a maior raiva que sinto é de mim mesma. Raiva por, mais uma vez, ter projetado, em um relacionamento, sonhos que deveria concretizar sozinha. Ou expectativas que eu mesma criei, sem que ninguém tenha plantado a semente. Raiva de ter agido, mais uma vez, como uma adolescente. Mas vai passar. Sempre passa.

A decepção foi contigo e comigo. Você quis ir embora e o término de uma relação é algo a que sempre estamos sujeitos. Isso é previsível. Mas o fato de você não ter tido a mínima decência de avisar, foi de desprezível fraqueza. Decepcionou-me a última vez. Quanto a mim, a decepção é de não ter, de novo, conseguido sustentar uma relação. Tenho que mudar. Isso é certo. Necessito me amar mais do que a qualquer outra pessoa.

A tristeza vem da ideia de ter fracassado. Como se uma conexão fosse um plano que mal tracei, não atingindo meu objetivo. Uma derrota. Outra derrota. Mas vai passar, sempre passa. Logo vislumbro mais um vestido de festa esquecido no fundo do armário...

Patrícia Alvarenga

patydany@hotmail.com

Por que escrevo? (Crônica)

Mais um dia chuvoso, frio e melancólico, dias assim não são pra mim, sofro com a vontade de não fazer nada. Me resta escrever e por que escrevo? Essa pergunta não me sai da cabeça, fica martelando, pois sempre que publico algo, seja poesia, conto ou crônica, sinto vontade de despublicar, é como se não fizesse sentido o amontoado de letras. Quem irá ler? Há sempre algo a ser dito, isso é certo; não entrarei pra história, isso também é certo, mas é como um vício, como um divã, se não tenho coragem de denunciar todos os fantasmas inadimplentes que habitam meu mundo, ao menos eu os dou vida através dos escritos e faço minha mente perambular por todos os neurônios capazes de expulsar vivências enigmáticas. Escrevo sim e porque escrevo, sei mais de mim, sei por exemplo «que nada sei», «que a sabedoria começa na reflexão» e que «inteligente é aquele que sabe que nada sabe»! E quem disse isso? Sócrates (470 - 399 a.C). A história não tem escritos deixados por Sócrates e sim, relatos de seus discípulos, Platão e Xenofonte. Já pensaram se esses discípulos não estivessem ali para escrever toda essa grandeza de pensamento? Consta que a escrita nasceu há cerca de 4000 a.C., lá na antiga Mesopotâmia, pelos Sumérios e de lá pra cá, muitos e muitos escritores surgiram e com eles, a necessidade de transferir sentimentos, narrar fatos, emocionar, ensinar e fazer refletir. Então, por que escrevo? Talvez para me salvar da procrastinação da minha alma, para não parar de pensar, pois quando penso, torno-me viva, assim como os admiráveis escritores.

(Sandra Laurita)

Dor e traição

As maiores dores que eu tive foram de traições; confiar em alguém, e ter essa confiança traída. Então ao invés de eu ficar pensando na atitude da traição, que é a atitude do outro, eu comecei a pensar na minha atitude. Antes da pessoa me trair eu confiei nela, esse talvez tenha sido o meu maior erro e desse erro eu posso tratar. A dor ela tem uma função didática, ela vem quando você se recusa a aprender, ela te dá a oportunidade, você não aprende, ali na frente ela te dar um tombo, que vai ser uma outra oportunidade; você tem que aprender a sua lição e é melhor aprender por bem, senão a dor vem ai. Que aquela máxima que quem não aprende no amor, aprender na dor é a melhor definição da dor e traição.

Walter Cintra de Souza Lima

(TCintra)

Poemas

ADRIANA RIBEIRO

Adriana Santos Ribeiro Santana, Escritora, Poeta, Compositora e Artista plástica é natural de Estância e residente em Arauá/SE. Graduada em Pedagogia e História pela Universidade Federal de Sergipe. Especialista em Metodologia do Ensino de História pela Faculdade São Luís de França. Mestranda em Educação Superior - FUNIBER. Professora pedagoga efetiva do Estado e professora de história do Município de Santa Luzia do Itanhy/SE desde 2002. - Membra do Recanto das Letras; Membra Vitalícia da Academia Independente de Letras AIL/2020; - Membra Fundadora da Academia Internacional de Literatura e Artes Poetas Além do Tempo - AILAP/2021 com Cadeira 02 e Patronesse Escritora Ilma Fontes; - Membra Vitalícia Internacional da Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes – FEBACLA/2021; - Dr. H. C. em Literatura e História - FEBACLA-2021 - Defensora Perpétua do Patrimônio Histórico e Cultural Brasileiro - FEBACLA-2021/- Autora dos livros **Coração poético, Volume 1 e 2 -** Editora Versejar. Co-Organizadora das Coletâneas poéticas Taverna poética – Tributo a Álvares de Azevedo 2021- Editora Versejar e Cartografias do coração 2022 - Biblio Editora; Organizadora da Coletânea Histórico-literária O município de Arauá/SE: diferentes olhares -2022 – Editorial Casa de Bonecas - ECB/PE e coautora de mais de 60 Antologias de diversos gêneros literários e autora participante de três Revistas Literárias interativas online: Revista The Bard, Revista Barbante e Revista Danda. Cadastrada no Mapa Cultural de Sergipe. Com canais de publicações online Instagram: @adri.poesias, Facebook: Adri Ribeiro e Recanto das Letras: Adriribeiro

Ao som do pintassilgo...

Um pintassilgo ora acorda-me e diz: levanta!

Arrume-se e instrumente-se para o trabalho...

Viva a beleza desse mundo que lhe encanta...

Deixa que eu toco a orquestra aqui do galho.

Sejas livre! Ó meu doce “pássaro de gaiola”.

O que a impede de voar pela imensidão?

Vê se aprende que essa vida é a sua escola.

E só você pode curar-se dessa triste solidão...

O que a prende junto ao chão não a limita.

Não se agarre a qualquer raiz imaginária...

E se a sua alma leve com o vento se agita...

Deixa que ela escape dessa rotina ordinária.

Agarre-se às ondas desta intrusa melodia

Que lhe acorda para avisar que amanheceu.

Voe sobre os versos desta bucólica poesia,

Explore o cosmos porque ele é todinho seu...

Adriribeiro/@adri.poesias

Ser (O existir humano)

Quero ser a palavra que liberta,
Ser o abraço que cura,
Ser o olhar que pacifica,
Ser o beijo que acalenta,
Quero ser o verdadeiro Ser.

Antônio de Magalhães

COZEDURA

copo d'água, vazio
livro aberto, não lido
sensação, sem cognição
música boa, que não mais se escuta
(teu sorriso, permuta)
nublado o clima (mesmo que belo)
há um sumiço perdido na imensidão de um tempo...
e na panela-fogão 'penas vapores que evaporam.
sinto em mim um sonho transato, não exaurido,
(im)perfeição?
tento pegar-te com as mãos,
(não tô falido)
mas a imagem é sombra da ilusão.
isso dói,
(a coisa é dura)
e porque dói, é dor necessária (eu sei)
mas dói demais a cozedura no meu coração.

(Óh Deus, fizeste de mim um ser racional.
Por que cargas d'água desenvolvi o meu emocional?
E longígua voz me responde:
- equilibra-te filho (aprendes),
e anda!)

Antonio Jadel de Brito Mendes
OAB/SP 120.278 - CRA/SP 76.180
ajadel@uol.com.br / ajadel@aasp.org.br
cel.(11) 99520.1391 / **AJ - ADVOCACIA** - www.ajadel.com.br

A Melhor

Esse olhar que me prende
Essa boca que me incendeia
São teus encantos que acende
As noites de lua cheia

Esses cabelos sedosos
Negros como a noite
São caminhos perigosos
Que me arrisco ao açoite

Esses gestos meigos e singelos
E a doçura da sua fala
São os versos mais belos
Que meu coração exala

Essas mãos cálidas e puras
São plumas de travesseiro
Que adormecem com ternura
Toda chama do meu braseiro

Teu ombro é o melhor descanso
Teu peito é a melhor guarida
Tens amor suave e manso
És a minha estação preferida

Nos dias alegres ou tristes
Tu és a minha musa inspiradora
Dos meus desejos e vontades
Tu és a melhor caçadora

Antônio Souza

(Poesias)

Música: Iolanda - Chico Buarque - Simone

www.antoniosouzaescritor.com

Sinais exuberantes

Ariane de Medeiros Pereira

Quando se olhava fagulhas saiam dos olhos
Não gostava da entonação, do jeito, e do olhar
Tudo era motivo para discordar e não se juntar
No embate estabelecido, nenhum saía vencedor.

O tempo passava, a mágoa aumentava e machucava
O grande encontro se formou, todos esperavam aquela cena
Se intimaram, marcaram o encontro
E os olhos faiscando se encontraram.

O fogo era tamanho, a brasa latejava
Não encontravam uma saída para aquele temor
O embate se instalava e o caos embalava
Eles não percebiam que se complementavam.

Tempo de (des)encontro

Ariane de Medeiros Pereira

Olhava vazio para aquela rua em agonia
Não via graça e nem rumo
E naquela fase teimou de olhar pro lado
Avistou aqueles olhos que a muito não via.

Não sabia o que havia ocorrido, naqueles tantos anos
Mas, isso não era problema para aquelas almas
Que se reconheceram ao instante que se perceberam
Relembraram, viveram e acalentaram suas mágoas.

Perceberam que era tarde demais para uma nova chance
Seguiram em direção opostas,
Mesmo pensando que poderiam ter partilhado a vida,
Mas, a razão era difícil demais para esmorecer!

Para além de uma vida

Ariane de Medeiros Pereira

Tinha a arte de me transmutar, mesmo que distante
Era uma espécie de embriagues latente e vibrante
Não se podia explicar aquela ligação ausente
Era culpa do passado, do presente e do futuro.

Aquela conexão advinha por diversas vidas e tempos
Caminhavam em sintonia, não precisava das palavras
Acontecia naturalmente, em tom perene de uma sinfonia
A galeria do tempo transmutava o bem querer

Não eram necessários toques atuantes,
Era no silêncio que se reconheciam
Na construção e desconstrução daquela vida
Que transpunha qualquer tempo mensurável.

Destino em contramão

Ariane de Medeiros Pereira

Parava para pensar sobre si
O pensamento era invadido
Pelo vento que te trazia
De volta aquela mesma estação

Era mais um dia triste
No qual você permanecia distante,
A ausência trazia o frio do inverno
O coração gritava, clamava e queimava

Mas, não era o suficiente para acalmar
Aquela bela alma que sofria em agonia
Era o sentimento latente que ditava as regras
E não foi nessa vida que o amor se realizou.

MINHA COMPANHEIRA POLLY

Bernardo Santos*

Volto de viagem a trabalho
e ao buzinar, ela faz uma festa:
Salta e pula de alegria,
Inclina-se em posição de que gosta de mim,
no aguardo do cafuné.
Faz-me o tradicional narizinho
e corre em busca da bolinha na meia,
para que eu a lance no corredor
e, em disparada, possa buscá-la.
É hora de brincar...
Aos finais de semana
O passeio pela rua é comigo;
ao assistir TV, no sofá fica comigo;
no computador, se estou a digitar
é debaixo da escrivaninha que gosta de ficar.
No almoço ou jantar, sob a mesa espera um agrado.
Ao dormir, somos três:
Eu, a esposa e ela, no meio.
Ao toque de despertar,
a mordiscada no dedão do pé é certeira;
anunciando o momento de levantar-se.
E ela faz uma nova festa:
Rola, espreguiça, abana o rabo,
chacoalha o corpo e pula da cama.
Saltitante, acompanha-me,
ansiosa pelo momento de ir tomar café.
Sabe que vai ganhar uma casca torrada de pão.
É hora de trabalhar...
Quando o carro sai da garagem
uma fenda lateral do portão é seu binóculo

a olhar-me partir; triste em seu choro canino.
Cadê ela?
Polly, a cadela companheira,
amiga de toda hora.
Está esperando minha volta para tudo recomeçar.

*Bernardo Santos, 59, natural de Cristais – MG, formado em Jornalismo pela Universidade São Judas Tadeu - SP, pós-graduado em Gestão Estratégica de Marketing pela UFMG, aposentado. Possui trabalhos premiados e menções honrosas em diversas antologias. É autor da peça teatral *O Amor Liberta* (encenada em São Caetano do Sul – SP, 1980), dos romances *Depois das Onze* (Ateniense, 1988), *O aluno do Passado* (Ebook Amazon, 2022) e do livro de poesias *Poeira de estrelas e sonhos* (Scortecci, 2011).

www.bernardosantos.com.br

Rio Cristalino

Manso corre o rio cristalino
Serpenteando por vales e serras,
Fertilizando margens e terras
Mas o oceano é o seu destino!

Na margem descansa um peregrino
Que sua jornada ali encerra,
A dureza do dia enterra
Pedindo a bênção do Divino!

Meditando na noite escura
Após a sua dura aventura
Da etapa a mente aviva,

Depois de alguma agrura
Com serenidade assegura
O descanso da noite activa…

Casmil, 22.09.2022

Margarida Dengosa

CLÁUDIA GOMES

Sou uma boneca de pano

Feita de retalhos coloridos

Meu cabelo é bem enroladinho

E vivo com um largo sorriso.

Meu nome é nome de flor

Foi uma linda criança que me deu

Me chamo Margarida Dengosa

E amo ficar nos braços da menina que me envolveu.

Sou uma margarida nascida de mãos gentis

Perfumo os dias de quem comigo brinca

Alegro as brincadeiras infantis.

Quando amanhece o dia, ouço a criança me chamar:

__ Margarida, oh Margarida Dengosa

Onde é que você está?

E como um passo de mágica

Nos encontramos com um lindo olhar

E entre beijos e afagos

Nos braços dela eu fico a girar.

Sou uma boneca de pano

Livre como os pássaros a voar

Levo felicidade constante

Com quem comigo quer brincar.

Sou Margarida Dengosa

Uma boneca de tempos de outrora

Que quer o mundo todo conquistar!

SORRISO OFUSCANTE

Ele era um rapaz simpático
Que adorava possuir sapatos
Em sapateiros seus vários pares
Comprados-ganhados-roubados
Ele era um rapaz simpático.

Sorria para a cidade inteira
Sorria vinte e quatro horas
No trabalho-culto-redes
Ele era um rapaz simpático.

Capturou uma bela criança
Arrancou-lhe toda a pele
Curtiu-moldou-costurou-curtiu
E não tinha sido a primeira vez.

O seu sorriso ofuscante
Sugava a atenção de todos
Ninguém ouvia de seus pés
O choro das vidas tenras.

Ele era um rapaz simpático
E por isto, ninguém via morte
Em suas pegadas.

Cláudio Antonio Mendes
Mutum-MG

Sonho Tombante

De olhos fechados sob tão linda aurora
Estava a sonhar contigo ó linda flora
Cercando a atenção não digna de afeição
Em meio a história dentro de histórias.

Piscares se cruzam em fração de milésimos
Sonido nenhum se encontrava entre eles
Mas a voz que ecoava no pulsante
Transcendia as pupilas do momento amante.

E um pedido de perdão se ouvia
Da mais linda boca que meus lábios almejariam
Mas no terno momento do expressar perdoador
O sono tombou o corpo volante.

Que pena Guerreira que meu coração abrigadouro
Não pode expressar o que guardava como ouro
E escupia todos os dias como joalheiro
A morte chega, O sono tomba e A vida pede um novo amor.

Danilo Lucena Chagas é licenciando em Letras (Português/Espanhol) na UFRPE Escritor/ Poeta de poemas em duas Antologias como Artigos e Capítulos de Livro.

UMA HISTÓRIA DE NÓS DOIS

Uma história...
cheia de mistérios,
perfumada pela cidadania.
Vívida poesia!

A história de nós dois,
sem lenço,
nem documento,
desvela sorrisos fecundos
E coloridas lágrimas.
Milágrimas!
Insano mundo.

Uma história...
de nós dois
sem toques,
nem retoques.
Uma história que a vida
nos empresta.
Nada mais resta,
a não ser...
amar sem arestas!...

Chegamos tarde demais.
Os sinos tocavam Aleluia!
Uma história de nós dois!...

Elza Francisco
Lavrinhas SP

Cimento nas calçadas

Você já reparou como nas grandes cidades, as árvores tem suas raízes cimentadas?

Por que limitar o crescimento destes seres tão grandiosos, e que tem uma função tão digna na natureza, e que trazem

tantos benefícios para nós humanos e tantas espécies animais?

No entanto, a força delas é tão gigantesca que chegam a quebrar as calçadas, e espalham suas raízes pelo chão.

A árvore sofre, está limitada, no entanto não deixa de cumprir o objetivo de vida, a qual foi destinada.

Abriga pássaros, insetos, dá frutos, limpa o ar, embeleza, e traz tanta energia positiva e viva onde estiver.

E nós humanos?

Será que se comparados as árvores, estamos com nossas raízes cimentadas pelas nossas vivências,

e tentando cumprir o que acreditamos ser nossas missões?

Ou será que estamos quebrando o cimento das calçadas a nós impostos, muitas vezes por nós mesmos?

Espero que cada um de nós possa expandir, cada dia mais as raízes de nossas consciências e sermos como elas

que trazem tantos benefícios a todos os seres.

Elza Ghetti Zerbatto

Escritora, poetisa, formada professora de educação infantil. Terapeuta Reiki Master 3B Método Usui. Participa de várias antologias nacionais e internacionais. Acadêmica Correspondente das seguintes Academias: Niteroiense de Letras, Goiás Velho e Fortaleza. Ganhadora de diversos prêmios nacionais e um internacional. Participa da Revista Barbante desde 2021 com seus textos autorais, e da Revista Danda desde julho de 2022.

Evas Versus Adões

Somos frutos da insanidade!?

Com sorrisos disfarçados
belas evas das vaidades
oferecemos maçã
mergulhamos no pecado
nesse imenso mar agitado

mas sempre machista, o adão
diz que a tal culpa é só nossa
não assume sua parte
mas não foge da serpente
fingir, sua maior arte
de lábia lambendo a gente

verdade é que todos somos
formados do mesmo esterco
trazemos as mesmas células
germes e cromossomos
aerossoma e bactérias
a costela? só balela

diante dessa epopeia
prevalece o vã machismo
seremos sempre as vilãs
pelo fim do paraíso
responsáveis pelo inferno
mas tudo isso é achismo

Oh, yes! somos saborosas maçãs!

Erivaslucena

Sou Capixaba

Sou capixaba
de alma, corpo e coração.
Nasci em terras tupinikins
e canelas verdes.

Sou capixaba
conjugo o verbo Pocar,
e exclamo: iá!

Abençoado
por Nossa Senhora
no alto da Penha,
assim como Iaiá.

Vibro
na levada da Casaca
das Bandas de Congo.

Sou capixaba
azul e rosa.
Que trabalha
e que confia.

Sou do Espírito Santo,
lar de João Bananeira,
das panelas de barro
e dos colibris.

Sou capixaba com orgulho,
Pois, o orgulho
é de ser capixaba!

Fábio Aiolfi

Maria de Fátima do Nascimento Leite é Pedagoga e Psicopedagoga pela UVA (Universidade Estadual do Vale do Acaraú) e Formada em Mídias pela UFRN (Universidade Federal do Rio grande do Norte). Trabalha como pedagoga na Escola Municipal Henrique Castriciano, atualmente como mediadora de leitura na biblioteca . É coautora do livro Bendita a Mulher e a Sua Literatura, do livro Flor de Sal, Perfis Biográficos, e do Fanzine Asas de Mãe .Possui vários poemas publicados pela Revista Barbante. É poetisa e busca inspiração em Deus e na natureza

CRIANÇAS SÃO DIAMANTES

Fátima Nascimento Leite

Seres reluzentes
Que nascem na Terra,
Simples, puros e brilhantes,
Quando e onde nascem, marcam nova era.

Fazem parte dessa esfera,
Possuindo tão lindo sorriso,
Podem parar uma guerra,
E seu abraço, nos leva ao paraíso.

Sim, Crianças! Que nos ensinam
A sermos seres ensinantes.
Elas sempre estimam a verdade,
E não são vacilantes.

Pedra preciosa lapidantes.
Ouro puro, joia rara,
Tão pequeninos e tão gigantes,
Pois possuem essência muito rara.

Ser encantado de luz,
Que na infância a todos encanta.

Tudo o que tocar, reluz,
Ao seu redor, muita alegria e festança!

Quem não deseja ser
Uma eterna criança?
E para sempre viver
Cheio de esperança?
E a cada dia renascer
Mesmo que seja apenas na lembrança...

LUZ BRANCA

Fátima Nascimento Leite

Uma luz novamente,
Lá no céu, nos chama.
Diz – nos pela mente,
Que a esperança nos ama.

E dentro de nós,
A chama branca brilha.
Faz nascerem novos sóis,
A cada caminho que se trilha.

Os passos que deixamos,
Na estrada da nossa vida,
São marcas que desenhamos,
Para que aquele que vem atrás, prossiga.

O nosso lugar aqui,
É fugaz e passageiro.
E por ser rápido assim,
Trabalhemos logo e ligeiro!

Para que a sementes plantadas.
Possam, enfim, frutificar.
E, quando concluirmos a jornada,
Alguém possa multiplicar.

Pois, toda missão tem,
Começo, meio e fim.
A nossa um dia também,
Alcançará o ápice enfim.

RESSURGINDO

Fátima Nascimento Leite

Renascer,
Mesmo dentre as pedras
Que te machucam sem saber.

Florir,
Se abrir em pétalas sorrindo.
Quando lágrimas estão a fluir.

Caminhar,
Com todo cansaço em teu corpo,
Sem deixar o tempo te derrubar!

Brilhar,
Sempre, apesar de algumas sombras
Tentarem te ofuscar.

Perceber,
A verdadeira luz que há
Dentro de ti, ela sempre há de aparecer.

Seguir,
Para frente sem olhar para trás,
E sempre prosseguir.

Socializar,
O que mais necessitamos nesse planeta,
Do cuidado salutar : se humanizar.

PENSAMENTOS NEBULOSOS
gótica

Às vezes
a escuridão me persegue e eu perco
_____ minha sombra;

Uma
penumbra densa que envolve minh´alma
_____ por inteiro;

Os meus
pensamentos ficam nebulosos, aflitos,
desconcentrados;

Todos
os sentimentos bailam na superfície
_____ dos sonhos congelados;

Ao
atravessar a ponte, percebo que tudo
_____ é escuridão,

Assim,
chego a contar até os minutos das horas
aguardando que, a qualquer
tempo,

(...) uma luz
surja no meu caminho e traga
___ minha sombra de volta...

FERNANDA XEREZ

Francineide Araújo de Medeiros[1]

1ª Revelação

A senhora tem a gentileza
que desperta amizade no coração
amiga no instante de atenção
caminha no tempo com a gratidão

faz na ação a alegria do momento
com o movimento da vida encanta a si mesma
com a surpresa da descoberta encontra o seu semelhante
no novo dia com o sorriso da manhã planta a bondade natural

com a beleza do novo vive a juventude de conhecer
na inovação da experiência exerce a virtude da amizade
com amor vive a natureza de ser
no sorriso de esperança encanta a lembrança do outro

na realidade de quem a conhece
é um ser de imenso coração
expressa no olhar brilhante
a sinceridade da essência na delicadeza da vida.

1 Licenciada em Filosofia, no Campus Caicó-CaC, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Professora temporária de filosofia na Secretaria Do Estado Da Educação, Da Cultura, Do Esporte e Do Lazer – SEEC. E-mail: francineidelua@yahoo.com.br

2ª Olhares que contemplam

A lua iluminando muitos lugares
é a mesma luz que ilumina muitos olhares que a contemplam
na contemplação olhares que sentem, olhares que brilham,
olhares que iluminam, olhares que falam

olhares que não enxergam, mas sentem a brisa da noite
olhares que não enxergam, mas são olhares de sabedoria
olhares que não enxergam, mas sentem o calor do dia
olhares que não enxergam, mas enxergam a lua no pensamento de amor

olhares que enxergam a lua com diversos pensamentos
olhares em êxtase no encontro com a lua
no entanto em si os olhares não se encontram
mas encontram-se na luz da lua a luz de si mesmo.

3ª Você

Enquanto sua presença está ausente no meu caminho
Você está presente no meu coração
Porém sua presença em me, não fez você apaixona-se por mim
Porque enquanto te admirava com amor você simplesmente passava

Enquanto te olhava mesmo sabendo da solidão
Continuei na ilusão de ser amada
Agora percebi que você escolheu um novo caminho
Porque não encontro mais aquele olhar encantador

Talvez um dia eu possa passar no seu caminho

Talvez você possa olhar para mim

Mas não vai reconhecer-me, porque seu olhar canta a melodia

Mas não se deixar encantar por meu amor

A imensidão do meu amor por você

Ficou no silêncio na intensidade da alma

No olhar de quem te olhava com o coração

Todo esse amor é tristeza com tanta dor na estranheza.

PROFESSOR

A mais nobre das profissões
E das mais árduas das missões,
O ato ímpar de lecionar.
Com amor, com devoção,
Exercer por vocação
A arte de ensinar.
Mestres são os professores
Que ensinam até doutores,
Transmitem conhecimento.
É louvável quem ensina,
Quem nasceu com essa sina,
Todo o reconhecimento.
Com prazer, com alegria
Exercer no dia a dia,
Passar o aprendizado
Com suor se dedicando
A cada aluno, formando,
Para o futuro esperado.
É uma dádiva divina
Esse dom de quem ensina
De crianças a até senhores.
No mundo da educação,
Honra e admiração
A todos os professores.

GSFreire

Hermínio Neto, 28 anos, nascido em Piaçabuçu – AL, onde teve o despertar para a escrita, escreve desde os 15 anos. Atualmente morando em Aracaju – SE.

No ano de 2013 engajado na Associação Olha o Chico começou a recitar seus versos em Saraus e demais eventos culturais.

Em 2020 teve textos intitulados como “Você é a minha paz”, “Teu cheiro em mim” e “Me perdi em você”, publicados na Antologia “O amor bate na Aorta”; desde Abril de 2018 tem como vitrine para seus textos o perfil no Instagram @opspoetizei.

••••••••••••••••••••••••••••••

“Ao sentir, nos sentimos”

Sente.

[...]

Sentou?

Sentei.

Sente?

Sinto.

Mas, sente-se?

Sinto-me.

Sente.

Sinto...

Sente-me?

Sinto-te.

Onde quero morar...

No laço do teu abraço
desfaço o nó que tenho dentro
como é seguro
aconchegante
envolvente
aqui eu quero morar
e repousar
incertezas
medos
aflições
e transformar tudo
nas mais doces, suaves
e alegres emoções
quero viver e sorrir
o meu lugar é aqui
vem comigo...

Ingrid Mohr

CHUVA DE VERÃO

Garoa cai lentamente...
Ventania levanta folhas,
Trovões atravessam raio.

Chuva vem acalmando a alma,
Pacifica, traz tão almejado viço...
Novos pingos rolam, sem ensaio,
descem pela janela toda molhada,
outros surgem, assim me distraio.

Janice Walter.

Autora: Jhenyfer Carolinny de Almeida
E-mail: jhenyfer.caroliny@outlook.com
Instagram: https://www.instagram.com/jhenyfer_caroliny/

Arte

A arte é uma forma de expressão.
É saber transformar a ação em reação.
É a música, o poema, o teatro e a dança.
Talvez um texto poético explorado para impactar mudanças.
A arte é sólida e ás vezes não palpável,
É ditosa e ao mesmo tempo, censurável.

A arte nos abraça, para quem bem fala, com boa dicção, desinibição e oratória.

A arte está no presente, no futuro e na nossa História.
Arte não é forçada, é um ato espontâneo, é um todo.
Não exija, não peça, mas a chame, pois, a arte é chama. É fogo.
Arte é mais que entretenimento, é um estilo e ponto de partida.
É um desenlace para o abatido, uma forma de escape, de saída.

Arte é atribuir valor às palavras,
É expressar emoção, amor, tristeza, dor, compaixão...
É fazer alguém refletir para decodificar esses enigmas.
É relatar uma vida por meio de versos, estrofes e talvez, rimas.

É falar o que sente sem dizer,
É transmitir, nua, a sua alma, o seu ser.
É a simplicidade de uma criança, a grandeza de um gênio.
É indagar e apontar sobre o que será daqui a um milênio.
Arte é manifestação artística em espaço público. É a arte de rua.
Também é o gênero dramático redigido com linguagem culta.

Assim, a arte envolve o mundo.

Logo, se tudo é arte, a arte é tudo!

CAMINHAOZÃO

Desce pelo piso de vermelhão segurando a cordinha,
O vovô veio a passeio escutou e ficou olhando calado,
na varandinha perto do pé de embaúba, lá vai ele,
puxando correndo um caminhão grandão, vazado.

A chinela soltou, mas ele continuou correndo descalço,
Passou pela cerquinha, espantou o cachorro malhado,
escutou o grito bravo de uma tia que quieta dormitava,
Mas emparelhou com um buguelo, zoeirento, assustado.

Do céu estava quase descendo gotas d'água ao norte.
Uma juriti, bolinava no galinheiro atrás de soltas espigas.
passa por ela o menino. quase um rolo compressor, a jato.
Espantando ainda o irmão mais novo que queria briga.

Um charreteiro trava o pangaré em cima do "mau motorista"
e grita dá boleia bravo: Cuidado aí, rapaz, cadê a sua "seta"?
Não devia ter "carta" também pois atolou numa manga de porcos.
Estes últimos, trataram de sair apavorados de sua reta.

A mãe vendo que tinha um péssimo motorista em casa.
pois ele amassou a roça de abóboras, couve e mostarda,
resolveu tudinho dentro da lei. A dali de casa mesmo,.

Escrito por **João Cláudio**

O ROUBO DO TEMPO

O dia estava cheio de ontens
que até parecia ter voltado no tempo
ao passado que nunca devia ter saído do lugar

O hoje ainda não existia
nem em sonhos era imaginado
e tudo era somente
dias antigos que um dia
seriam novamente lembrados

Como se o tempo houvesse
caído das molduras dos retratos
lá estava a mesma mesa posta pro jantar
porém ao invés dos três lugares
alguém tinha ido mais cedo embora
e vagado a cadeira frente ao prato de sopa
feita de lentilhas com cenoura e cebola
que somente eu era quem não gostava

Na vitrola se rodava o long play
da trilha sonora do filme My Fair Lady
que minha mãe sempre botava
e que até então nunca quis assistir
mas brincava sem de inglês entender nada
de criar personagens e histórias fantasiadas

Como se olhasse o antes com olhar de agora
tudo ali estava do mesmo modo que foi deixado
exceto pelo relógio de parede na sala
que não registrava o passar passado das horas

Aos pés da mesa ainda posta
uma barata passeia no assoalho de madeira
sem em nenhum momento ser incomodada
mas não me lembro dela em minha memória
só se foi colocada após ela virar póstuma

O dia estava cheio de ontens
o futuro sequer havia chegado
e o passado ainda não tinha sido
lá atrás pelo tempo roubado

Joaquim Cesário de Mello

É preciso recomeçar

Se sua vida está dando errada/ Faça hoje uma reflexão.
É preciso recomeçar /E tomar nova direção.
A vida só é prazerosa/ Quando aprendemos nos amar, doar e perdoar
E a cada erro cometido / É preciso recomeçar/ E ter coragem para mudar
Existem vários caminhos longos / Em várias direções
Alguns cheios de espinhos / E com grandes decepções
É preciso recomeçar/ Pra começar tudo de novo
Assim como Jesus, ensinou Nicodemos / A se tornar um homem novo/ É preciso nascer de novo.
Não devemos questionar com Deus/ O que importa é recomeçar
Pois se nossa meta é Jesus Cristo/ Tudo pode melhorar
É preciso recomeçar/ No caminho Seguro e Verdadeiro
Seguindo Jesus Cristo/ Nosso mestre e companheiro
Tem duas opções que você pode avaliar/ Ou você recomeça tudo de novo / Ou fica sofrendo como está
A ALCAMA E ABEPPA nos ensinam
Como devemos recomeçar
Com o tema: RECOMEÇO / Esse tema é ótimo, ficou muito legal!
Assim confrades e confreiras/ Neste grande sarau
Vão poder mostrar seus talentos e conhecimentos
No 10° Movimento da Patologia Cultural
Deixo este poema, com perfume de Jasmim
Diretamente de Urucará, seu poeta Joaquim.

Autor: **Joaquim dos Santos Marques**
Urucará/Amazonas
Declamada em 28 de janeiro de 2022. no 10° Movimento da Patologia Cultural /Palácio Rio Negro. Manaus /Am.

Flor de espinhos [1]

Uma dor pulsa e vibra em meu peito
Sem que haja alívio
Ou que eu possa fazer cessar.
Há muito uma tristeza verteu-me
E as agruras do medo
Ganharam forma
Em meus conturbados dias.
Passará, isto?
Não sei quando nem como.
Até lá, essa angústia
Se avoluma,
Cá dentro,
Como uma rosa que cresce,
Comprimida, entre rochas
Para florescer a flor
Numa noite de lua nova.

Às avessas

Um clarão partiu o céu
E um torpor estonteante ecoou sobre o vazio.
De lá, me projetei com minhas asas de couro

---

1 *José Domingos Angelo Santos é graduado em Letras Português pela UFS e mestre em Letras pela mesma universidade, sendo professor da educação básica. De quando em quando rascunha pensamentos soltos, aos quais aqui e acolá possuem traços de poesia, escrevendo sobre temas que vão desde o ser ao vazio. E-mail: josevernaculo@gmail.com.*

Precipitando sobre os ares

Para assentar ao chão e, lá,

Fazer morada.

Procurei e nada encontrei.

No vazio

Acendi a chama que queima sem combustível.

A ira se fez forma

E uma sombra

Engoliu a escuridão da noite, quando o sol se pôs.

Para os mortais, nasci na noite,

Fruto proibido de sombras e luz.

Pecado encarnado.

E pelo qual nada possuo ou me

Preocupo fazer.

Andando, entre vós,

Guardei minhas asas de couro

E a forma sem pés

Da qual, verdade,

Sou parte.

Nada resta pois

Não há esperança

Só o vazio, o oco, o opaco

As cores são de cinza e preto

E se ou quando eu terminar

Aqui o que mandaram fazer

Irei para outro plano...

Além do tempo e espaço

Donde a compreensão

Não pode se traduzir em palavras-chaves...

Mas eu não ligo. Não importa.

Seja como for,

Que se dane tudo.

(memórias)

memórias
são dados
linho gasto e amarelado
rugas
formando traços
teias
estendidas no tempo.

José Carlos de Souza

(sonatina)

canto de ave
no silêncio dos homens

rabisco um riso
em versos que não se desenham
num céu de cores planas

cisco no olho da inveja

José Carlos de Souza

(dúvidas)

o que nos reporta o vento
na sua trajetória torta?

o que diz o perfume?
o que pede a cor?

posso tingir a voz
tecer o céu
empalhar estrelas

mas uma pergunta incomoda
e ecoa em mim, tonitruante:
tem sabor o horizonte?

José Carlos de Souza

(oásis)

dia pleno

na areia do deserto
grãos de sol

à noite
a lua brota sorrateira

oásis

José Carlos de Souza

Imagem – Juli Lima

Vi o Sol

Saí pra lida

E como na Vida

As estações se misturam

Os ventos

Trazem densas nuvens

O Sol se esconde e a tempestade vem...

Não levei sombrinha...

Volto pra casa molhada...

Juli Lima

Um "Novo" TEMPO?

Um Velho Tempo
Soprado pela Democracia
Ventos vindos de todos os cantos...

Ventos
Clamando
Por mudanças...

Novo Tempo? Quero acreditar!

Afinal, relógio antigo, também marca novas horas...

***

REpensando...

É tempo de virar a página. Talvez eu seja por demais sonhadora, mas desejo que o escolhido pelo pleito, não esqueça o próprio discurso. Que não seja o lido, apenas mais um montão de promessas vãs. Acredito que errar, seja pedagógico. E que ele tenha aprendido a não fazer do nosso País, uma moeda de troca. Que ele seja o gestor que o povo espera e votou. E, que Ele, não decepcione a Nação! Não votei em nenhum dos dois. Na Urna, apertei "00", CONFIRMA. Porém, reconheço a legitimidade do pleito. A vontade do povo é sim, soberana.

Juli Lima

Imagem dos autores

– AQUI, NEST'INSTANTE... (Dueto) –

Aqui, nest'instante...

Diante uma tela de computador

A mirar meus olhos reais... um ser "virtual"?

[Aqui, nest'instante...

Mundo real de tantos a ser, quiçá, um sepulcro fétido

Todavia, à minha frente, um "portal",

eis-me a adentrar... (seria n'um sonho?)...

entre nuvens cor de amarelo e lilás...

entre lisérgicos aromas a que m'inebriam...

[Aqui, nest'instante...

Ó ofuscantes estrelas dos animados gifs

Cores, essências, imagens... porém, todas... surreais

Neste que batizado é de..."mundo virtual"

[Aqui, nest'instante...

Mas, por que venerar eu deveria este túmulo em qu'estamos?

Um túmulo, oh sim, um túmulo!

O nome a qu'eu defino... o mundo "real"

Oh! Quem nos desatará de suas malditas cordas?

[Aqui, nest'instante...

E aí fica a pergunta:

O que no tempo é real e o que é "virtual"?

Ou quem no mundo é real e quem é virtual?

Quem é de verdade:

Dom Diego Don Diego de la Veja... ou o Zorro?

Bruce Wayne... ou o Batman?

Diana Prince... ou Mulher-Maravilha?

Carol Danvers... ou Capitã Marvel?

[Todos os personagens não têm um pouco de nós?

..Somos reais ou virtuais?

[Aqui, nest'instante...

Nest'exílio em que nel'estamos, quem seguirá...
inalando a doce brisa de seus devaneios:

O homem sério e ocupado ou o amante a que ao amor s'entrega?
Ou, sendo os dois neste mundo, qual dentr'eles o mais autêntico?
Contra tod'agonia e aflição que o atinge, como não querer
se refrescar imerso nas águas d'alegria e do prazer
E, haveria maior júbilo do que amar e ser amado?

[Aqui, nest'instante...

—Onde está o teu tesouro, aí estará... o teu coração‖

Assim dizia o Mestre
E em que lugar está su'amada verdade?
Não estaria no coração de quem ama?
[Aqui, nest'instante...

Oh! degusta minh'essência da sonoridade de sua voz

Aveludada e meiga
E, às vezes, atraente... e sedutora
Todavia, eis qu'ela não está perto (a quem amo)
Ou será a distância uma mera ilusão?
Sim, decerto será...
[Aqui, nest'instante...
Por que quando realmente se ama,
vede haver um paradoxo:
Embora longe s'esteja, também está perto

Qu'estranho!

[Aqui, nest'instante...

Sim, é verdade, o amor encurta as distâncias
Em que sinto sempre ao meu lado (a quem amo)
Ou mesmo diante de mim...
n'uma virtual tela... de computador... ou celular

[Aqui, nest'instante...
Real... no amor?
A quem ama... de verdade
Esteja perto... ou esteja longe
A quem ele ou ela guarda... em seu coração

[Aqui, nest'instante...
Em sintonia... Numa sinergia cósmica
O uniVERSO a nosso favor temos...

... Real!
«Eu Te Amo»
[Aqui, nest'instante...

***Juli Lima & Paulo da Cruz** (Livro – Entre o Céu e a Terra)*
Imagem-Juli Lima

“HABITARE”

Casa dos sonhos é teto sagrado
Porta aberta para a felicidade
Quando o raiar lhe invade...

Também há dias chuvosos
Com pingos gelados que escorrem pela varanda
Mas, o olhar para o horizonte
Rejuvenesce a esperança
Quando os segredos dos telhados
Estimam as manhãs!

Lua cheia é o firmamento das fases
Como adolescente que faz descobertas “sobre si”
Visita em gavetas estrelares
Contando aventuras e promessas
Que atropelam os meteoros da diversidade
Que habitam em você... habitam em mim!

Elos que são quebrados
Os «*corres*” recomendam caminhos...
Assim, a vida vai ficando mais leve
E o “flutuar” também é preciso!

Karine Dias Oliveira

Nova Friburgo/ Rio de Janeiro

Não há mais tempo - Leonardo T. Domingues

E então você passou por mim,

Juntando os meus pedaços num só,

Construindo um novo lugar de paz

Onde eu finalmente pude chamar de lar.

Com o pouco tempo que nos faltava,

Transformamos a noite num eterno pra sempre.

Entre um disco e outro,

Entre uma piada e outra.

Você me chama para uma valsa desajeitada no meio da noite.

Eu te concedo, apesar da vergonha.

Segurando suas mãos, todos os medos se tornam menores

E as inseguranças se tornam lealdade.

Porque em braços o mundo se torna pequeno demais,

Já que diante dos meus olhos só encontro você.

E quando o vazio se torna canção,

Quando nossos corpos param, grudados um ao outro.

Você me deixa escapar, dizendo que não há mais tempo.

Como uma dádiva, guarda entre meus lábios um segredo.

Mundo afora, você se escapa, prometendo um dia voltar.

Entre um desencanto e outro eu procuro sorrir

E digo a mim mesmo que não vou mais esperar que você retorne.

Porque não há mais tempo para aquilo que já foi.

E então como uma onda, tudo passou por mim,

Dispersando todos meus pedaços, por todos os lados.

Destruindo minha paz, o meu lar.

Assim, mais uma vez saio em busca a procura de uma nova terra,

Um novo porto.

Na esperança de nunca mais regressar.

Biografia

Leonardo T. Domingues nasceu em Piracicaba/SP, em 01/12/2003. Seu sonho de escrever veio desde pequeno, quando produzia pequenas linhas sobre um enredo rápido enquanto acompanhava sua mãe no emprego de doméstica. Seu amor por livros cresceu durante a adolescência e foi no período de isolamento que a ideia de embarcar no mundo literário surgiu, e se concretizou nos anos seguintes com o lançamento de seus livros: “Te Li Nas Estrelas” e “Doce Heresia”.

CONFIANÇA

E quando a gente fecha o
elo chamado confiança, nada
poderá quebrá-lo, se for
__ forte e sincero...

É assim que funciona
um bom e sólido relacionamento:
alicerçado na confiança
__ e no respeito...

Quem confia é confidente,
se faz confidente, guarda segredos,
acolhe docemente, é cúmplice,
__ simplesmente...

E se a confiança vigora,
o elo sendo forte e permanente,
há de durar eternamente,
__ no tempo de agora...

LUCAS LOUIS GRAUTHIER

Mensagens bloqueadas

Vivo por um triz, mas não vivo infeliz.

Sinto a cada dia que me perco, mas com o tempo eu percebo que viver sem você é como um berço.

Cheio de silêncio e solidão, algo que machuca meu coração.

Sinto por não poder te mandar uma mensagem, um bom dia, um “Oi, tudo bem?”

Mas sei que nosso amor é proibido e por isso vivemos tão escondidos, fugindo dos nossos próprios sofrimentos.

Vivendo, vegetando sobre a mesma dor.

Com mensagens bloqueadas, mesmo sem sentir nenhum rancor.

Sinto muito por estar longe de você, mesmo amando te ver, te encontrar e te sentir. Vivendo fugazmente sem te ouvir, e ouvindo cada som teu fugaz.

Fugaz é amar-te, amar-te é uma arte, meu sonho é um dia poder tocar-te.

Lucas Gois Santos

MOMENTO PERPÉTUO

Sonhos em compota

Desejos espalhados

Trigo, poeira, tempo

Dança e movimento

Atirar-se a nada

Máscaras sorridentes,

Almas penadas.

Seta digital

Apontando o peito,

Sexo em baixa,

Sangue em torrente.

Punhos acorrentados,

Paredes de areia.

Sempre mais adiante,

Sempre caminhante,

Vou morrer contente.

Lucimara Vaz

Quem Veio Primeiro, o Ovo ou a Galinha? (*)

**As dependências estão em todos os níveis sociais, sem exceção.
Mães desafiam os limites da dependência química e da emoção. (1)
Calam-se. Medo da discriminação, como ao falar em reencarnação.**

**A grande questão de agora é a do próprio conhecimento.
A descoberta do Espírito é um essencial descobrimento. (2)
Saberemos da existência da alma imortal sem deslumbramento.**

A melhor conduta. Amar, trabalhar, esperar e perdoar. Semear sem temores. (3)

Cuidar, sem desesperar, confiando na fertilidade do terreno de seus amores. (4)

***

(*) Bianca Fogli. Doutora e Mestre em Educação. As drogas e suas consequências, p. 140-146. Edição ampliada. Editora MAP. 2021.

1. Emoção e apelo materno
https://www.recantodasletras.com.br/audios/mensagens/94849

2. Descobrindo o espírito
https://www.recantodasletras.com.br/mensagens-de-otimismo-fe-esperanca/7602372

https://www.recantodasletras.com.br/mensagens-de-otimismo-fe-esperanca/7618862

3. Trabalha e Espera
https://www.recantodasletras.com.br/mensagens-de-otimismo-fe-esperanca/7355420

4. Materialização. Jesus
https://www.recantodasletras.com.br/mensagens-de-otimismo-fe-esperanca/7597865

https://www.recantodasletras.com.br/mensagens-de-otimismo-fe-esperanca/7650923

Luiz Carlos Formiga

profundo

você é tóxico
te fumo, me intoxico
depois nem sarro, nem cigarro

eu que quase te fico
te conquisto, nem isso
será mesmo que te vivo?

você xamã errante
retirante, inconstante
me deixa sem pavio, no cio

eu que quase te enquadro
no ato, desato, divido o gozo
à sombra do que vejo

você é quem desejo
na pureza dos tão impuros
há de ser meu porto inseguro

eu, tão pequeno,
tenho sede de tudo, do mundo
desse sobejo profundo, profuso

você?
- nem mar
- nem a-mar
- nem al-ma(r).

Marcello Moura é professor de línguas, poeta, escritor, membro efetivo da Academia Gloriense de Letras (AGL) e membro fundador da Academia Internacional de Literatura e Artes Poetas Além do Tempo (AILAP). Tem textos publicados em dezenas de antologias literárias. Já lançou duas obras poéticas: "As cores de mim, na essência do eu" (2017), pela Biblio Editora e "Tudo de Mim: Poesia em Estado de Ebulição" (2021), pela Editora Brasil Casual. **Instagram:** @prof_marcello_moura

Busque a luz

Busque a luz,
Busque a luz,
Mas nunca tema
A escuridão.

Todos nós precisamos
Buscar nossas respostas
E entender quais são
As nossas motivações.

Eu quero me encontrar,
Pois não quero mais
Fugir de mim mesma.

Busque a luz,
Tente entender
O que sempre
Fez você seguir adiante.

Não podemos mais
Andar às cegas
Como eternos sonâmbulos
Que apenas lutam
Para sobreviver.

Maria Cândida

Poemas Para Você

Guarde sempre no seu coração estes poemas de amor, que foram feitos só para você! Não deixe que fiquem soterrados como se fossem restos de um desmoronamento.

Faça sobreviver este amor, para que sinta a falta que você me faz quando estou só.

Se este amor resistir a tudo, que seja comemorado quando as flores da primavera florescerem deixando seu perfume nos envolver.

Que as flores enfeitem nosso ninho de amor, para que não fiquem apenas pétalas quando a ventania chegar.

Maripenna

Suavidade

Tons de claros sonhares

Envolventes das emoções.

Sons de livres cantares

Tocantes em suas razões.

Voos sonoros abertos

Sentimentos em encantos.

Beleza de vida aos cantos

Leve e pacífico recanto.

É amenizante a suavidade

Abrangente das canções.

É condizente a liberdade

O renovo em suas motivações.

É da beleza dos tons

Os realces encantados .

É da força do dom

Os sentidos elevados.

Cantos límpidos em liberdade,

Sons flutuantes sob as emoções,

Almas que se misturam em felicidade,

Paz que tem nossos corações,

Sentimentos que renascem,

Enigmas descobertos sob intenções.

Suavidade no sentir,

Flutuam leves versos no recanto,

E formam poesias com encanto.

A paz e o riso no seu dia!

Todo reluzir de alegria!

Suavidade e poesia.

Marisa Sá & Roselves Alves

VENTOS

Ventos que levam e ao mesmo tempo trazem as folhas secas da desilusão caídas no silêncio do areado chão.

Entre suspiros do vendaval, as emoções entrelaçam entre corações e sob dilúvio de sensações adormecidas pelo tempo que nos levam a murmurar sons de desilusões.

Ventos que sonham sob mares de paixões em ressacas platônicas que se misturam com sonhos diluídos pela nuvem de desamor.

Ventos que flutuam entre pássaros e voam ao encontro transcendental das estrelas e voltam sob o ar transbordando brilhos de cristais em nossa alma, sobrevoando em desejos e esperanças renovadas na fúria das folhagens novas dentro do meu ser.

Marisa Sá

MOMENTOS ÚNICOS !!!

«POESIA DE AMOR»

Quero você sempre
Ao meu lado meu amor;
Vibrar com alegria e viver
Nossos momentos únicos
Em sintonia perfeita,
Deixando os instintos
Aguçar na nossa alcova
Entre beijos, toques e sussurros
Deixar fluir nossa sensualidade,
Sentir que somos uníssonos,
Quando a libido pede mais
Teus lábios sedutores,
Há momentos de entrega mútua
Verbalização assim através do desejo
O amor que acelera em ritmo cardíaco,
Emoção diante da vida.

☆Marthamaria Moreira☆

Estava marcado você e eu!

Em que direção estar teu olhar?
Busco-te com meu pensamento
E mesmo em sentimento
Nao consigo te encontrar!

Mergulha no teu coração.
E verás meu olhar.
Me encontrará por inteira!

Enfim, te encontrei:
Na delicadeza da flor,
Nas estrelas no céu,
Na poesia de amor!

Nas linhas das poesias
que compõe,
Entrelinhas de amor...
Que suavemente pairam no ar!

Mdc santos e muda de alecrim

REPENTE DO BARBANTE POÉTICO

por Naiker Dàlmaso

Pra você eu vou contar
como se faz um barbante.
Com jeitinho vou mostrar,
pelos versos num instante:
- pra tecer se faz igual,
sempre rima no final
e isso se torna constante.

As linhas pra se juntar
segue o mesmo padrão.
Leva uma aqui, outra acolá,
e vai formando o cordão.
E é neste casamento
do carinho com talento,
logo alcança a perfeição.

O recado a se passar
é a corda em formação.
Com a arte de improvisar,
rimando com atenção,
para não prejudicar
o que tem para falar
até o fim da oração.

E você vai trabalhando,
usando a imaginação.
Os versos vão se trançando...
produzindo uma canção:
Repente de qualidade,
tendo musicalidade
carrega sua emoção!

Os fios são conduzidos,
lentamente com destreza.
E o cordel é concebido
puramente com simpleza.
Logo, está pronto o baraço,
e sem qualquer embaraço,
aprendeste, com certeza!

Cada um tem sua maneira.
Os estilos, não vou expor!
Legal é a brincadeira,
que agora quero propor:
- também faça o seu barbante,
com uma rima elegante
que você pode compor.

Fugir! *

Norbert Góra

Corra o mais rápido que você conseguir,
deixe essa vida
nas páginas da história
você nunca mais vai voltar.
O futuro não precisa ser
como uma noite sem estrelas,
a lei nos garante isso,
liberdade, igualdade e independência.
Não olhe para trás,
não pense que eles são lobos,
que você seja fortalecido
pela esperança de que não voltem a aparecer.
as vezes escapa
está lutando no ringue,
quando ninguém mais acredita em você,
e você ganha, apesar de tudo.

*Tradução para o português: Márcia Batista Ramos

Norbert Góra é um poeta e escritor polonês de 32 anos. É autor de mais de 130 poemas publicados em diversas antologias e revistas de poesia ao redor do mundo. Ele também escreveu três livros de poesia sombria em inglês - “Um globo banhado em horror”, “Darkness in the end”, “Deve haver algo entre a escuridão e a luz” (uma coleção de haikus) - e uma coleção de contos de terror “ Brutalidade”. Ele é inspirado tanto pela luz quanto pela escuridão. Ainda procurando oportunidades de publicação em novos idiomas.

Dias melhores virão

Que habite na alma a esperança
Que venha um novo despertar
Que a vida seja eterna criança
E cada dia seja um novo plantar
De amor seja a alma a bonança
E que não falte cantar e sonhar

Que cada dia seja de gratidão
No conflito haja enfrentamento
Na aurora da vida superação
Que seja iluminado o pensamento
Que seja abençoada a boa ação
Que vença os bons sentimentos

Que rendamos graças a natureza
Que o sol esteja sempre brilhando
Que a terra se encha de belezas
E que cada semente vai brotando
Que Deus seja louvado pela grandeza
Que a vida vá assim se renovando

Que o sorriso seja a porta aberta
Para deixar a luz de Deus entrar
Que a cura venha na hora certa
Pois a fé na vida não pode faltar
Que a preservação sirva de alerta
Só o amor pode o mundo restaurar

Que a empatia venha celebrar
Trazendo a paz em cada coração
Que no amor venha transformação
Que a nova aurora venha celebrar

Norma Aparecida Silveira de Moraes

Na partida fica a saudade

Deixei minha saudade no coração
Nas asas do Anjo plantei o amor
Vivo de lembranças e de emoção

Um adeus que abalou a minha vida
Tanta tristeza no jardim da alma
Só de pesar vivo na minha lida

Minha saudade vai dizer pra ela

Como vivo em prantos ao me lembrar.

Norma Aparecida Silveira de Moraes

Um minuto de silêncio

Patrícia de Campos Occhiucci

Uma salva de palmas
Pelo esforço docente
Em tentar, com calma
Explicar ao aprendente.

E achar tantas formas
De mostrar diferentes
Falar de fatos, normas
Do passado, e presente.

Confusão nessa história
Um minuto solene, silente
Nessa guerra contraditória
De encontrar o preferente.

Houve discurso de ódio
Quebra-quebra insolente
Quem estará no pódio?
Todos perderão à frente
Com intolerância e desamor...

E continua, na sala de aula
A figura antiga do professor
Tentando tirar a ideia da jaula
Transformar aridez em flor.

O trabalho é conjunto, de quem quer

Aqui parece um “salve-se quem puder”

Mas, ninguém vive só!

A escola mesmo é uma rede

Que procura a sede matar

Do aprender, desenvolver

Cada um, o melhor fará.

Deixe, então, o mestre falar!

E construa um novo amanhecer.

Desesperança

Angustia-me de um novo tempo a espera.
Tortura-me a ansiedade desse porvir.
Será que apenas eu, poetisa desta era,
Busco, inquieta e atormentada, intervir?

Anseio por tempos que nunca chegam,
Por sentimentos prometidos e sonhados.
Desejo sussurros que jamais ofegam,
Abraços, carícias e beijos esparramados.

Levam-me o vento e o tempo a esperança
De que este ciclo surja e rejuvenesça
As rugas, traços e linhas já sem confiança

Em momentos mais gentis e radiantes.
Expectativa de um ciclo que refloresça
Ocasiões frescas, leves e esfuziantes.

Patrícia Alvarenga

QUEM ESTÁ VIVO AGORA LEVANTE A MÃO...

"Mas eis a hora de partir: eu para morte, vós para a vida.

Quem de nós segue o melhor rumo ninguém o sabe,

exceto os deuses"

(Sócrates)

- Levante a mão quem está vivo agora

Ao que assim gritei n'esperança d'encontrar alguém "realmente vivo"

Mas, ninguém levantou

Esqueci que com o tempo todos ficaram...

... surdos... e cegos... e mudos... e estáticos... e apáticos...

... e insensíveis... e indiferentes... e frios... e infelizes...

As pessoas não têm conteúdo, somente formas!

São "visíveis" sim, porém... vazias

Têm extensão, mas não... profundidade

Cad'um é o seu próprio coveiro

Neste tempo em que, na verdade, quase todas já morreram

E sempre mortas... ficaram (no tempo... a que desperdiçaram)

E quanto a mim o q'eu digo?

Pego um fósforo neste instante

Acendo meu cigarro

Contemplo suas cinzas a caírem no chão

E rio... e me alegro com sua fugacidade

Ah! Como é bom amar a quem me mata!

A qual linhagem, pois, pertenço?

Seria a dos loucos?

Acredito que não

Tem gente pior do qu›eu

Pertenço-me, na verdade, a dos que não querem ser como os outros:

Enjaulados em sua ignorância
Enclausurados em suas mentiras
Sepultados no tempo

“Cotidie morior...” (1 Cotíntios 15:31)
Todos os dias eu morro...
E pela morte de cada dia... vivo
Já sofri (antes) por muitas mortes
Porque até então... não as amava
Ou, melhor dizendo, não as queria... em nenhum’hora
Tinha medo... de morrer

Quantas “certezas” me deram de que a morte seria o fim [d’uma vida]!
Mas hoje é diferente:
Vejo a vida com total ceticismo
E não me agarro a nada... nem a ninguém
Já não vou aos templos, abandonei todos os seus deuses
Rasguei os seus livros sagrados
Deixei tudo pra trás
Não acredito em mais nada
Nada... nada... nada

Aplico-me agora somente a prestar atenção em tudo
De tudo o que se passava e qu’eu em nada, pois, reparava
E, portanto, não via [nada]

Poucos são meus contatos... [c’outros]
Despi-me a alma contra tantos a terem as suas enroupadas
E, muitos (se não a maioria) vivem como que fardados
Deixaram de ser... eles próprios

Viver para mim não é assim:

Ser com e pelos outros... disciplinado
Deus me livre!
Já cansei de ser espelho d'outros
Ser como eles:
Ancorados em suas malditas esperanças
(na verdade... em suas malditas ilusões e mil engodos)

Não, não quero me refugiar em mais nada:
Política... sistemas... nacionalismos... identificações... religiões... bandeiras...
Não... não... e não
Não devoto ninguém além d'eu mesmo
Ao que minha autêntica crença agora é qu'eu não acredito mais
... em cois'alguma
E em ninguém, principalmente nestes:
Salvadores da pátria!... profetas modernos!... libertadores do povo!...
Deus me guarde de todos estes fariseus contemporâneos!

Na verdade, em tempos antigos, eu queria ser como todo mundo:
A crer cegamente n'alguma coisa vã ou fútil
A entregar minha vida nas mãos d›algum pilantra de terno e gravata
(e torcer por e para eles, como faz a maioria)
Porém, vou dizer com sinceridade: não consegui
Não! Eu me cansei disto...

E pra dizer a verdade, ainda estou cansado

E se a angústia caminha junto a mim agora, amá-la-ei, então
Quem sabe, ela s'entristeceu de me ver sozinho, pois não

E nest'hora alguém me diz qu'eu deixei de sonhar!
Pois eu digo que sim e ao mesmo tempo que não
Visto que quem sonha só tem sua cabeça no futuro

E quanto a mim, eu sou uma “peça rara”
A viver somente... no presente

Talvez por isso não tenho ninguém que me adora
Isso mesmo: não tenho nenhum fã que me idolatra ou me venera
Nenhum...

Ah! Deixa isto pra lá!
Mesmo porque não estou querendo que ninguém venha a ter pena de mim
Não quero ver ninguém por mim neste momento a chorar

Abandonei uma multidão perdida e abandonada
A verdade é esta
Descobri-me...
Que bênção!

E quanto à morte, o qu›eu digo?
A morte me persegue... o tempo todo, eu sei
Graças a Deus!
E se vivo m’encontro hoje é porque morri para mim... ontem
E amanhã, se Deus quiser, estará presente outra pessoa (renovada)
Mas, para isto, me faz preciso morrer (ainda hoje)

****

Paulo da Cruz (Livro – Entre o Céu e a Terra)

Unicidade

Rosangela Mariano

São Leopoldo - RS

Quando as flores

e os sons

tornarem-se únicos...

Quando as lágrimas

forem cores

e desprenderem

perfumes e amores...

Quando os dias

tingirem-se de lírios

e os prantos amargos

sofrerem a metamorfose

da vida...

Quando as horas

estagnarem

e o sangue derramado

for apenas poeira

púrpura

de luzes...

Quando o ser humano

purificar

sua alma e deixar

apenas rastros e passos

coloridos de sol

e girassol,

tulipas

e sândalos...

Então, seremos

unicidade...

sintonizados

com o Pai Maior!

Blog: http://lunaraescritora.blogspot.com

MULHER

MULHER assediada
MULHER humilhada
MULHER subjugada

MULHER respeitada
MULHER exaltada
MULHER EMPODERADA

MULHER retirante
MULHER desmerecida
MULHER batalhadora

MULHER estudante
MULHER reconhecida
MULHER VENCEDORA

MULHER pobre
MULHER militante
MULHER injustiçada

MULHER forte

MULHER fascinante

MULHER ASSASSINADA

MULHER que é violentada

MULHER que morre

MULHER introspecta

MULHER que é amada

MULHER que foge

MULHER que se LIBERTA

SOMOS FORTES!

SOMOS MULHERES!

Rose Sànchez

Silêncio e reflexão

Percorri caminhos corrompidos
Onde a rudeza era o único farol
Percorri caminhos coloridos
Onde o amor aquecia como o Sol.

Em nenhum dos meus caminhos
Consegui parar o nevoeiro
Pois a vida segue um roteiro
E cada cena produz novos sonhos.

Há sonhos difíceis de estrear
Ficam no silêncio e traz reflexões
Tornam-se memórias pontilhadas de paixões.

Tantos sonhos já passaram por mim
Tantos que desejei, mas me neguei
Numa fascinação pelo silêncio, calei.

Silvâni Silva

Rio de Janeiro

Chá de alegria

Escute bem as folhas da alegria
Elas foram semeadas para nós
Vamos colhê-las já, nesse instante
Para saborearmos paz.
Essas folhas são raras de se ter,
Não se deve então deixa-las vãs.
Vamos, vamos ligeiro minha amiga
Convertê-las em sulco da amizade!
Não deixemos passar a eternidade
Sem agradecer ao Deus da vida
O primoroso amor da encarnação...
Vamos comemorar a santidade
De termos este corpo, burrico adorado
A nos dar oportunidades de redenção.

Solineide Maria

O MAR DE MACEIÓ

VÂNIA LÚCIA MALTA COSTA CATUNDA

Como lembro de Maceió, cidade onde nasci.
Repleta de mar por todo seu litoral.
E o mar com sua grandiosidade e espetacular beleza!
Era e continua sendo valioso cartão postal !
Que saudade tenho de pisar na areia branca descalça ,
Deixando pegadas dos meus pés . Andando com o vento.
Que sensação libertadora! Afundando os meus pés nos
Sulcos, nas escavações das crianças . Evitando os sargaços ,
os cascalhos .Retirando até o quê não é para ser deixado no mar!
Encontrando conchas inteiras e quebradiças, de cores branca e marfim.
Encontrando também, siris pequeninos , ligeirinhos a se esconderem nos
seus buraquinhos. Vislumbrando os barcos a chegarem com os seus
agéis pescadores a estenderem suas redes lotadas de peixes ,uns ainda
vivos e pulando alto .Muita gente , em círculo, olhando aquela cena, curiosa .
Que deslumbrante a formação instantânea e perfeita de todas as ondas
quebrando-se ao longo do caminho.
E quando o mar estava manso, tantos mergulhos eu dei, naquela água morninha,
salgada ,por vezes esverdeada ,por vezes azul. E como aquele banho aliviava
o forte calor do meu corpo! Quantos momentos bons no mar ! Quanta recordação!
E quanta saudade daquele mar tão familiar !

VÂNIA LÚCIA MALTA COSTA CATUNDA, é natural de Maceió-ALAGOAS.
Filha de José Inocêncio Leão Costa (em memória) e Maria Cleuda Malta Costa .
Tem 04 irmãos :Nazaré, Glaucia, Cleide e Junior. Casada com Júlio César Catunda.
Não tem filhos. Servidora Pública da Secretaria de Saúde do DF, aposentada como
Médica Neonatologista . Publicou seu primeiro livro solo O OLHAR DA VIDA.
Tem participações em algumas Antologias físicas e em e-books.

Reflexões de uma professora de primário

Joana me encanta! Tão meiga e doce...
parece deslizar na própria harmonia,
inteligência emocional precoce!
Luizinha pensa falando,
e chega a muitas conclusões
com muita lógica
Giovana, olhos grandes, linda!
- Tia, precisa mesmo ler?
- Sim, Giovana, precisa!
Ivana, Inteligente, esperta,
me questiona, me enfrenta,
e não é que muitas vezes
tem razão?
Bruna é calma! Tímida, estudiosa,
comportada, uma dama!
Eduarda voltou! Inácio também!
E está mais motivado,
caprichou na caligrafia!
Virgínia, cafuza! Preta, cabelos lisos,
tão bonita!
Alice não esquece:
- Tia, trouxe lembrancinha?
Natália, professorinha! Adora o quadro!
- Tia, posso ficar escrevendo aqui?
- Sim, Natália! Depois apaga,
- Pessoal, acabou a aula! Podem ir!
- Natália, por favor, apaga o quadro!
- Mas,... Tia,

você não vai nem ler o que escrevi?

- Tá bom!...

- “Professora Vera,

você é a melhor professora de

matemática do mundo”!!

- Ah!...

Pensando bem, Natália,

não precisa apagar o quadro não!

- Um beijo, querida,

- Boa semana!

Vera Lúcia Horta Paiva

Sonido

A fase que a rua trás,
parece nascer em mais um dia,
a arte da dança e do canto
surgido na solidão do poeta.

Poeta crescido no ventre das estrelas
que anunciam o orto do rio que cruza
a normalidade do despertar desabrochante,
do sombrio desejo de amar.

Amar em escala musical o som,
na ausência do riso que o tom
de alguém patenteou sem parar.

Parar e se juntar, e se conhecer
no conselho molhado da lágrima
que foi reparado no sonido dá risada final.

Walter Cintra de Souza Lima
(TCintra)

Não mendigue amor

O amor não deve ser forçado
Nem mendigado,
Deve ser conquistado
E todos os dias cultivado.

Que tristeza
Alguém querer forçar um relacionamento.
É perda de tempo
Se não há reciprocidade de sentimento.

Se você nutre um sentimento
Precisa exteriorizar,
Mas se o outro diz não,
Aprenda a respeitar.

Não adianta forçar
Quando o outro diz não,
E fala que gosta de outra pessoa.
Esqueça, não seja à toa!

O que adianta
Insistir por alguém
Que várias vezes disse não?
Pare de mendigar amor,
E aquiete esse coração!

Zélia Oliveira

Resenhas

RESENHA CRÍTICA[1]

ROCHA, Hélio. **Gaivotas**. São Paulo: Editora Penalux, 2015. 110p.

Elysmeire da Silva de Oliveira Pessôa[2]

Raylan Felipe Macedo Setúbal[3]

Ronilson de Sousa Lopes[4]

"*Gaivotas",* lançado em 2015 pela editora Penalux, é o mais recente livro de contos do escritor e historiador social Hélio Rocha. O autor, que é natural da cidade de Lábrea, no Estado do Amazonas, destaca em suas obras, a temática amazônica, seja por meio de sua escrita literária, seja através de suas pesquisas e produções acadêmicas. Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas, no Estado de São Paulo – UNICAMP - SP, Pós-Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Hélio Rocha é professor da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, onde atua junto ao departamento de pós-graduação Mestrado em Estudos Literários – PPGMEL; e no programa de Mestrado e Doutorado em Letras: Linguagem e identidade – PPGLI, da Universidade Federal do Acre – UFAC. Dentre sua produção literária, destacam-se além de *Gaivotas (2015)*, os livros *Maciary, ou para além do encontro das águas (2012) ,* composto por uma série de contos que refletem a história da fundação da cidade de Lábrea; e *Coronel Labre* (2016), que trata da história do emblemático "coronel Labre ", como ficou conhecido o coronel da Guarda Nacional Antônio Rodrigues Pereira Labre, - fundador e destacado político da cidade de Lábrea no estado do Amazonas. Estudioso da língua Inglesa, Rocha, se destaca ainda, como tradutor de narrativas de viagens à Amazônia, como é o caso dos livros "*As aventuras de um sueco no Alto Amazonas, incluindo uma temporada entre índios canibais",* de Algot Lange, "*O paraíso do diabo – Relato de viagem e testemunhos das atrocidades do colonialismo na Amazônia*" de Walter Hardenburg, e *O Noroeste Amazônico – Notas de alguns meses que passei entre tribos canibais*, de Thomas Whiffen, com colaboração de John Brown, dentre outros trabalhos nessa área, contribuindo, assim, para a tradução de importantes livros de viajantes. Além dos livros mencionados anteriormente, o escritor tem várias participações em artigos acadêmicos e capítulos de livros na perspectiva Pós-Colonial.

ROCHA (2015), na apresentação do livro "*Gaivotas*", expressa a intenção de tornar conhecida por um número cada vez maior de leitores, algumas representações, ambientadas na região norte do Brasil. Desta

---

1 Resenha Crítica apresentada para conclusão da Disciplina Historiografia Amazônica, do Mestrado Acadêmico em Estudos Literários, da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

2 Licenciada em Artes Visuais (CEUCLAR). Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. E-mail: elysmeire@gmail.com

3 Licenciado em História (UNIR). Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. E-mail: raylanfelipe@gmail.com

4 Licenciado em Filosofia (ISTA). Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. E-mail: ronilson.lopes@ifam.edu.br

forma, ao longo dos sete contos apresentados no livro, o autor, que é confessadamente leitor assíduo e profícuo de relatos de viagem, crônicas e narrativas literárias ambientadas na Amazônia, homenageia e faz referências, em alguns destes contos, a uma série de viajantes e pesquisadores que se aventuraram nos rincões amazônicos de outrora. Além desta temática, as narrativas trazem uma série de críticas contundentes aos vestígios do colonialismo, representados pelas situações de exploração da mulher amazônica, de desrespeito à cultura indígena e da banalização da violência, que é frequentemente usada pelos colonizadores em seus diferentes âmbitos.

"*Gaivotas*", cujo título alude metaforicamente às características peculiares destes pássaros viajantes, tão presentes às margens dos rios amazônicos no período do verão, se aplica principalmente à figura da mulher que perde suas terras, sua língua, sua religião e o seu corpo para o colonizador através da força de trabalho e da sexualidade, conforme salienta a professora Dra. Heloisa Helena Siqueira Correia ao prefaciar a obra. Observa-se, ainda, que ao longo da narrativa dos contos, e em conformidade com o curso da viagem literária estabelecida, a existência de um elo metafórico entre as gaivotas e alguns outros personagens dos contos, os quais comungam alguns dos aspectos simbólicos das gaivotas, consideradas por muitos povos indígenas como uma ave mensageira entre o céu e a terra, simbolizando ainda a busca pela liberdade dos que vivem, voam e viajam nestes ermos da Amazônia.

O conto "Dany" apresenta a gaivota como metáfora da mulher, que ganha a vida se prostituindo, e que acaba assassinada por motivos passionais; no conto "(In)visibilidade" , gaivotas são metáforas tanto para as indígenas Cati e Dawjaw, cujas vidas são ceifadas pelos colonizadores/invasores – viajantes brasileiros e estrangeiros, estes gaivotões , percorrem os caminhos amazônicos em busca de fortuna, e vão destruindo e degradando vidas (corpos naturais humanos e não-humanos); são gaivotas também os viajantes leitores e escritores, que buscam experiências e novos conhecimentos em suas viagens, tais como Bob Reiss, Koch-Grünberg e H. M. Tomlinson.

Além da simbologia das gaivotas, em todo o livro há a presença de seres insólitos, naturais ou culturais, que surgem periodicamente, seja nas representações simbólicas e míticas dos povos da floresta, tais como o Jurupari, a Cobra Norato, Yauri - o tuxaua dos Apurinã, fala ainda de Ajuricaba, Macunaína, Kainamé, da Esfinge Verde, das árvores mártires, árvores defuntas, e também das sombras que vagam. Estes seres constituem não apenas a natureza, mas compõem a alteridade e identidade das Amazônias.

O caráter pós-colonial faz-se presente no transcurso da obra, expondo sua face mais sombria instaurada na região amazônica. O cunho de denúncia se mistura a uma boa estrutura de leitura valorizada pela tessitura única que a região proporciona ao social. As vísceras do colonial são expostas através de uma narrativa crua, que não tenta esconder os males trazidos pelos colonizadores, e assim revela a estética do sublime em sua obra. Kant (1942, p.6) descreve que "O sublime comove, o belo encanta; a expressão do homem dominado pelo sentimento do sublime é séria e, por vezes, fina e assombrada*"*. Podemos encontrar na obra de Rocha (2015) aspectos do estado "sublime", tais como a comoção, a seriedade e o assombro, como por exemplo, no trecho: "Era o único negócio que aprendera a gerenciar desde os doze anos de idade, quando conhecera seu primeiro amor e explorador sexual [...]" (ROCHA, 2015, p.23). O impacto da ideia de amor precedendo um contexto de violência, evidencia o costume colonial engessado na sociedade amazônica, o tratamento da mulher como objeto.

Rocha propôs-se a contar experiências micro para estender a análise das estruturas macro da dominação

colonial. Segundo deixa entender Zechlinski (2003, p.8) perguntas como: "o que este personagem tem de único e o que ele apresenta de geral na sociedade em que está contextualizado ?"; podem aproximar a micro história da estrutura literária, promovendo uma análise mais completa, tanto da obra quanto da historiografia, mesmo que ainda haja resistência da academia em valorizar tal modo de escrever história; contudo, o autor transcende tais refreamentos positivistas da academia e constrói um rico trabalho.

Quanto à elaboração dos sete contos, cinco deles foram dedicados a figuras relevantes para a Amazônia, como ressalta o próprio escritor: "dos sete contos, dois deles - "Rumo à terra do Sem-Fim" e "O lago de Samuel" – foram concebidos a partir do livro *The Road to Extrema*, do jornalista estadunidense Bob Reiss, que visitou a Amazônia no final da década de 80 do último século; o conto "O etnólogo" nasceu da leitura de *Do Roraima ao Orinoco*, de Theodor Koch-Gunberg e é uma homenagem a esse etnólogo alemão; já o conto "Madame Godin" é uma tradução integral da introdução de Isabela Godin: "The lost lady of Amazon", romance de Anthony Smith baseado na narrativa de "La Condamine". Os demais contos são frutos da técnica e da imaginação, principalmente "Speculae", dedicado a H. M. Tompinson; "Dany" e "(In)visibilidade", devo às experiências de leituras *in situ* e da historiografia regional", (ROCHA, 2015, p.9).

Nos contos, as identidades narrativas e os personagens elaboram reflexões sobre a existência, sobres as relações entre colonizadores (estrangeiros e/ou brasileiros) tanto com a natureza, quanto com os naturais a ela - os povos autóctones (colonizados). Apresentando ao leitor, a perspectiva ora sob o olhar do colonizador, para os quais tanto os indígenas, quanto a natureza representavam um empecilho a ser mitigado, muitas vezes de forma violenta e devastadora, ora sob o olhar dos povos autóctones, que, assombrados pela violência do colonizador e seu ímpeto predatório, cada vez se refugiavam para o interior das matas.

Em "Dany", a personagem que dá nome ao conto, representa uma mulher indígena de descendência Caripuna, que ganha a vida se prostituindo nas praças de Porto Velho, e acaba sendo morta pelo ex-marido; assim como Cati e Dawjaw, duas indígenas Apurinã, do conto "(In)visibilidade", as quais foram mortas cortadas pelo terçado dos colonizadores em busca da borracha no município de Lábrea. Embora os contos sejam ficcionalizações, sabemos que o escritor está dialogando com outros escritores, como Gunter Kroemer em livros como "*Cuxiuara: o Purus dos Indígenas"*, que relata massacres contra os povos indígenas no município nessa mesma tonalidade. As mulheres da narrativa não têm voz. Elas podem até falar, mas não são ouvidas, como afirma Gayatri Chakravorty Spivak, no livro *Pode o Subalterno Falar?*.

As personagens são massacradas. Sobra a invisibilidade e o silêncio da noite escura que cai. É a sociedade capitalista que só se importa com o lucro. Os pequenos, os marginalizados, só servem como peça na engrenagem das relações que visam tornar o outro objeto de prazer fácil e da geração do lucro.

Conforme evidenciado no conto "Dany", o complemento da metáfora gaivota é gaivotões, como narra a personagem Dany: "fiquei observando a cena que me lembrava os barreiros de curicas e periquitos na aldeia de meu povo. Notei que, de outro canto, chegava um gaivotão-de-bico-amarelo, um velho conhecido que vivia na baía de Guanabara" (ROCHA, 2015, p.25). Neste sentido, velhos ou jovens, no geral estrangeiros que, com seus voos rasantes buscam presas fáceis para um prazer fortuito. "[...] Entretanto, não vejo uma entrada sequer para o lugar dos meus sonhos: a floresta tropical. As muralhas cercam tudo. Nuvens azuis, cinzentas e avermelhadas protegem a entrada do Éden, só pode ser – disse Tomlinson para seu amigo Hill, um texano que se espreguiçava sobre a amurada do tombadilho, enquanto soltava baforadas de seu cachimbo prateado; e se imaginava voando como uma gaivota estridente nos céus daquelas águas barrentas", (ROCHA, 2015, p. 68).

Assim, percebe-se que a metáfora da "gaivota", desvela não só a figura da mulher explorada sexualmente, mas também os desejos de reconhecimento e fortuna, que perpassam a figura do viajante que desejava encontrar ouro, fama e poder; bem como do nordestino que veio para essa região fugindo da seca do Nordeste para se enriquecer. Ambos desejavam fazer a vida, como a gaivota que busca o peixe na água e depois de se ver com o peixe no bico, voa para longe, vai embora saciada. É o madeireiro que leva o caminhão cheio de árvores; o capitalista que constrói a hidrelétrica para se enriquecer; o coronel de barranco que levava a borracha; o pesquisador estrangeiro que levava as amostras, que criava saber e levava cadernos cheios de anotações e fotografias para escrever livros e diários, fazendo fama e fortuna, as quais as pessoas da região pouco tiveram noticiais. Gaivota pode ser a figura da mulher explorada, "Bob olhou para o outro lado da rua e viu algumas figuras femininas de salto alto curvando-se nas janelas dos carros estacionados na margem da rua sob uma meia luz", (ROCHA, 2015, p. 44). Mas também pode ser a água, a fauna, a flora, enfim, pode ser a Amazônia. "[...] arvores defuntas ainda permaneciam de pé. Eu nunca sobrevoei um vulcão, ou um terremoto, mas aquele estrago tirou-me a respiração. Era a floresta sombria dos meus contos de fada. Milhares de troncos boiando nas águas escuras. Árvores afogadas recentemente ainda mantinham seus galhos à vista, como que à espera de socorro. Os troncos mais velhos boiavam como serpentes retorcidas", (ROCHA, 2015, p. 58). Ou na passagem do conto "Speculae", quando o narrador nos interpela: "(lembra-se, leitor, das atrocidades ocorridas no rio Putumayo contra os huitotos, boras, andoques e muinanes); ou a colonização das terras estrangeiras por homens de além-mar; ou o assassinato da Mãe-Natureza", (ROCHA, 2015, p. 70).

Nesse sentido, se gaivota é a floresta ou a Amazônia, o gaivotão é o colonizador que a explora. Assim como a figura da mulher que é explorada através de uma relação que não lhe garante dignidade, que a coloca numa situação de objeto, a Amazônia também é vista como objeto de desejo de enriquecimento fácil e rápido que, de certa forma, é explorada através de uma relação que só beneficia uma das partes, uma vez que um usufrui e enriquece e a outra parte fica com os danos, assim como Dany, assassinada pelo seu carrasco.

Com uma linguagem profunda, clara e sublime, o autor, conforme afirma Iza Reis, no posfácio, "conduz o leitor ao fantástico, ao mítico e ao insólito". Isso faz com que, através da sinestesia, o leitor adentre a paisagem da obra, como na abertura do conto Dany: "na manhã de um sábado morno e sem vento, com um céu que ameaçava derramar um aguaceiro, poucos dias depois que eu havia deixado a cidade de Manaus para trás", (ROCHA, 2015, p.21). Conduz o leitor a um labirinto insólito e sombrio, tal qual o espírito da personagem que vende o corpo para sobreviver. Assim como no desfecho, quando Dany é assassinada e a vida segue, como se nada houvesse acontecido, como "a noite tecia seus fios escuros naquela cidade habitada por pessoas vindas de tudo quanto é estado do Brasil e de muitos países da América do Sul", (ROCHA, 2015, p.27). Rocha utiliza de uma imagem – "os fios escuros" – para mostrar, de forma crítica, uma sociedade onde os *gaivotões* só pensam no próprio prazer, seja do gozo do sexo fácil ou do dinheiro, fruto da exploração, como a empresa Santo Antônio Energia. Antes o nome representava uma cidade, mas agora "apenas o nome de santo continua existindo" (ROCHA, 2015, p. 24).

Da mesma forma no conto "(In) visibilidade" quando o personagem Yauri sonhou que "a Grande Noite se aproximava" (ROCHA, 2015, p.97). Pressentido a presença do colonizador que trazia a morte uma vez que "a grande noite chegaria com seu véu mortal" (ROCHA, 2015, p.97). Dialogando com o mito indígena amazônida da origem da noite, quando a noite escapa de dentro de um coco e traz o mal para o mundo.

Sobre esta relevante obra, apresentaram-se aqui alguns *flashes* de luz, dos quais surge o convite para

que o leitor possa adentrar nessa aventura e descobrir muitos outros aspectos, desta importante crítica pós-colonial, que tem como cenário as paragens amazônicas. Salienta-se que em *Gaivotas*, a escrita sensível e firme, de Hélio Rocha, brinda seu público, com a tessitura de contos, enriquecidos tanto pela vastidão de conhecimentos acadêmicos do autor, nas áreas literária, historiográfica, geográfica, e cultural, sobre o modo de vida, costumes, mitos e aventuras amazônicas, quanto pela origem e vivência pessoal do escritor - legítimo "filho" da Amazônia. E dessa confluência de saberes e vivências, eis que se manifestam através dos contos, o passado e o presente dos povos indígenas e da Amazônia, delineados de forma, fluente, forte e bela. A leitura é imprescindível tanto para o estudante que deseja conhecer a realidade social da Amazônia, quanto para aqueles que pretendem fruir de uma leitura ficcional reflexiva. Em suma, o livro *Gaivotas* carrega um pedaço da Amazônia consigo, colaborando na construção de uma produção literária sólida, servindo de inspiração a novas gerações de escritores, nascidos ou não na região.

A dificuldade de ouvir não é do surdo: uma resenha do filme "Sou surda e não sabia" (2009)

Larissa Araujo da Cruz[1]

O filme "Sou surda e não sabia", produzido em 2009 sob direção de Igor Ochronowicz, relata a história quase autobiográfica de Sandrine Herman, uma mulher que nasceu surda em meio a pais ouvintes, além de suas dificuldades perante tal diferença e a percepção singular adquirida por ela devido à sua "deficiência". Porquanto seu relato é transmitido, determinadas situações que se assemelhavam às de Sandrine são apresentadas em curtas cenas representativas, como o momento em que seus pais descobrem a surdez e seu contato, através da escola, com outras crianças ouvintes, as quais não partilhavam da mesma experiência que ela. Ainda envolto à essas questões, o filme traz alguns especialistas para discutir a surdez e desmistificar conceitos pré-estabelecidos e ampliados erroneamente pela sociedade, tais como o mito da incapacidade comunicativa dos surdos.

O filme passeia pela história de Sandrine, desde seu nascimento e descobrimento como pessoa surda, os empecilhos no seu processo de aprendizagem e aquisição de conhecimento, além das barreiras enfrentadas e suplantadas para que conseguisse se tornar alguém além de "uma pessoa surda". Infelizmente, esse estigma persiste: há uma subjugação e inferiorização dos surdos na sociedade devido às distinções em relação aos ouvintes (que se manifestam pelo veículo sonoro), esses que, muitas vezes, não são desenvolvidos e/ou utilizados pelos surdos, visto que a audição e a fala estão intimamente conectadas. Segundo Sandrine, foi instituído, para e pelo os ouvintes, que a única forma de compreender o mundo advinha do ouvir e do falar. Por isso, eles não entendiam como a comunidade surda poderia interpretar e se expressar utilizando apenas sinais. Portanto, a conotação "linguagem de sinais" adveio do não reconhecimento das línguas de sinais como línguas efetivas e dotadas de plena e fluída capacidade comunicativa.

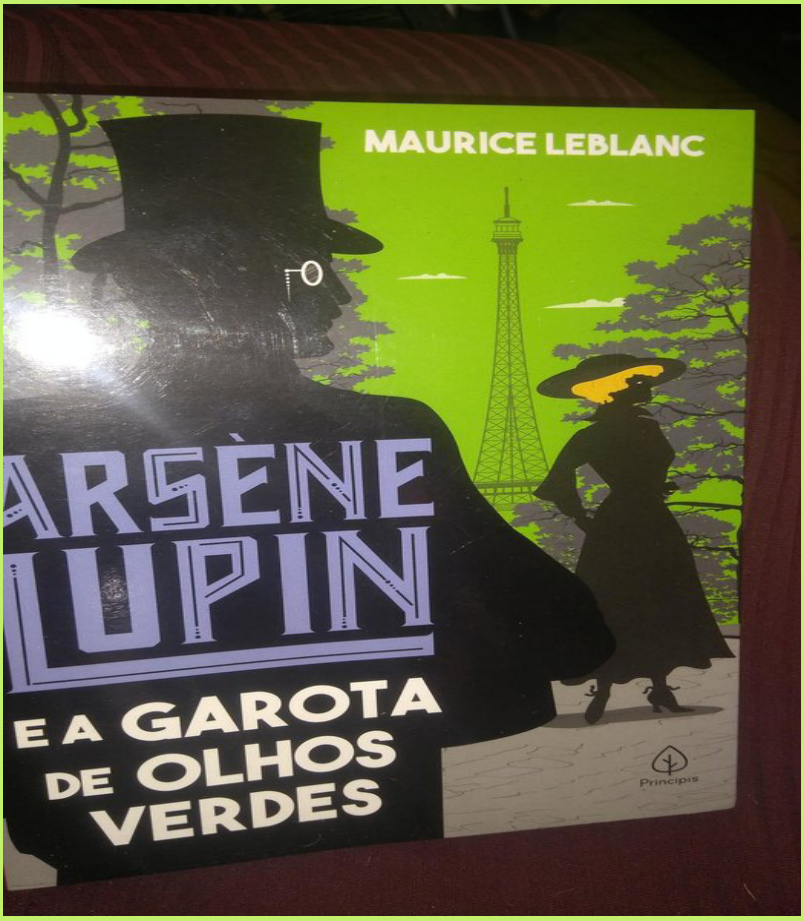
Tal arbitrariedade foi sustentada por séculos: os surdos eram proibidos de utilizar os sinais para se comunicarem, e esse quadro foi revertido há pouco tempo. Porém, os vestígios de tal separação permanecem: a articulação entre ouvintes e a comunidade surda é ínfima e, não obstante, a imposição pela fala é remanescente: no filme, os pais de Sandrine, além de se sentirem culpados pela surdez da filha, a ditaram, diversas vezes, para que ela escutasse, falando mais alto ou mais devagar, a levando a fonoaudiólogos que lhe puseram um aparelho auditivo na expectativa de "curá-la" ou ainda, a introduzindo em uma escola de ouvintes, que de maneira nenhuma atenderiam suas necessidades e que no fim, lhe fizeram aprender bem pouco. Nesse ínterim, Sandrine alega que essa soma de fatos criou entre ela e seus pais uma espécie de barreira, compondo uma relação fria e distante. Todavia, ao conhecer outras pessoas surdas, sentiu-se verdadeiramente acolhida e representada. Ao entenderem sua condição e a tratarem como igual, Sandrine não se via mais inferiorizada devido a sua surdez.

Defini-la como deficiência, tanto a surdez quanto um surdo, é firmar e delimitar um rótulo, o qual a Sandrine não lhe interessa pertencer: ela não é uma pessoa doente e diminuta, e que necessita, nas suas palavras, de uma "reeducação interminável", com a expectativa que precise verbalizar para poder se expressar. De acordo com a mesma, sua "deficiência" é

1 Graduanda em Letras Vernáculas e uma Língua Estrangeira Moderna pela Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: cruz.larissa@ufba.br

uma maneira de distingui-la dos demais, o que potencializa seu discurso pelo direito à língua de sinais como forma de construção identitária e ratifica a possibilidade dos surdos de se comunicarem, não somente entre si, mas também com os ouvintes. Dessa forma, dão margem para que a comunidade surda façam parte e se integrem tal qual da infinitude de conhecimentos que até então eram conhecidos apenas por aqueles que escutavam, bem como participar conjuntamente como agentes da cidadania. Entretanto, para tal aproximação, é necessário, por parte dos ouvintes, determinada abertura.

Sob esse aspecto, as impressões e perspectivas diferenciadas podem ser consideradas um obstáculo para tal coabitação, uma vez que a comunidade surda percebe o mundo distintamente, explorando detalhes sensoriais e visuais além daqueles captados pela audição. Por vezes desconsideradas pelos ouvintes, a expressão corporal e facial dos interlocutores torna-se vital para o surdo, que partilha e nota peculiaridades ainda "menores": consoante Sandrine, o balanço das árvores, a quentura do fogo, os pingos de chuva, etc., o que traceja uma distinção díspar. Sem embargo, sob nenhuma hipótese, tais percepções não deveriam ser empecilho para que a comunidade surda seja integrada à ouvinte. Como qualquer outro ser humano, os surdos têm direitos fundamentais e devem participar ativamente da sociedade com sua voz ou, no caso, a partir dos seus sinais, tão comunicativos e válidos quanto qualquer outro tipo de verbalização. Posto isso, o filme nos convida, tanto ouvintes quanto surdos, a construir uma reação harmoniosa, e isso deve partir de ambos os lados, sobretudo àqueles que se puseram hierarquicamente acima pela sua dita normalidade, estabelecendo assim um intenso (e fervoroso) paradoxo: os ouvintes precisarão escutar os surdos falarem.



ARSÈNE LUPIN: A GAROTA DE OLHOS VERDES

Miguel Carqueija

Resenha do romance policial “Arsène Lupin e a garota dos olhos verdes”, de Maurice Leblanc. Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda., selo Primus, 2021. Título original francês: “La demoiselle aux yeux vert”. Tradução: Francisco José Mendonça Couto.

Desta vez o nome utilizado por Arsène Lupin é Raoul de Limézy. Mais uma vez uma intriga complicada e patética, com antigos segredos de família.

“A jovem quase desmaiou. Compreendia, também ela, o significado de sua perturbação. As vozes do passado, daquele passado misterioso que ela tudo fizera para não esquecer, retiniam dentro dela e à sua volta. Aquilo tudo se chocava contra as muralhas em que o granito se misturava com a lava de antigos vulcões.”

São em geral mulheres perseguidas por passados assustadores e que

vêm a se desvendados por Arsène Lupin, mesmo à custa de riscos enormes, como nesse caso, em que ele e a garota são encurralados numa caverna por um espelho de água que vai subido por força de aparelhos hidráulicos.

O que me irrita em Arsène Lupin é que ele tem praticamente uma mulher por aventura e se apaixona por todas, mas são paixões fugazes. Lupin é um aventureiro galante que se imiscui na vida de donzelas em perigo, como Aurélie, que se refugia num convento para escapar a uma perseguição. Como outras, ela reluta em aceitar a ajuda de Lupin.

“Vá embora. Eu estava em paz aqui. O senhor se imiscuiu em todas aquelas coisas... em todas aquelas coisas infernais.

— Felizmente — disse ele. — E, da mesma forma, vou ter que me imiscuir em todas aquelas que estão sendo preparadas. Pensa que Marescal renunciou à sua pessoa? Ele está no seu encalço atualmente. Vai descobrir suas pegadas até este Convento de Sainte-Marie. Se a senhorita passou aqui alguns anos felizes na infância, como suponho, ele deve saber e virá.”

Geralmente falta inteligência e sobra empáfia nos adversários de Lupín, a quem ele zoa constantemente, como o Marescal dessa história.

Para quem aprecia aventuras anarquistas, os romances da série Lupin são um prato cheio.

Rio de Janeiro, 6 de janeiro de 2023.

SEPÚLVEDA, Luis. **Um velho que lia romances de amor**. São Paulo: Editora Ática, 1993. 94p.

Ronilson de Sousa Lopes[1]

Un viejo que leia novelas de amor é um romance do escritor chileno Luis Sepúlveda, publicado em 1989 em Espanhol e traduzido para o português, no Brasil, como o nome *Um velho que lia romances de amor*, em 1993.

Sepúlveda nasceu na cidade de Ovalle, no norte do Chile no ano de 1949. É um jornalista, escritor e romancista. Foi perseguido pela ditadura Pinochet o que lhe obrigou a exilar-se, fato esse que possibilitou que o escritor trabalhasse em vários países, inclusive no Brasil.

Seus livros são bastante reconhecidos pela crítica e lidos no mundo inteiro, inclusive, Um velho que lia romances de amor foi agraciado com o prémio Tigre Juan, o que significa que a obra foi considerada como a mais importante no ano de sua publicação.

A obra em questão está dividida em oito capítulos sem títulos e conta a história de um velho chamado Antonio José Bolívar Proaño, o qual tem o habito de ler romances de amor, "[...] Me dê um romance bem triste, com muito sofrimento por amor e com final feliz", (SEPÚLVEDA, 1993, p. 21). E que mora em uma pequena cidade chamada El Idilio no meio da floresta Amazônica.

El Idilio tem uma grande confluência de forasteiros, os quais destruíam a floresta e os animais. "Tanto os colonos como os garimpeiros cometiam todo o tipo de erros estúpidos na selva. Depredavam-na sem consideração, e isso fazia com que alguns animais se tornassem ferozes", (SEPÚLVEDA, 1993, p. 39). Até que um dia um colono matou os filhotes de uma onça e esta passou a perseguir e matar os habitantes da cidade, necessitando que Antonio José Bolivar fizesse uma caçada ao animal, o qual é inteligente e astuto, mas será mota final da narrativa.

Como se percebe, o romance é uma crítica à questão ambiental, tornando-se assim, importante para a reflexão sobre a subjetividade animal e o direito dos animais, enfim, a maneira como os seres humanos impõem sofrimentos aos não humanos.

Recomenda-se a leitura. O livro, além de ser muito agradável, permite-nos pensar sobre a convivência entre os seres humanos com os animais, tema bastante relevante para os nossos dias.

---

1 Licenciado em Filosofia (ISTA). Mestrando em Estudos Literários (UNIR) Turma 2019.1. Contato: ronilson.lopes@ifam.edu.br

BIOGRAFIA DO ILUSTRADOR

Mostras de 2 telas antigas de autoria de Ansilgus, são de um engenho da zona canavieira norte de Pernambuco e da Praia da Enseada dos corais, no Cabo de Santo Agostinho, Litoral sul de Pernambuco. Ansilgus, se diz, um curioso na arte da pintura, bem assim da poesia. Brasileiro, viúvo, natural de Recife, Pernambuco; Marceneiro formado na Escola Industrial Governador Agamenon Magalhães, Recife; aprendiz de pintura e poesia; ex-bancário, aposentado. Aprecia os poetas Olavo Bilac, Casimiro de Abreu, Augusto dos Anjos, Ariano Suassuna, Carlos Drummond, Castro Alves, Gonçalves Dias, Cora Coralina, Machado de Assis, e outros, assim como cordelistas Patativa do Assaré, João Martins de Athayde, José Camelo de Melo, Cego Aderaldo, e por aí vai, bem assim grandes nomes da música popular brasileira, como Gilberto Gil, Caetano Veloso, Tom Jobim, Vinicius de Morais, Luiz Gonzaga e outros.

Expediente

Revista Barbante
Vol. X - Nº 52 - 29 de janeiro de 2023
ISSN 2238-1414
QUALIS B5

10 anos da revista Barbante

Editores
Rosângela Trajano
Monalisa Carrilho de Macedo
Samuel de Mattos

Revisão
Dos autores

Conselho editorial
Juli Lima
Sandra Erickson
Beth Iacomini

Ilustrações desta edição
Ansilgus

Diagramação
Rosângela Trajano

Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

Revisão dos autores.

VEM SER FELIZ NA BARBANTE TAMBÉM!!!